



Universidade Federal de Uberlândia - UFU
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - INCIS

CRISTIANE FERNANDES

Cristiane Aparecida Fernandes da Silva

MeMoRiAL
acadêmico descritivo

UBERLÂNDIA, FEVEREIRO DE 2025



Universidade Federal de Uberlândia - UFU
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - INCIS

CRISTIANE FERNANDES

Cristiane Aparecida Fernandes da Silva

MeMoRiAL

acadêmico descritivo

APRESENTADO COMO EXIGÊNCIA PARCIAL PARA
PROMOÇÃO PARA A CLASSE DE PROFESSOR TITULAR
DA CARREIRA DE MAGISTÉRIO SUPERIOR, NO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE UBERLÂNDIA - Incis/UFU

UBERLÂNDIA, FEVEREIRO DE 2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586m Silva, Cristiane Aparecida Fernandes da, 1974-
2025 Memorial acadêmico descritivo [recurso eletrônico] / Cristiane
Aparecida Fernandes da Silva. - 2025.

Memorial Descritivo (Promoção para classe E - Professor Titular) -
Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Ciências Sociais.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5100>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de
Uberlândia. Instituto de Ciências Sociais. II. Título.

CDU: 378.124

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408

Comissão Especial para avaliação de titularidade na carreira

Integrantes externos à UFU

Prof. Dr. Domingos Sábio Abreu - UFC - Universidade Federal do Ceará

Prof.a Dr.a Eunice Almeida da Silva - USP - Universidade de São Paulo (suplência)

Prof. Dr. Márcio Bonesso - IFTM - Instituto Federal do Triângulo Mineiro (suplência)

Prof.a Dr.a Régia Cristina Oliveira - USP - Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Sidney Jard da Silva - UFABC - Universidade Federal do ABC

Integrantes internos à UFU

Prof.a Dr.a Marili Peres Junqueira - INCIS/UFU - Universidade Federal de Uberlândia
(presidenta)

Prof.a Dr.a Beatriz Ribeiro Soares - IGESC/UFU - Universidade Federal de Uberlândia
(suplência)

A minha florzinha Larinha e
ao meu amore Dieguinho,
serezinhas de luz
em meu caminho.

Agradecimentos

Um Memorial é composto por acontecimentos pretéritos referidos a um sujeito, mas cujas experiências lhe transcendem, pois essas não foram vividas e elaboradas de modo solipsista pelo sujeito narrador, um acontecimento só há porque fora (pro)movido em conjunto com outros seres para além do narrador e que com ele estiveram. Destarte, é condição *sine qua non* desta produção elencar e agradecer as instituições e as pessoas que participaram do meu percurso acadêmico.

Em primeiro lugar, a sociedade brasileira, grande provedora e paladina da educação pública, gratuita e de qualidade, a quem devemos a mais profunda gratidão.

A todas as escolas públicas onde estudei em São Paulo, Mato Grosso, Rio de Janeiro e Paraná, com destaque para a Escola Estadual Kreen Akarore em Guarantã do Norte/MT e meus saudosos professores da 7a e 8a séries Almir Arantes, Antônio Tadeu Gomes de Azevedo, Celso Luís dos Santos e Sérgio Cesaro, que me ensinaram a ver, sensibilizar-me e lutar contra as desigualdades sociais.

À Universidade Federal de São Carlos (UFScar), à Universidade de São Paulo (USP), à Université de Provence - França, à UFABC, com agradecimentos especiais para as minhas queridas orientadoras: Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins, a quem sou muitíssimo grata por ter me inserido e me conduzido com profissionalismo e empatia no mundo da pesquisa durante a minha Iniciação Científica na graduação no curso de Ciências Sociais da USP. Maria Helena Oliva Augusto, minha orientadora de mestrado e doutorado na USP, a quem serei sempre imensamente agradecida pela orientação cuidadosa, garantindo rigor e qualidade nas produções de minhas duas pesquisas. Ao meu supervisor do Programa de doutorado na França, Yves Schwartz, que cortesmente me acolheu em terras estrangeiras e com quem cultivei muitos saberes. A minha supervisora de pós-doutorado, Vânia Carneiro de Carvalho, que solicitamente me recebeu no Museu Paulista, onde desenvolvi de modo profícuo a minha pesquisa.

À Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que me acolheu desde 2009 e onde venho tendo muitos aprendizados em diferentes âmbitos: ensino, pesquisa, orientação, extensão e gestão. Meus agradecimentos ao Instituto de Ciências Sociais (Incis/UFU), onde desenvolvo a minha vida acadêmico-profissional. As/aos secretárias/os, em particular Jacqueline de Andrade, Nicemara Cardoso Silva e Camila de Mattos Faleiros, que muito nos auxiliam de modo competente nos trâmites burocráticos do Instituto. A todas(os) colegas do Incis com quem compartilho(ei) minhas experiências de

docente e pesquisadora, especialmente Debora R. Pastana, Márcio Ferreira de Souza, Marili P. Junqueira, Luciano S. P. Barbosa, Moacir de Freitas Júnior, Mônica Chaves Abdala e Eliane Schmaltz Ferreira, que estiveram comigo desde 2009 e, com destaque para os/as três primeiros/as que me apoiaram durante o meu período desafiador de gestão na Coordenação de curso da graduação em Ciências Sociais (Cocis/UFU).

Agradeço às agências de fomento à pesquisa: CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), que me concedeu bolsas para as minhas pesquisas de Iniciação Científica (1997-1999), mestrado (2000-2002), doutorado (2003-2007) na USP; CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que me apoio no Programa de doutorado na França (2005-2006); IPEP (Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa), nas pesquisas sobre justiça do trabalho e do PLANFOR (Plano Nacional de Formação Profissional) que desenvolvi na FEA/USP (Faculdade de Economia e Administração) e FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas) (1999-2000) e Fapemig (Fundação de Desenvolvimento do Estado de Minas Gerais), que nos concedeu apoio para uma pesquisa conjunta no Incis/UFU desenvolvida de 2017 a 2020, fornecendo bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e de Apoio Técnico (BAT) a discentes da UFU, bem como cobrindo custos para aquisição de equipamento e participação em congressos nacionais. Foram apoios imprescindíveis que nos propiciaram oportunidades de intensa dedicação à pesquisa.

Gratidão às/aos integrantes da minha banca de defesa de titularidade: Beatriz Ribeiro Soares (UFU), Eunice Almeida da Silva (USP), Domingos Sábio Abreu (UFC) e Márcio Bonesso (IFTM) que, mesmo sem nos conhecermos, aceitaram amistosamente os convites para integrarem a banca após serem primeiramente convidados por Marili Peres Junqueira e Régia Cristina Oliveira. Expresso enorme gratidão pelo aceite de Régia Cristina Oliveira (USP) e Sidney Jard da Silva (UFABC), amiga e amigo cientistas sociais desde os tempos memoráveis da graduação na USP. Sou imensamente grata à Marili Peres Junqueira (UFU), que montou essa banca comigo, aceitou sua presidência e tem sido a minha estrela-guia nos meandros didático-burocráticos da UFU.

À minha mãezinha Neide, mulher guerreira e batalhadora, uma referência de luta e persistência que trago comigo. Ao meu pai Nelson, *in memoriam*, homem que sempre respeitou a terra e a floresta, espelho para os meus valores de reverência diante da natureza. Aos meus irmãos Nerto e Tim, com quem convivi as peripécias de meninice com disputas e afetos. Família e amigos(as) são tantos(as) que não caberiam neste final de página: gratidão imensurável às pérolas que brilham e colorem a minha vida: Ba, Lu, Diego, Lara e, *in memoriam*, Eponina e Joana.

Preâmbulo

Redigir um Memorial acadêmico descritivo é algo que mexe e remexe com a nossa subjetividade, uma luta incessante entre apresentar informações objetivas e elucidativas para registrar a vida acadêmico-profissional, mas ao mesmo passo, somos atingidos por um turbilhão de reminiscências que provocam o nosso lado racional, suscitando nostalgias, (des)afetos, vivências que nos tocaram e nos formaram quem somos hoje.

Narrativa de acontecimentos do passado remete a falar do tempo, daquilo que se foi, mas que nos imprimiu algum tipo de marca, seja de conquistas, seja de perdas, sobre as quais o ato de rememorar vasculha em baús com registros em papeis ou em telas na forma de letras, imagens, cerimônias, cicatrizes ou mesmo em sinais invisíveis que, por vezes, parecem verter do âmago do narrador.

Lembrar também é: ouvir, ver, cheirar, degustar, tocar, sentir. Lembrar só é possível por conta do deslembrar, memória que fica resulta de um trabalho refinado de decantação sobre o que importa. Como escolher o que vai e o que fica? O lattes é a métrica, mas a narrativa e a ênfase das passagens vividas é o sujeito lírico quem classifica.

Narrar nas fendas do tempo por vestígios que ficaram no baú das lembranças. (Re)virar o passado pelo avesso até encontrar fios soltos para tecer a narrativa desse Memorial. São as marcas que trazem a presença de um tempo que já não existe mais, assim a escrita de memórias é uma peleja em resistir a dissonância de lembranças que constituíram o sujeito lírico.

De dentro do mundo que nos habita, selecionar vivências que importam para a academia, essa instituição científica guardiã da racionalidade e da dita neutralidade axiológica. Por certo que essa seleção é de natureza híbrida, meio racional e meio emocional, feito Emília de Monteiro Lobato: meio boneca e meio gente.

A primeira sensação dessa tarefa é a de sermos miúdos diante da imensidão de um mundo quase inteiro dentro de nós, nós que, parafraseando o poema “O valioso tempo dos maduros”: mais tempo tivemos para trás do que teremos para frente, somos “muito mais passado do que futuro”¹.

Lembranças, algumas nostálgicas outras intempestivas...Rememorar o outrora: algumas lembranças chegam tilintando outras são só relampejos...

Imbuídos de tal agitação, como conseguir transubstanciar em palavras essa avalanche de pensamentos, que em fragmentos se atravessam, conectam-se e desconectam-se, todos ao mesmo tempo, trazendo-nos mais indagações do que certezas?

Cheguei a pensar que escrever uma tese seria mais adequado por se tratar de um estilo de escrita ao qual estamos mais habituados, todavia, optei por me dar o desafio de materializar em palavras as memórias mais marcantes do meu percurso acadêmico, mesmo correndo o risco de simplificar minhas experiências.

Sem dúvida se trata de uma oportunidade ímpar para sistematizar elementos de vida que parecem impalpáveis, inatingíveis, mas que de um modo ou de outro acabam mostrando senão a integralidade de nossas experiências, pistas do que fomos, do que somos e do que seremos enquanto docentes e pesquisadores.

"Grande sertão: veredas", de Guimarães Rosa (2019, p. 248), nos ajuda a refletir sobre essa façanha do rememorar, onde a atividade mnemônica é permeada por um processo de ciranda por parte do sujeito narrador, enlevado por vivências que nunca vêm por inteiro; ao descrever suas travessias, o protagonista Riobaldo diz:

se vê o sertão do mundo [...]

Mas conto menos do que foi: a meio, por em dobro não contar. Assim seja que o senhor uma ideia se faça. Altas misérias nossas. Mesmo eu - que, o senhor já viu, reviro retentiva com espelho cem-dobro de lumes, e tudo, graúdo e miúdo, guardo - mesmo eu não acerto no descrever o que se passou assim, passamos, cercados guerreantes [...] nanje os dias e as noites não recordo [...] Só foi um tempo. Só que alargou demora de anos [...] Agora, que mais idoso me vejo, e quanto mais remoto aquilo reside, a lembrança demuda de valor - se transforma, se compõe, em uma espécie de decorrido formoso. Consegui o pensar direito: penso como um rio tanto anda: que as árvores das beiradas mal nem vejo... Quem me entende? O que eu queria. Os fatos passados obedecem a gente; os em vir, também. Só o poder do presente é que é furiável? Não. Esse obedece igual - é o que é [...] é lavar ouro.

¹ - Paira certa polêmica sobre a real autoria desse poema, também intitulado “Tempo que foge”, atribuído ao nosso Mário de Andrade, à Rubem Alves e à Ricardo Gondim; mas referências recentes mencionam Mário Coelho Pinto de Andrade, filólogo, sociólogo, ensaísta e ideólogo anticolonial angolano.

Embora saiba que a vida acadêmica não seja totalmente linear, preferi traçar uma narrativa cronológica, pois a cronologia ajuda-me a organizar melhor os fatos vividos na produção da docente e pesquisadora que fui tornando-me ao longo dos anos.

Duas partes estruturam este Memorial por razões temporais: a primeira chamada "Origem, formação e vida acadêmica" retrata traços da minha vida de criança e adolescente na década de 1980, pontuando diversas experiências que entendo terem me aguçado o interesse pela área das Ciências Sociais e depois, na década de 1990 até 2008, apresenta traços memoráveis da minha vida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), na USP, e na UFABC.

Essa primeira parte do Memorial não foi encerrada em 2008 por motivo fortuito, mas por ter sido efetivamente escrita naquele ano, quando a produzi como um dos documentos requisitados para participar de um concurso para docente em Sociologia na Unifesp de Guarulhos. Não obstante, ela nunca foi apresentada, pois no dia de sua entrega e realização das provas, a cidade foi assolada por uma grande enchente, que levou à interdição de muitas vias públicas, razão da minha chegada até a universidade com minutos de atraso, quando vi o portão fechar-se antes que eu pudesse entrar.

Mantive essa primeira parte do texto, escrito em 2008, apenas corriji alguns pontos ortográficos, flexionei os verbos dos dois últimos tópicos, do tempo presente para o pretérito, visando conferir mais fluidez à leitura do Memorial, e incluí notas de rodapé explicativas atualizando algumas informações. Penso ser valiosa a manutenção dessa narrativa escrita há 17 anos, por certo ela é mais sensível a uma memória plena dos sentidos vividos pela narradora sobre a época retratada.

A segunda parte do Memorial intitula-se "Percurso acadêmico-profissional na Universidade Federal de Uberlândia: pesquisa, docência e gestão", e expõe a minha trajetória de 2009 a 2024. Foi escrita entre final de dezembro de 2024 e início de fevereiro de 2025, em período de férias da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com vistas a apresentar um Memorial como exigência parcial para o concurso de títulos e provas visando provimento no cargo de docente titular no Instituto de Ciências Sociais da UFU.

Não reproduzi o protocolo da ABNT com um texto contendo Introdução e Conclusão, optei por este Preâmbulo no início e Perspectivas Futuras no final, haja vista não haver exatamente, ao meu ver, um começo, um meio e um fim em minha trajetória

acadêmico-profissional, cujo delineamento no tempo-espço ainda se encontra em construção.

Um aspecto relevante na constituição de um Memorial é o seu caráter de amálgama entre acontecimentos coletivos e experiências individuais. Ao tratar sobre o imbricamento entre as memórias coletiva e individual, Halbwachs (1990, p. 9-10) emite a seguinte consideração: “é impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomamos para ponto de aplicação os quadros sociais reais que servem de pontos de referência nesta reconstrução que chamamos memória”.

Compartilhando dessa perspectiva delineada por Halbwachs, ao longo deste Memorial, serão abordados os quadros sociais de referência do meu percurso acadêmico-profissional, desde a família até as escolas e universidades.

O valor das coisas
não está no tempo que elas duram,
mas na intensidade com que acontecem.

Por isso existem
momentos inesquecíveis,
coisas inexplicáveis
e pessoas incomparáveis

Fernando Pessoa

Lista de Siglas

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas
ALAS - Associação Latino-Americana de Sociologia
ALAST - Associação Latino-Americana de Estudos do Trabalho
ANPUH - Associação Nacional de História
BAT - Bolsa de Apoio Técnico à Pesquisa
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBPQSP - Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo
CD - Disco Compacto
CDD - Classificação Decimal de Dewey
CDU - Classificação Decimal Universal
CISO - Encontro Norte e Nordeste de Ciências Sociais
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Cocis/UFU - Coordenação do Curso e Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia
Coextincis/UFU - Coordenação de Extensão do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia
Coincis - Conselho do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia
Colcocis - Colegiado do Curso de Graduação do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia
CONEDU - Congresso Nacional de Educação
Congrad/UFU - Conselho da Graduação da Universidade Federal de Uberlândia
CONSEX/UFU - Conselho Superior de Extensão da Universidade Federal de Uberlândia
COPOA/UFU - Coordenação Institucional do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Uberlândia
CPT - Comissão Pastoral da Terra
Crusp/USP - Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo
DEPAE/UFU - Divisão de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial da Universidade Federal de Uberlândia
DIAED - Divisão de Assuntos Educacionais
DIFDI/UFU - Divisão de Formação Discente da Universidade Federal de Uberlândia
Dirac - Diretoria de Administração e Controle Acadêmico
Diren/UFU - Diretoria de Ensino da Universidade Federal de Uberlândia
Dirincis/UFU - Diretoria do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia
DLIFO/UFU - Divisão de Licenciaturas e Formação Docente da Universidade Federal de Uberlândia
DVD - Disco Digital Versátil

EIFORPECS - Encontro Internacional de Formação de Professores e Estágio Curricular Supervisionado

Enade - Exame Nacional de Desempenho de Estudantes

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FAFCS/UFU - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de Uberlândia

FAPEMIG - Fundação de Desenvolvimento do Estado de Minas Gerais

FEA/USP - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo

FFLCH/USP - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

FIPE - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas

FUVEST - Fundação Universitária para o Vestibular

GT - Grupo de Trabalho

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFTM - Instituto Federal do Triângulo Mineiro

IGESC/UFU - Instituto de Geografia e Saúde Coletiva da Universidade Federal de Uberlândia

Incis/UFU - Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia

Incrá - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPEP - Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa

ISSN - Número de Série Padrão Internacional

Jubra - Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira

Lesoc - Laboratório de Ensino em Ciências Sociais

MEC - Ministério de Educação e Cultura

MECS - Metodologia de Ensino em Ciências Sociais

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MTP - Métodos e Técnicas de Pesquisa

NDE - Núcleo Docente Estruturante

Nipiac - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e a Adolescência Contemporâneas

Nucleas - Núcleo de Estudos das Américas

Nupecs/UFU - Núcleo de Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia

PBG - Programa de Bolsa de Graduação

PCD - Pessoa com Deficiência

PEA - População Economicamente Ativa

PET - Programa de Educação Tutorial

Pibic - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PIPE - Projeto Integrado de Prática Educativa

PLANFOR - Plano Nacional de Formação Profissional

PNAES - Política Nacional de Assistência Estudantil

PPC - Projeto Pedagógico do Curso
PPGCS/UFU - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia
PPGRSOCIO ou ProfSocio - Programa de Pós-graduação em Sociologia em Rede Nacional - Mestrado Profissional em Sociologia
PROEXC/UFU - Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia
Prograd/UFU - Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal de Uberlândia
PROINTER - Projeto Integrado em Sociologia
PROPP/UFU - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia
SBS - Sociedade Brasileira de Sociologia
Seger/UFU - Secretaria Geral da Universidade Federal de Uberlândia
SEI - Sistema Eletrônico de Informação
SG - Sistema de Gestão
SIC - Simpósio de Iniciação Científica
Siex - Sistema de Informação de Extensão da Universidade Federal de Uberlândia
Sintep - Sindicato dos Trabalhadores da Educação Pública
SPSS - Statistical Package for the Social Sciences
TCC - Trabalhos de Conclusão de Curso
TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
TIC's - Tecnologias da Informação e da Comunicação UDR - União Democrática Ruralista
UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFABC - Universidade Federal do ABC
UFBA - Universidade Federal da Bahia
UFC - Universidade Federal do Ceará
UFPA - Universidade Federal do Pará
UFPI - Universidade Federal do Piauí
UFPR - Universidade Federal do Paraná
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar - Universidade Federal de São Carlos
UFU - Universidade Federal de Uberlândia
Unesp - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
UNICamp - Universidade Estadual de Campinas
UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo
Unimontes/MG - Universidade Estadual de Montes Claros de Minas Gerais
USP - Universidade de São Paulo

PRIMEIRA PARTE
ORIGEM, FORMAÇÃO E VIDA ACADÊMICA
(década de 1980 a 2008)

1 Meio socioeducacional: produção de valores e escolhas	18
2 Curso universitário: uma socióloga em formação (1994-1999)	24
3 Produzindo pesquisas (1997-2007)	28
3.1 Iniciação Científica (1997-1999)	28
3.2 Aperfeiçoamento – o PLANFOR e a Justiça do Trabalho (1999-2000)	30
3.3 Mestrado – Dilemas profissionais do jovem operário (2000-2002)	33
3.4 Doutorado – Gestão de si e normas no trabalho (2003-2007)	36
3.5 Produções Científicas na Pós-graduação (2003-2007).....	41
4 Iniciando experiência na docência – UFABC (2007-2008).....	45
5 Projeto de Pós-Doutorado – O corpo e as tecnologias	47

SEGUNDA PARTE

PERCURSO ACADÊMICO-PROFISSIONAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA:
PESQUISA, DOCÊNCIA E GESTÃO
(2009-2024)

1 Pesquisa e compartilhamento de saberes.....	51
2 Docência e formação de pesquisadores	62
3 Extensão universitária	68
4 Produção técnica	72
5 Gestão institucional e participação colegiada	74
Perspectivas futuras	82
Referências bibliográficas citadas	84
Apêndice	92

PRIMEIRA PARTE

ORIGEM, FORMAÇÃO E VIDA ACADÊMICA
(década de 1980 a 2008)

1 Meio socioeducacional: produção de valores e escolhas

Nos idos dos anos de 1980 vivi a minha infância em uma cidade ribeirinha do interior de São Paulo, em Presidente Epitácio, à beira do rio Paraná, divisa com Mato Grosso do Sul. Foi um tempo saudoso, ao lado de minha tia balzaquiana, que bordando seu enxoval ensinava-me modinhas folclóricas e religiosas. Minha avó, sempre zelosa pela educação de seus netos, protegia-nos enquanto nossos pais ofereciam sua força-de-trabalho não qualificada às senhoras e aos senhores abastados da cidade e do campo.

Cresci ouvindo as histórias de um grande contista brasileiro e mestre da literatura infantil, Monteiro Lobato, não por meio de livros, mas pela televisão, já que a minha avó era analfabeta e a minha tia não dispunha de familiaridade com o mundo das letras. Enquanto essa esmigalhava a comida para nos alimentar, meus dois irmãos e eu ficávamos vislumbrados e encantados com as peripécias dos personagens do “Sítio do Picapau Amarelo”. Já naquela época era perceptível a minha fascinação em observar as diferentes atitudes das pessoas, o quanto cada personagem detinha sua própria singularidade, sempre aliada ao seu meio social; todavia, a ousadia de Emília, a boneca falante de pano, era a que mais me despertava a atenção.

Meio gente e meio brinquedo, as atitudes dessa boneca de pano, aliadas ao comportamento inquieto e questionador de meu pai e à força persistente de minha mãe, aos poucos, foram referenciando valores e certas escolhas minhas, sobretudo, manifestas na adolescência, período de conflitos familiares e sociais. Antes, porém, houve o tempo de aparente calma na infância.

Aos seis anos de idade entrei para uma escola pública, o Centro Educacional SESI, onde cantando o hino nacional, fazendo fila para entrar na sala de aula e "rezando" a cartilha “Caminho Suave” (1970), de Branca Alves de Lima, foi dado andamento a minha alfabetização, já iniciada ao lado de minha mãe havia uns dois anos. A prática pedagógica das professoras do SESI reproduzia o clima político que vivíamos no país: aprendizado pela repetição e sem questionamento (o oposto da atitude de Emília), salas de aula divididas entre os que tinham melhor e pior desempenho, coincidindo com a

divisão dos estratos de classes sociais em um tempo em que não existiam escolas particulares na cidade.

O sistema de governo de então representava algo muito equidistante para mim, lembro-me apenas de um presidente da república chamado João Figueiredo (1918-1999), a quem minha família tratava com certa reverência como se fosse um Papa. Em minha casa e na escola, nunca houve uma manifestação sequer de crítica às decisões desse personagem, devíamos a ele tão-somente obediência e mesmo agradecimentos por garantir a “soberania nacional”.

Até à 6ª série do Ensino Fundamental, frequentei “escolas tradicionais” em minha cidade natal, cuja postura autoritária era emblemática. No final de 1987, com treze anos de idade, depois de, ao lado da minha família, termos nos acampado em vão junto ao MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), mudamo-nos para o Estado do Mato Grosso, divisa com o Pará, onde desbravando terras, agraciadas pelo Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), minha família tentaria concretizar o sonho de meu pai: ter um pedaço de chão. Lá permanecemos por um ano, infundável para mim já que por falta de escola na zona rural tive de interromper meus estudos.

O enclausuramento na misteriosa e exuberante floresta levou-me a recompensar a falta dos estudos com a leitura de importantes autores da literatura brasileira. Nessa oportunidade pude deliciar-me ao sabor de: Eça de Queiroz, José de Alencar, Machado de Assis, Manuel Bandeira, Mário de Andrade. Também comecei a produzir escritos, como: poesias, contos e até um romance, divulgados apenas no circuito familiar e de amizade. Dentre as leituras que tive acesso, a mais curiosa foi aquela advinda de Neimar de Barros, com a famosa obra *best seller* “Deus Negro” (1973). Embora o propósito desse livro fosse o de reafirmar a religiosidade, comigo o efeito foi inverso, comecei a questionar o papel do sagrado no cotidiano das pessoas; o que trouxe certos desentendimentos para o meu relacionamento com a minha mãe (uma religiosa sincrética), enquanto o meu pai (um ateu confesso) recebera a notícia com ares de naturalidade.

No ano seguinte, em 1989, a temporada na floresta amazônica findou-se quando, impossibilitados de nos manter sobre uma terra sem meios auto-sustentáveis, mudamos-nos para uma pequena cidade distante vinte e cinco quilômetros, onde finalmente eu voltaria a estudar, depois de muita insistência junto ao meu pai. A partir de então, comecei a usufruir de experiências decisivas para a formação de meus valores.

Para concluir o Ensino Fundamental II, fui matriculada na Escola Estadual de Primeiro Grau “Kreen Akarore” (que significa “homens gigantes”, nome dos índios também conhecidos por Krenakore, Panará ou Caiapó do Sul, habitantes da região de Guarantã do Norte, e que em decorrência da construção da estrada Cuiabá-Santarém em 1973 foram, praticamente, dizimados por doenças e massacres do “brancos”), onde alguns professores tornaram-se meus conselheiros, tanto na compreensão da realidade política do país quanto no engajamento social.

Historiadores e professores de Língua Portuguesa e de Educação Física, juntos formavam uma equipe de quatro pessoas com proposta de transformação da sociedade, atuando, sobretudo, por meio da educação de adolescentes. Admirando e acreditando nessa causa, tornei-me uma aliada ativa. Ao lado deles conheci as sessões da Câmara Municipal, habituada a deliberar na intransparência; participei da CPT (Comissão Pastoral da Terra), onde vários de seus integrantes eram ameaçados de morte pelos fazendeiros da região dada a sua postura de defesa pelos direitos dos camponeses; produzimos e apresentamos peça de teatro para toda a cidade contando o massacre dos índios Kreen Akarore; fiz “boca-de-urna” para partido político de esquerda, enfrentando desavenças com o meu pai, na época um conservador político; lecionei para a educação maternal, recusando as práticas pedagógicas conservadoras das professoras como o uso de desenhos prontos reproduzidos pelo mimeógrafo. De tudo que planejamos fazer para interferir na configuração sócio-política da cidade, o maior desafio foi abortado: revolucionar a sociedade pela distribuição de rendas, de cultura e de poder.

Durante esse período, por indicação desses professores, tive acesso a autores e obras de cunho político, tais como: Frei Betto (1990); encartes sobre Che Guevara; “A Revolução dos Bichos” (1984), de George Orwell; “Olga” (1986), de Fernando Morais; “O Manifesto do Partido Comunista” (1984), de Karl Marx e Friedrich Engels. Conhecer as realidades retratadas por esses autores e nesses livros, tomados de empréstimo dos professores, levou-me a questionar os limites daquela pequena cidade, sobretudo a escassez das prateleiras das duas bibliotecas escolares, únicas no município.

Relendo as dezenas de páginas manuscritas e datilografadas que guardo desse período (1989 a 1991) tratando sobre questões sociais (opressão de classe, de raça/etnia, de gênero), em uma delas, redigida em 1990, escrevi:

É chegado o momento de mudar,
mudar o nosso Brasil,
mudar a maneira de se viver,
criar um mundo nosso,
onde todos tenham o direito de
comer,
vestir-se,
divertir-se,
estudar,
lutar...
Um mundo da maioria e não da minoria.
Um mundo onde todos tenham o direito de viver
de bem consigo mesmo...
Uma terra nossa - do povo,
Onde espalharemos o espectro da igualdade...
Para todo o mundo...
Essa conquista dar-se-á através da Revolução do povo.

Seguindo com a leitura desses manuscritos, deparei-me com um auto-testemunho lamentando o meu distanciamento em relação aos colegas adolescentes, que não se envolviam com questões políticas. Mais adiante encontrei uma capa de caderno escolar com minhas colagens manuais de figuras e dizeres de Che Guevara (Cem Flores, 1960, s/p) dirigindo-se a estudantes de medicina, que, de certo modo, elucidam esse meu sentimento:

... me dei conta de uma coisa fundamental: para ser médico revolucionário ou para ser revolucionário, a primeira coisa é ter revolução. De nada serve o esforço isolado, o esforço individual, a pureza de idéias, o afã de sacrificar toda uma vida a mais nobre das idéias, se esse esforço é feito sozinho, solitário, em algum rincão da América, lutando contra os governos adversos e as condições sociais que não permitiam avanços.

Trazendo essa reflexão de Che Guevara para Guarantã, também me dei conta de que: éramos poucos!

Para cursar o Ensino Médio, tive de mudar de escola, onde voltei a ter contato com professores conservadores e descomprometidos com o social. A recusa por essa situação e o desalento pela separação dos meus professores-amigos (que, premidos pela falta de salário e sob ameaças de morte das autoridades da região, deixaram a cidade), levou-me a incitar o meu pai a mudarmo-nos para uma cidade maior. Decidimos morar em Cuiabá, a primeira capital que conheci, cidade grande a perder de vista, com conflitos sociais explícitos: meninos de rua, prostituição, roubos, mas também movimentos sociais fortes, especialmente os da educação. Foi nesse setor que consegui um emprego de secretária, na Secretaria de Comunicação e Formação Sindical do Sintep (Sindicado dos Trabalhadores da Educação Pública), espaço que me favoreceu a

participação em congressos e reuniões onde eram deliberadas políticas de ação da categoria.

Estudando no primeiro ano do Ensino Médio Normal (Propedêutico) à noite e trabalhando (para ajudar nos proventos da família) durante o dia no sindicato, ou seja, transitando entre dois mundos, passei a compreender que a educação era uma causa integral que deveria unir interesses dos discentes e dos docentes. Nessa circunstância, subi aos palcos escolares para convocar os alunos a participarem do movimento dos professores em prol da educação. Por acreditar na causa da luta pela qualidade de ensino, também participei do movimento estudantil secundarista com o intuito de ajudar a somar forças e, sobretudo, recusar a suposta “apatia” juvenil dos anos de 1990.

A convivência com militantes professores e alunos favoreceu-me o acesso à leituras voltadas para movimentos políticos ligados ao meio ambiente, como encartes sobre Chico Mendes, produzidos pelo Comitê de Apoio aos Povos da Floresta. Também nesse ínterim, fui atraída pelas concepções contestadoras contra o autoritarismo político e cotidiano, de Roberto Freire e Fausto Brito, em sua obra “Utopia e Paixão - a política do cotidiano” (1991).

Em 1992, por motivo de doença de minha mãe e falta de estrutura de saúde pública em Cuiabá, regressamos para a nossa cidade natal. Já no segundo ano do Ensino Médio, novamente tive de conviver com professores com posturas reacionárias. Meu professor de Sociologia, por exemplo, um fazendeiro moralista, adepto da UDR (União Democrática Ruralista) e formado em Direito, ministrava em suas aulas conteúdo de “Educação Moral e Cívica” aos moldes do período da ditadura militar. Recusando esse ambiente degradante intelectualmente, de novo, refugiei-me, nas letras. Foi então que, na casa tranquila de minha avó, pude conhecer novas obras, destaco aquelas voltadas as áreas das relações agrárias e da educação, como: “Modo Capitalista de Produção” (1990), de Ariovaldo Umbelino de Oliveira, e “Educação e desigualdade social” (1985), de Lia Rosenberg.

Embora as prateleiras da biblioteca municipal dessa pequena cidade ribeirinha contassem com títulos importantes, a convivência em um meio escolar de reprodução das estruturas sociais levou-me a partir para Curitiba. Nesta nova capital, tive a oportunidade de expandir as minhas referências culturais, apreciando: orquestra sinfônica no Teatro Guaíra e música popular brasileira no *walkman* durante as longas jornadas à pé entre casa-trabalho-escola. Período em que pude sentir o quanto as letras

desse estilo musical revelavam e denunciavam a realidade social, portanto, podendo servir de instrumento de intervenção. Ademais, continuei a participação no movimento dos profissionais da educação, marcando presença nas manifestações públicas, pois a educação sempre representou para mim uma forma de, paulatinamente, melhorar as relações sociais desiguais.

Todavia, meu aprendizado escolar continuava contando com professores pouco comprometidos com a miséria brasileira. Na busca por um lugar onde pudesse praticar a transformação da sociedade, durante o Ensino Médio morei em quatro diferentes capitais brasileiras: Cuiabá, Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo. Percurso em que jamais encontrei educadores que concebessem a sua profissão como missão de transformação social; não obstante, cumpri a grade curricular e, finalmente, anunciou-se a possibilidade de frequência a um curso de graduação.

Em virtude do interesse pela compreensão da sociedade e das relações sociais, a Sociologia já havia revelado-se, desde o início do Ensino Médio, a área de conhecimento de minha predileção para o curso universitário. Tendo em vista que sempre frequentei escolas públicas, sendo os últimos anos realizados no período noturno, em quatro Estados do país (ocasionando descontinuidade nos conteúdos programáticos), sem poder arcar com os custos de um curso preparatório para o vestibular, hesitei diante da possibilidade de ingresso em uma universidade pública.

Não obstante as dificuldades anunciadas, diante de insistência e incentivo do meu companheiro, assenti na decisão da minha inscrição no processo seletivo da FUVES (Fundação Universitária para o Vestibular) para a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Feita a inscrição, tomei de empréstimo livros de bibliotecas municipais e de uma amiga (recém aprovada no mesmo processo seletivo), e passei a estudar, arduamente, conforme meus próprios métodos. No final de 1993, prestei o vestibular para Ciências Sociais na UFSCar. Para a minha grande surpresa e júbilo, havia sido aprovada, lembro-me de ter recebido essa notícia do jornal que comprei em uma banca na praça Roosevelt no Centro de São Paulo, estando eu sozinha na cidade partilhei minha euforia com o vendedor desconhecido da banca de jornal. Ainda guardo em minhas pastas de recordações impressas esse jornal (Folha de S. Paulo, Especial A-4, 23/12/1993, matrícula 3412988, e Cotidiano 3-9, 18/02/1994), as provas, gabaritos e as notas que obtive nas duas fases desse vestibular.

2 Curso universitário: uma socióloga em formação (1994-1999)

Ingressei na graduação em Ciências Sociais em 1994 na UFSCar. O curso era integral, exigia frequência às aulas durante o dia todo. Por morar no alojamento estudantil dentro do *campus* universitário, podia dedicar-me exclusivamente aos estudos. A grade curricular era variada, contendo tanto os componentes curriculares básicos Sociologia, Antropologia e Ciência Política quanto Epistemologia, Comunicação e Expressão, Biologia, Física e Química. Apesar da fascinação por temas afins, era pelos clássicos da Sociologia que eu mais me sentia atraída: “fato social” em Durkheim (1973), “tipos de dominação” e “ação social” em Weber (1994) e “divisão do trabalho” e “classes sociais” em Marx (1984, 1983, 1977). Finalmente, configurava-se um espaço onde, ainda que não houvesse a intervenção social direta, fazia-se presente a crítica social por parte dos professores.

Além dos componentes obrigatórios, também frequentei um curso extracurricular, intitulado “Enriquecimento Curricular sobre o Pensamento de Marx”, que contava com leituras de obras desse pensador, um ambiente com discussões instigantes e um público bastante interessado. Apesar da base de formação marxista, germinada no Mato Grosso, a aceitação pelo aprendizado weberiano, nessa universidade, também foi favorecida graças às aulas ministradas pelo professor Valter Roberto Silvério, um sociólogo apaixonado por Weber, seu encantamento despertou-me o interesse por essa corrente de pensamento.

Enquanto cursava o primeiro ano da graduação na UFSCar, estagiei, durante quatro meses, no Centro de Educação e Ciências Humanas do Departamento de Ciências Sociais, informatizando o acervo do recém criado Núcleo de Pesquisa e Documentação. Essa monitoria não se restringia a funções técnicas voltadas para a Biblioteconomia, mas incluía leitura dinâmica dos títulos do Centro para a produção de resumos e palavras-chave; o que estimulava a minha dedicação a essa atividade.

A atmosfera acadêmica da UFSCar era bastante produtiva, com debates constantes entre o corpo docente e discente, participação em eventos científicos, locais e regionais, e mobilização do movimento estudantil. Entretanto, havia certas limitações como o reduzido número de componentes curriculares optativos e a não oferta de habilitação em Licenciatura, razões pelas quais me levaram a planejar transferência para outra universidade. Assim, realizei uma prova interna na Faculdade de Filosofia, Letras e

Ciências Humanas (FFLCH), da Universidade de São Paulo (USP), onde para a minha exaltação fui aprovada.

Desse modo, em 1995, retornei para a cidade de São Paulo e morando no Crusp (Conjunto Residencial da USP), dentro da cidade universitária, no bairro Butantã, prossegui o Bacharelado em Ciências Sociais na FFLCH. Nesse novo local, rapidamente, percebi que havia encontrado o ambiente que procurava desde que parti do Mato Grosso, especialmente pela ampla gama de componentes optativos, tanto dentro quanto fora do departamento de Ciências Sociais, entre os quais afluíam grandes possibilidades em construir interesses temáticos para pesquisas futuras. Em relação aos componentes básicos, os mais apreciados continuavam dentro dos estudos sociológicos, cito, especialmente, “Sociologia III”, ministrado pelo professor Emir Sader, cuja visão marxista fez-me reascender a expectativa de que ainda existiam educadores comprometidos com a realidade social.

Concomitantemente ao Bacharelado, cursei Licenciatura plena em Ciências Sociais, na Faculdade de Educação da USP, entre 1996 e 1998. A opção por essa habilitação foi motivada por interesse pela área da docência, pois entendendo a educação como uma das formas mais eficazes para interferir na cultura, favorecendo a constituição das bases para a cidadania. Afinal, educar não é algo que se dê de forma estanque e cartesiana, trata-se, antes, de um processo que constitui, integralmente, o cotidiano dos sujeitos. Essa visão da educação pude conhecer, precipuamente, no componente curricular “Introdução aos Estudos da Educação”, em que posso mencionar as reflexões de Reboul (1994), cuja concepção consiste em tomar a educação em seu sentido total: físico, moral, afetivo, técnico, intelectual e estético.

Retomando os componentes optativos realizados no Bacharelado, uma das grandes oportunidades que usufruí foi o trânsito entre as várias Faculdades no enorme *campus* da Cidade Universitária da USP, cursei componentes nas Faculdades de Geografia, História, Educação, Psicologia, Estatística e Engenharia de Produção. Na primeira, destaco o componente “Geografia Agrária”, com o professor Ariovaldo Umbelino de Oliveira, um crítico da situação rural brasileira. Em uma de suas falas, Oliveira criticou a própria denominação Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) que, embora conhecido por “Instituto Nacional de Reforma Agrária”, não fez reforma agrária e sim colonização, ou seja, oferecendo terras, mas não os meios para os

ocupantes manterem-se nelas; justamente a razão para o esboroamento do sonho de meu pai na região amazônica.

No Instituto de Psicologia, tive a oportunidade de cursar um componente curricular coordenado pela professora Eclea Bosi, intitulado “Psicologia Social”. Os temas tratados nas aulas foram: sentimentos e atitudes, preconceito, trabalho e existência, a condição operária, normas disciplinares, símbolo e mito no trabalho, humilhação e enraizamento. Dentre os quais foquei justamente no “trabalho operário” para escrever a minha monografia de conclusão desse componente, entregue no final de 1996; o que já era um prenúncio do meu interesse pela temática do trabalho. A referência teórica da monografia continha Friedrich Engels, “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra” (1986); Karl Marx, “O capital”, vol. I (1983); entre outras, vistas à luz das pesquisas dos psicólogos (assistentes de Bosi) Maria do Carmo de C. R. de Carvalho e José Moura Gonçalves Filho (com quem eu viria cursar o componente “Humilhação Social: alguns elementos para o exame psicológico de um sofrimento político”, no doutorado em 2003).

Quanto aos componentes optativos do Bacharelado, cursados no departamento de Sociologia, vale destacar alguns primordiais para a minha formação. “Sociologia da Vida Cotidiana”, ministrado pelo professor José de Souza Martins, em 1997, foi um dos mais relevantes que cursei. Por meio de suas aulas eruditas e cativantes, Martins apresentou autores, como Agnes Heller (1982) e Henri Lefebvre (1991, 1966), que marcariam minha trajetória de pesquisa. Discordando de Max Weber, Heller sustenta a tese de que a “ação racional” predominante na sociedade não é aquela “com relação a fins”, mas “com relação à valores”. A esse respeito, apoiando-se em Lefebvre, Martins menciona que os valores não remetem à homogeneização cultural, e sim ao direito à diferença. Nesse passo, ele conclui que, embora as relações sociais estejam atravessadas pelo poderio, ainda há o residual que lhes escapa, ou seja, apesar de a vida cotidiana ter sido banalizada pela quantificação, as transgressões fazem-se presentes, percebidas nos desencontros de valores. Esses desencontros podem ser entrevistados nas relações concretas, por meio de regras de condutas que revelam valores, afirma Martins. Por ter despertado-me a atenção, os temas “valores”, “transgressão” e “resíduo”, por vezes, expressos por outras noções (como renormalização, reinvenção e gestão/cuidado de si), foram re-trabalhados em minhas investigações posteriores depois da graduação.

Arelado a esses temas está o de “indivíduo”, estudado no componente “Indivíduo, razão e liberdade”, de Maria Helena Oliva Augusto, minha professora em 1997 e orientadora tanto no mestrado quanto no doutorado. De acordo com Oliva Augusto, embora a noção de “indivíduo”, surgida no Iluminismo, no século XVIII, estivesse vinculada à tríade “igualdade, liberdade e fraternidade”, ela foi limitada pelo capitalismo, onde “indivíduo burguês” está restrito às suas condições técnicas de trabalho. Entretanto, se mesmo Marx, em a “Ideologia Alemã” (1977), afirma que: a história social do homem é a história individual, há que se questionar a determinação (padronizada) das condições técnicas sobre os indivíduos. Essa intersecção entre o social e o individual na análise marxiana deixa uma brecha para discussões ligadas à subjetividade e à intersubjetividade, temas que também compuseram o foco do meu doutorado.

Paralelamente ao acesso a estudos sobre a sociedade de massas e a reificação dos indivíduos, como aqueles escritos por Horkheimer (1976) e Adorno e Horkheimer (1985) (estudados tanto no já reportado componente “Indivíduo, razão e liberdade” quanto no “Razão e sociedade”, ministrado por Irene Cardoso), iniciou em minha trajetória um período de distanciamento (físico) dos movimentos sociais, por sua vez, coincidindo com o enfraquecimento histórico da própria força do sindicato na sociedade a partir dos anos de 1990. Buscando compreender essa mudança conjuntural e subjetiva, pude frequentar, em 1998, o componente da professora Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins, intitulado “Trabalho e Sindicalismo”. Se o mundo sindical estava sofrendo a perda expressiva de espaço político, tanto nas sociedades desenvolvidas quanto naquelas em desenvolvimento, o mundo do trabalho também passava por crise. Nesse componente, foram apresentadas as mudanças transcorridas no trabalho, desde o taylorismo até à flexibilização, mas também debatida a suposta “perda” da centralidade do trabalho nos valores culturais dos indivíduos. Esta tese, defendida por Claus Offe (1989) e recusada por Heloisa Martins, foi posta à prova e também rejeitada em minhas pesquisas de campo do mestrado e do doutorado.

À propósito da discussão dos valores simbólicos no trabalho, “necessidades radicais” apresentou-se como outra categoria tratada por Lefebvre e Heller nas aulas de J. Martins, que viria complementar meus interesses de pesquisa. Para explicitar essa noção, J. Martins faz referência ao trabalho na sociedade moderna, que teria perdido sua dimensão do prazer e, por isso, tornado a vida insuportável, configurando-se como “necessidade radical”. Destarte, o “prazer” (e seus derivados) no trabalho colocou-se como mais um dos temas que comporiam com vigor os meus interesses de estudos.

3 Produzindo pesquisas (1997-2007)

Paulatinamente, fui vinculando as análises da importância cultural do trabalho enquanto valor (defendida por H. Martins), com a de transgressão aos poderios e falta de prazer no trabalho (apresentada por J. Martins), e a de indivíduo e subjetividade (vistas com Oliva Augusto). O entrelaçamento dessa teia de estudos resultou no delineamento de temas convidativos para uma trajetória de pesquisa, iniciada em 1997, na Iniciação Científica, e que se prolongou até o meu projeto para o Pós-Doutorado.

3.1 Iniciação Científica (1997-1999)

Dada a pertinência dos temas apresentados acima, provocadores por natureza, instiguei-me a elaborar um projeto de pesquisa, aprofundado no período de Iniciação Científica, sob a orientação de Heloisa Martins.

Envolvei-me em duas pesquisas, uma fazia parte de um projeto maior, elaborado por Heloisa Martins, que investigava os jovens metalúrgicos da região de Osasco. Nesse primeiro projeto, ajudei na realização de 97 entrevistas, obtidas pela aplicação de um questionário com 67 questões abertas e fechadas, cujos temas eram: formação educacional e profissional, trajetória de trabalho, apreciação das condições de trabalho, notadamente, juvenil, impacto das mudanças organizacionais do trabalho, entretenimento e participação política e sindical. Finda as entrevistas, codifiquei-as no SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) e no Excel, dois bancos de dados recomendáveis para a organização e tratamento de dados em virtude da eficiência para processamento estatístico do primeiro programa e dos recursos estéticos para a elaboração e exibição de gráficos e tabelas do segundo. Além de sistematizar as informações quantitativas, também transcrevi aquelas de cunho qualitativo em função da relevância dos depoimentos dos jovens pesquisados. Os resultados dessa pesquisa foram apresentados em Simpósios de Iniciação Científica e em artigos de Heloisa Martins.

Por ocasião da realização nas fábricas das entrevistas com os jovens metalúrgicos de Osasco, pude verificar graves problemas sociais que os afetavam, tais

como: a precoce entrada no mercado de trabalho, a necessidade de contribuir com a renda familiar, a baixa qualificação profissional, o irrisório valor salarial e a submissão a diferentes turnos de trabalho para um mesmo operário. Contudo, esses mesmos jovens salientaram o gosto de trabalhar, o que me levou a refletir sobre o significado deste “gostar” diante dos problemas apontados. Mesmo afirmando o gosto pelo trabalho, percebe-se, muitas vezes, a insatisfação diante da atividade exercida. Assim, foi possível verificar certa negação pela condição operária: o trabalho era importante, fundamental em suas vidas, mas não a função específica que realizavam, pois aspiravam ser engenheiros, músicos, pilotos de avião, professores. Donde avulta uma contradição entre o fazer (atual) e o querer dos jovens metalúrgicos. Essas inquietações observadas empiricamente e apoiadas pela consulta bibliográfica, resultaram na elaboração do meu próprio projeto de pesquisa na Iniciação Científica, intitulado: “Fazer e querer: dilemas do jovem trabalhador metalúrgico”, posteriormente, desenvolvido e apresentado para a seleção do mestrado em Sociologia da USP, no final de 1999.

Ambas as pesquisas contaram com a orientação de Heloisa Martins, estudiosa dos temas “trabalho e juventude”, enfocando os jovens metalúrgicos de 18 a 25 anos de idade. Esses projetos estenderam-se de 1997 a 1999 e contaram com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Os resultados da primeira pesquisa foram divulgados oralmente no 6º *Simpósio de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo – SIC*, em 1998, sob o título “O jovem metalúrgico no mundo do trabalho”. Tendo como objetivo principal analisar a identidade juvenil em um mundo do trabalho marcado por transformações tecnológicas e organizacionais, desemprego, condições precárias de trabalho e falta de investimento na qualificação dos trabalhadores. Para tanto, a partir de gráficos e tabelas, foi analisado o perfil dos jovens investigados, englobando suas configurações educacionais, culturais, políticas e econômicas.

No final desse mesmo ano, participei do *I Simpósio de Pesquisa em Ciências Sociais na Graduação*, organizado pelos discentes e pelo Centro Acadêmico do curso de graduação em Ciências Sociais da USP. Seu propósito foi promover maior intercâmbio de reflexões entre alunos e professores, buscando integrar teoria e prática ou ainda, cursos e pesquisas. Com o intuito de responder a expectativa do Simpósio, apresentei a minha comunicação sob o título “Relação do pesquisador com o seu tema”. Tratava-se de uma

reflexão metodológica que construí a partir da experiência na Iniciação Científica e elaboração de projeto de pesquisa. O principal foco discutido foi o de adotar métodos e técnicas de pesquisa apenas como referenciais, uma vez que a realidade é fluída, portanto, solicitando adaptações de procedimentos de pesquisa a todo instante. Ademais, para o estabelecimento duradouro entre pesquisador e tema estudado, faz-se crucial a escolha de enfoques teórico-metodológicos ligados a nossa própria experiência cotidiana.

No ano seguinte, também expus os resultados preliminares da segunda pesquisa de Iniciação Científica, dessa vez em um Simpósio Internacional, também realizado na USP pelo SIC (Simpósio de Iniciação Científica). O título da minha exposição foi “Ser ou estar metalúrgico: impasse de uma profissão”, cuja base empírica assentou-se sobre o trabalho de campo da pesquisa anterior. O cerne desta exposição oral foi questionar a tese, especialmente apoiada em Jean Rousset (1974) e Claus Offe (1989), da “alergia ao trabalho” por parte da juventude. Embora os jovens metalúrgicos da região de Osasco entrem prematuramente no mercado de trabalho, entreguem a quase totalidade dos seus rendimentos aos seus familiares e disponham de pouca qualificação, a insatisfação que sentem pelo trabalho está remetida a essa ocupação operária e não a sua participação genérica no mundo do trabalho, onde alcançam um título e um lugar de cidadão. Destarte, o ambiente fabril revela-se ambíguo, alvo de críticas e, ao mesmo tempo, de reafirmação de identidades.

O relatório final de Iniciação Científica, entregue ao CNPq em agosto de 1999, já revelava caráter de um projeto de pesquisa robusto de mestrado, com densos resultados empíricos (quantitativo e qualitativo) e considerável referencial teórico, abarcando desde estudiosos da juventude: Abramo (1994), Sposito (1997), Heloisa Martins (1997) até do trabalho: Leite (1994), Agier e Castro (1993), Gorz (1989, 1982), Offe (1989), Friedmann (1972), além de Ferretti (1988a, 1988b), Lefebvre (1966, 1958), Bajoit e Franssen (1997) entre outros.

3.2 Aperfeiçoamento – o PLANFOR e a Justiça do Trabalho (1999-2000)

Encerrei o Bacharelado em meados 1999, porém antes de ingressar no mestrado, por recomendação de Heloisa Martins, envolvi-me na assistência a duas pesquisas na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA-USP), sob a

coordenação do economista Hélio Zylberstain. Sediada na FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), mas com apoio do IPEP (Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa), essas pesquisas foram desenvolvidas entre meados de 1999 e início de 2000.

O propósito da primeira pesquisa era avaliar os impactos econômicos provocados pelos programas de treinamento oferecidos pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Importante ressaltar que esses programas contavam com recursos advindos do Ministério do Trabalho através do PLANFOR (Plano Nacional de Formação Profissional), cujo objetivo era qualificar 20% da PEA (População Economicamente Ativa) por se tratar de proventos públicos fez-se necessária avaliação de sua contrapartida.

A oferta de cursos era bastante variada, sendo o de Informática o mais procurado. Os outros se estendiam de Desenho Arquitetônico à Cozinheiro, sendo o de Carpinteiro o menos procurado. Considere um universo de aproximadamente 37 mil alunos.

Para avaliar os impactos desse programa, foram analisadas uma amostra aleatória de cerca de 350 indivíduos, que teriam frequentado os programas de treinamento do Sindicato em 1998, e dois grupos de controle (um com vizinhos daqueles e outros do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). A representatividade estatística e a comparação com grupos de controle buscam assegurar a confiabilidade dos resultados da pesquisa.

Adicionalmente, houve a realização de pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistados 20 trabalhadores, indagados sobre sua história de vida e profissional, significado futuro do curso e a sua importância para a atividade profissional. Estas entrevistas foram efetivadas pelo sociólogo Iram Jácome Rodrigues, um dos pesquisadores responsáveis.

Meu envolvimento voltou-se, sobremaneira, para a confecção de um banco de dados, montado por codificação a partir das informações coletadas em campo por outra equipe. O *software* utilizado para o tratamento dos dados foi o SPSS, cuja sofisticação e complexidade trouxe à tona resultados reveladores, complementados pelos achados qualitativos.

A avaliação da pesquisa evidenciou que esse gênero de política pública não resulta impactos positivos para os desempregados. Paradoxalmente, aqueles que

frequentaram os cursos de treinamento apresentaram, um ano depois, menos chances de emprego do que aqueles que não frequentaram. Outra constatação foi a de que essa qualificação não produz crescimento de rendimentos aos indivíduos.

Todavia, desses resultados negativos no investimento em qualificação não significa que não devam ser realizados. Conforme conclusão da equipe envolvida, é preciso critérios mais cuidadosos, tais como a escolha do público alvo e dos tipos de cursos oferecidos. Desse modo, a apreciação dos economistas sugere que essa ação seja orientada pela demanda concreta do trabalho e, sobretudo, organização conjunta com empresas que se comprometam a recrutar esses futuros trabalhadores. Portanto, apesar de medidas como essas reduzirem o número de vagas e de cursos oferecidos, evitariam desperdícios do orçamento público, que poderia ser investido em outros programas sociais com impactos positivos para a sociedade.

Pari passu a essa investigação, participei de uma outra sobre justiça do trabalho, parte de uma pesquisa maior já em curso na FIPE. Tratou-se de investigação de cunho qualitativo realizada por meio de entrevistas junto à reclamantes trabalhistas que se encontravam nos cinco prédios do Tribunal de Justiça do Trabalho no centro da cidade de São Paulo.

O objetivo dessa pesquisa consistia em traçar o perfil dos reclamantes trabalhistas, levantando as causas de suas reclamações. Essas informações compuseram um banco de dados da FIPE, que ajudaria a sugerir ações para reduzir a morosidade de processos, em que haveria possibilidade de acordo extrajudicial entre as partes envolvidas. Ou seja, o propósito voltava-se para o estabelecimento de formas de procedimentos para a recém criada “Comissão de Conciliação Prévia”.

Gostaria de salientar dois aspectos interessantes da parte que me coube nesta pesquisa, uma metodológica e outra analítica. O procedimento de coleta das informações foi um questionário aplicado via observação direta, porém mesmo os tribunais sendo um ambiente público, por não compreenderem o meu papel naquele lugar, os reclamantes hesitavam em conceder suas respostas, que eram facilitadas somente por aqueles mais experientes ou mais escolarizados ou ainda pelo apoio de seus advogados. Dessa forma, o ambiente em si gerou certo viés no perfil dos entrevistados, o que não retira a validade da pesquisa uma vez que esse aspecto foi registrado e, notadamente, porque as respostas dos depoentes que concordaram foram bastante ricas.

O outro ponto relevante a respeito dessa pesquisa, permitido em virtude de seu caráter etnográfico, foi a razão, não da ação judicial, mas da conduta para a ação. As reclamações dos ex-trabalhadores não pareciam ser movidas tão somente pelo valor quantitativo da causa, mas também por sua dimensão qualitativa, ou seja, pela recuperação da dignidade perdida quando da demissão. Seja pelo tratamento truculento do patrão ou mesmo indiferente, eles buscavam naqueles tribunais uma forma de terem retratada a afronta recebida, mais do que o alcance pela valência material, recobravam o direito de ser pessoa no ambiente de trabalho.

Esses aspectos voltados para a subjetividade do indivíduo, foram retomados em minha pesquisa de mestrado, porém dirigidos não mais para os desempregados reclamantes trabalhistas, e sim para jovens operários, temática estudada na Iniciação Científica.

3.3 Mestrado – Dilemas profissionais do jovem operário (2000-2002)

Dado o meu grande interesse por pesquisa, ingressei no mestrado no Programa de Sociologia, na USP, em 2000, depois de aprovada nas três fases dos exames: idioma estrangeiro, conhecimento teórico e projeto de pesquisa. Durante esse período (2000-2002), contando com o apoio do CNPq, pude dedicar-me exclusivamente às atividades de pesquisa.

Tendo em vista que Heloisa Martins não orientava na pós-graduação, contei com a preciosa orientação de Maria Helena Oliva Augusto, cujo rigor teórico-metodológico garantiu o bom andamento e conclusão da pesquisa.

No segundo semestre do mestrado, conhecendo o meu projeto de investigação desde a Iniciação Científica, Heloisa Martins fez-me mais uma sugestão valiosa, frequentar o componente curricular “Trabalho, subjetividade e saúde: uma abordagem psicossocial”, ministrado por Leny Sato, no Instituto de Psicologia da USP. A participação nesse componente facultou-me melhor compreensão e delineamento para a condução da minha pesquisa. Pude, então, contar com análises do trabalho voltadas para a subjetividade e importantes referências bibliográficas.

Entre os autores estudados no componente curricular de Sato, destaco o historiador Michel de Certeau (1994), forte referencial em minhas pesquisas tanto de

mestrado quanto de doutorado, sobretudo em função de sua análise do afrontamento silencioso dos “fracos” contra os poderios. Na contracorrente de estudiosos como Pierre Bourdieu e Michel Foucault (salvo sua última fase de vida), Certeau argumenta a astúcia como tática e “arte dos fracos” para burlar a ordem imposta. Foram essas práticas astuciosas que busquei identificar em minhas produções no mestrado e no doutorado.

“Trabalho e quimeras: dilema vivido pelo jovem operário” (2002) é o título da minha dissertação de mestrado. Sinalizando sua perspectiva teórica, sob a forma de epígrafe encontra-se a seguinte frase de Lefebvre (1966, p. 71): “Os seres humanos não se tornam coisas. Isto só sucede na escravidão [...] e na prostituição [...] O trabalho humano, com suas determinações complexas não é completamente apreendido por esta forma [mercadoria] e não lhe torna imanente como um conteúdo adequado”. Na esteira de reflexões como essa, busquei investigar as formas subjetivas de os indivíduos responderem a falta de prazer ocasionada pelas transformações no mundo do trabalho.

A abordagem da pesquisa consiste em perquirir os dilemas enfrentados pelo jovem operário dividido entre as aspirações subjetivas, em relação a uma profissão desejada, e as condições objetivas de sua ocupação. Trata-se, portanto, de focar e esquadrihar o conflito entre trabalho real e anseio subjetivo e as estratégias utilizadas por esses jovens para sobrepujá-lo, à medida que procuram delinear suas identidades de trabalhadores.

Estruturada em cinco capítulos temáticos. No primeiro é exposto o arcabouço teórico da pesquisa, que se assenta, fundamentalmente, nos autores: Bajoit e Franssen (1997); Chiesi e Martinelli (1997), discutindo o significado do trabalho para os jovens e suas estratégias para buscar um trabalho qualitativamente satisfatório; Macedo (1979) e Dauster (1992), debatendo o valor moral do trabalho para famílias de baixa renda; Marx (1977, p. 121), esquadrihando a contradição entre personalidade do operário e seu trabalho; Lefebvre (1991), focalizando a necessidade da apropriação a seus desejos pelos indivíduos; Agier e Guimarães (1995); Lautier e Pereira (1994), examinando a identidade social do trabalhador e Certeau (1994), analisando o uso da crítica pelos indivíduos, nas práticas cotidianas.

Entrevistas e diário de campo foram as técnicas empregadas para a coleta das informações junto aos jovens. Para isso, foi empregada a metodologia “rede social”, que consiste na montagem e uso de rede de relações para localizar os entrevistados; um método desenvolvido pela antropóloga Elizabeth Both (1976). Também é esclarecida a

relação estabelecida entre pesquisadora e pesquisado e o modo como as informações colhidas em campo foram organizadas e analisadas. Essas considerações constam do segundo capítulo da dissertação.

O sujeito de pesquisa foi composto por jovens distribuídos na faixa etária de 18 a 24 anos, operários com vínculos direto ou indireto com a produção fabril, nos setores metalúrgico, químico, moveleiro e de vestuário. As empresas nas quais estavam vinculados apresentavam tamanhos de pequeno, médio e grande portes, variando de 30 a 16 mil funcionários. Suas ocupações incluíam as de ajudante de produção, eletricista, torneiro mecânico, operador de furadeira e de máquina, inspetor de qualidade e ferramenteiro. O perfil completo dos jovens, relações familiares, amizade, escola, religião, enfim, sua sociabilidade, com vínculos voltados para a dimensão trabalho, são apresentados no terceiro capítulo, a partir do qual já são desenvolvidas análises das entrevistas.

O valor cultural e simbólico do trabalho para os jovens, sua inserção na vida ativa, as relações com a ocupação exercida e os usos cotidianos que fazem do seu lugar no mundo do trabalho, têm lugar no penúltimo capítulo. Neste, o tema que mais me despertou a atenção foram as singularizações das maneiras de os jovens fazerem seu trabalho. Todavia, foi tratado *en passant*, já que não constituía o foco da pesquisa, a saber, analisar o sentido do trabalho para os jovens operários.

Concretamente, essas singularizações no trabalho, ou “táticas de posto” (Linhart, 1986) ou ainda “práticas astuciosas” (Certeau, 1994, 2004), consistiam em: controle da velocidade das máquinas para aliviar a cadência do trabalho; controle da ordem no manuseio de peças pesadas e leves; montagem de peças por blocos em vez de unitárias; redução na inspeção da qualidade de peças que raramente apresentavam problemas; confecção de protocolos padrões de qualidade de peças que também quase não demonstravam defeitos; mudanças de métodos para o encaixe de peças; alternância de posturas físicas para amenizar movimentos repetitivos em articulações de partes do corpo e até mesmo o recurso a leituras, durante as pausas no sistema produtivo; sugestões à empresa para mudança na constituição física de suas máquinas ou simplesmente desabafo sobre certas atitudes antiproducentes, para a economia do tempo e para a saúde físico-mental, que tinham de tomar em função das instruções recebidas para o exercício da tarefa. Essa temática foi retomada e analisada mais detidamente na minha pesquisa de doutorado.

O cerne propriamente da dissertação consta do último capítulo: as quimeras profissionais dos jovens. Classificadas sob quatro características diferentes: quimera profissional, desejos profissionais, sonho profissional forjado e duplicidade profissional quimérica. As quimeras são analisadas de acordo com as condições sociais e as percepções dos jovens. Seus sonhos profissionais possuem características mescladas, com certa indefinição, carente de um rumo unívoco; constatação confirmada pela tese de Leccardi (2005) sobre as trajetórias indefinidas da juventude dada a própria indefinição do mundo contemporâneo, cuja temporalidade imprime sobre os indivíduos a necessidade de não planejarem biografias em longo prazo.

Se as constantes mudanças no mundo do trabalho, exigindo mais qualificação e ofertando piores condições de trabalho, favorecem a vivências de dilemas profissionais entre os jovens operários, isso não implica, necessariamente, a experiência de sofrimento absoluto e submissão total da parte desses jovens. É preciso mobilizar recursos analíticos para perceber a existência de transgressões cotidianas, ainda que construídas às escondidas das normas sociais. Do meu ponto de vista, o fato de os jovens operários conceberem sua ocupação como provisória manifesta sua insubordinação para com as condições objetivas de trabalho, ainda que mais vinculada à esfera da subjetividade do que a ações efetivas, configura-se como certa recusa.

Minha defesa pública da dissertação do mestrado ocorreu no dia 9 de dezembro de 2002. A banca examinadora na qual obtive aprovação foi composta por: Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins (Sociologia-USP), especializada em trabalho e juventude; Leny Sato (Psicologia-USP), especializada em trabalho e subjetividade; e por minha orientadora Maria Helena Oliva Augusto (Sociologia-USP). Nesse período, eu já havia prestado exame no processo seletivo para o doutorado também na FFLCH, onde, para a minha satisfação, também havia sido aprovada.

3.4 Doutorado – Gestão de si e normas no trabalho (2003-2007)

Antes mesmo de finalizar a pesquisa de mestrado, meu interesse em estudar as temáticas “trabalho e subjetividade” intensificou-se ainda mais. Por isso, prestei os exames (projeto de pesquisa e exame de proficiência) para ingresso no doutorado no final de 2002 e assumi as atividades acadêmicas no início do ano seguinte. Recebi apoio

do CNPq e da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) entre 2003 e 2007, o que novamente propiciou a minha dedicação exclusiva à pesquisa.

Intitulada “A gestão de si na reinvenção das normas: práticas e subjetividade no trabalho” (2007), o foco da minha tese de doutorado reside no exame das interações e dos confrontos estabelecidos entre aqueles (engenheiros de produção) que prescrevem normas oficiais sobre o modo de trabalhar fabril e aqueles (operários) que as reinventam na prática.

O problema central da pesquisa consiste em discernir e analisar *de que forma cada indivíduo*, ao personalizar sua atividade reinventando normas para seu trabalho, *desenvolve a gestão de si*, de modo a respeitar seus limites pessoais e culturais. A principal hipótese, levantada e constatada, é a de que *o trabalhador não se porta passivamente* perante os regulamentos que gerem o modo de fazer sua atividade. Pelo contrário ele desenvolve, na prática, adaptações sobre os procedimentos operacionais do seu trabalho.

Embora já tivesse partido dos resultados da pesquisa do mestrado, visando consubstanciar empiricamente as afirmativas acima, realizei trabalho de campo com operários metalúrgicos, porém, ampliando seu perfil etário, que foi estendido até os 60 anos de idade. Por intermédio dessas informações coletadas, apresentei e analisei experiências sobre a forma como os operários trabalham, as ideias arquitetadas para intervirem em sua atividade e os dispositivos inventados para melhorarem e adaptarem seu trabalho as suas necessidades e as suas escolhas possíveis.

O arcabouço teórico da tese ancora-se, substancialmente, na linha de pensamento de dois autores: o filósofo Yves Schwartz (1996, 2003) e o historiador Michel de Certeau (1994, 2004). O primeiro, abordando a existência permanente de confronto entre *normas prescritas* e *não-prescritas*, considera que as últimas são criadas pelos indivíduos como forma de gerirem a si próprios, na defesa de seus valores culturais e sua subjetividade. De forma complementar, Certeau, com sua teoria das práticas cotidianas, revela que os indivíduos reinventam, permanentemente, o seu cotidiano burlando, de modo sorrateiro, as ordens estabelecidas.

Para a análise das práticas cotidianas e da subjetividade dos indivíduos no trabalho, parti da perspectiva de que a técnica não consegue extinguir o lugar do ser humano; desse modo, por mais automatizado que seja um processo de trabalho, ele

sempre deixará um espaço vago, ocupado pelo sujeito. Os indivíduos cumprem sua tarefa não como se fossem expedientes, meios, totalmente determinados externamente. Trata-se de pessoas que, antes de serem absolutamente manipuladas, reconfiguram seu meio em virtude de suas próprias condições e escolhas *possíveis*.

Essencialmente, foram focalizadas as *maneiras de ser do trabalhador*, reveladas nas *maneiras de fazer sua atividade*. Mais precisamente, os modos de ser (perceber, interpretar, escolher) do trabalhador levam-no a agir de dada maneira nas atitudes que assume em seu trabalho, especialmente por ser um indivíduo constituído por valores. São sujeitos que recorrem a sua história singular para tomarem atitudes pessoais; estas, porém são entrecruzadas pela presença do outro. Logo, mesmo em um ambiente de trabalho onde as prescrições das tarefas são mais rigorosas, os trabalhadores exercem sua singularidade, nos modos de fazer sua atividade.

Nesse sentido, partilho da perspectiva da disfunção prática da existência *a priori* da *melhor maneira* de fazer uma atividade, uma vez que cada atividade laboral está intrinsecamente ligada às condições locais e culturais de uma sociedade; por conseguinte, o que se configura nos locais de trabalho são *maneiras diferentes* de fazer uma mesma atividade. Por isso, illustrei algumas dessas formas singularizadas do exercício de atividades operárias, circunscritas no cotidiano dos trabalhadores de chão de fábrica.

O ponto central dessa pesquisa de doutorado reside em tomar o operário como aquele que não se restringe a *operar* sua máquina de trabalho, mas *usa* o seu *jeito de ser* nos *modos de exercer seu fazer*. O que significa não se prostrar como “massa amorfa” diante das instruções sobre o exercício de sua atividade, ao invés disso, ele negocia nos *modus operandi* o seu jeito de ser, ainda que isso se expresse em uma dimensão microssocial, já alcança alguma repercussão subjetiva para esse sujeito trabalhador.

Orientei-me para a escolha do tema das normas prescritas e não-prescritas, movida tanto pelo contato teórico quanto pela “observação” empírica, particularmente em função de as normas servirem de lupa para se chegar até certas manifestações da subjetividade do trabalhador.

Vale sublinhar que o meu interesse pelo tema manifestou-se nitidamente ainda no mestrado, por ocasião da frequência ao componente curricular “Trabalho,

subjetividade e saúde”, ministrado por Leny Sato, como já proferido alhures. Apresentando resultados de sua pesquisa de doutorado em sala de aula, Sato (1997) afirmou: *“pessoas diferentes, em funções e máquinas iguais, fazem o trabalho de um jeito diferente, mais adaptado a si mesmas*. Essa leitura de Sato iluminou para mim as ideias de Schwartz, às quais tive acesso, inicialmente, por meio de leituras de Maria Inês Rosa (2000), a precursora da abordagem ergológica no Brasil.

De acordo com a perspectiva de Schwartz:

Toda forma de atividade em qualquer circunstância requer sempre variáveis para serem geridas, em situações históricas sempre em parte singulares, portanto escolhas a serem feitas, arbitragens – às vezes quase inconscientes – portanto, o que eu chamo de “usos de si”, “usos dramáticos de si” (1996, p. 151, grifo nosso).

Instigada pelas reflexões desses autores, cotejei as análises de Sato, sobre as maneiras singulares de os trabalhadores fazerem seu trabalho, com as reflexões de Schwartz, acerca das gestões também singulares nas atividades arbitradas pelos indivíduos que as exercem. Então, constatei que, embora trabalhando com referenciais teóricos diferentes, ambas as abordagens dialogavam muito estreitamente entre si. Basicamente, o ponto fundamental que as une volta-se para a afirmação da noção de sujeito no ambiente fabril.

Considerando a minha identificação pelas reflexões do filósofo-ergólogo Schwartz e a indisponibilidade da maioria de suas obras no Brasil, realizei um Programa de doutorado sob sua supervisão em Aix-en-Provence, na França. Onde permaneci por um ano, entre agosto de 2005 e julho de 2006, no departamento de Ergologia da Université de Provence.

Schwartz é um dos fundadores da abordagem ergológica, cuja primazia consiste em sempre confrontar conceitos a experiências. Para favorecer essa postura, conta com estudos pluridisciplinares sobre o trabalho. Vale notar que, o prefixo “ergo” de Ergologia deriva do grego *érgon*, que significa “ação, realização, efeito, trabalho”; destarte, Ergologia é o estudo do trabalho, ou mais genericamente, estudo da atividade. A Ergologia assenta-se em uma posição de desconforto intelectual em função de, continuamente, a atividade ser “recriada mediante *debates de valores*” (Schwartz, 2003, p. 200).

Nesses debates de valores não há o perito e o investigado, não há aquele que sabe e outro que não sabe; o que há são seres humanos portadores de “valores iguais”.

Ambos exercem “um retrabalho permanente de valores para viver – e todos nós somos iguais diante desse trabalho” (idem). Em outros termos, tanto o conceito quanto a experiência social têm igual valor e só são válidos quando se unem para formar os sentidos da realidade.

Durante esse período de estudos na França, participei de atividades de pesquisa que representaram o cerne teórico-epistemológico da minha tese e trouxeram sólidos subsídios para aprofundar as análises das entrevistas realizadas no Brasil.

O acesso direto a fontes secundárias, tais como: livros, artigos, teses e relatórios, foi essencial haja vista a sua ausência nos espaços brasileiros de pesquisas. Ademais, alguns documentos estavam esgotados, outros no prelo e outros apenas fotocopiados. Também pude contar com preciosas informações e análises adquiridas oralmente durante as reuniões, debates, palestras, colóquios e simpósios com a equipe pedagógica, os discentes, os associados e os convidados na Université de Provence. O caráter inédito e insubstituível desse gênero de fonte já evidencia em si mesmo a importância crucial fornecida à pesquisa, pois se trata de uma aquisição indisponível em qualquer outro meio físico, cuja construção é tecida conforme as circunstâncias de intercâmbio com os pesquisadores.

Na Ergologia, a pluridisciplinaridade coloca-se como um aspecto de grande magnitude para a construção de sentido e de liames nos debates acadêmicos em torno do tema *trabalho*. Não obstante a utilização de diversos métodos de trabalho, o cerne dessa abordagem está dirigido para a pesquisa clínica de campo (convivência direta com/na situação de trabalho estudada). Esse ambiente favoreceu muito a composição teórica de minha tese de doutorado, que conta com certa diversidade de áreas do conhecimento, como a Antropologia (na metodologia de campo), a Sociologia, a Psicologia Social, a História Social, a Filosofia, a Ergologia e a Ergonomia (na análise teórica).

A respeito da experiência de pesquisa de doutorado na França, importa salientar ainda que a grande contribuição adquirida no departamento de Ergologia advém de sua existência ímpar: trata-se de um Instituto único no mundo, cuja nomeação e abordagem lhe é particular. Portanto, essa configuração propiciou circunstâncias inauditas de debates imprescindíveis junto a especialistas ergólogos a respeito das normas e dos valores no trabalho.

Minhas atividades oficiais de pesquisa no doutorado na FFLCH/USP foram finalizadas no dia 23 de agosto de 2007, quando realizei a defesa pública da tese. Participaram da banca examinadora: Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins (Sociologia-USP), Leny Sato (Psicologia-USP), Nadya Araujo Guimarães (Sociologia-USP), Suzanna Sochaczewski Evelyn (Dieese) e a minha orientadora Maria Helena Oliva Augusto (Sociologia-USP). Encerradas as falas e arguições, fui aprovada recebendo recomendações para publicação da tese.

3.5 Produções Científicas na Pós-graduação (2003-2007)

Prosseguindo na esteira da temática do “trabalho”, porém, enfatizando a questão específica da “juventude”, apresento, a seguir, algumas de minhas produções científicas durante o período de pós-graduação.

O Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU), pertencente à FFLCH/USP, realizou seu 30º Encontro Nacional em 2003, onde tratou especialmente do tema juventude. Sendo a minha dissertação recém defendida, à convite de Heloisa Martins, coordenadora do CERU, participei da mesa redonda intitulada "Dilemas da juventude hoje", na qual também estiveram presentes mais dois integrantes, minha amiga e parceira de pesquisa Régia Cristina Oliveira e Antônio Sergio Spagnol. Nessa ocasião apresentei alguns achados de minha pesquisa de mestrado, expondo tanto sua abordagem teórica quanto, notadamente, a análise empírica. Enfatizei o quanto a categoria trabalho continua sendo central enquanto referência valorativa para os jovens operários, bem como sua postura ativa em intervir nas formas de exercício de sua atividade, afastando (embora não anulando), portanto, a imagem de juventude passiva e alienada. O público presente demonstrou bastante interesse pela exposição, endereçando-me questões pertinentes sobre a experiência juvenil no ambiente de trabalho. Essa pesquisa foi publicada em 2004 nos Cadernos CERU, n. 15, com o título Trabalho e quimeras: dilema vivido pelo jovem operário.

Interessada em publicar um número exclusivo sobre “juventude”, em 2004, a Universidade Federal de Goiás (UFG) colheu artigos e os divulgou na Revista UFG – Extensão – Cultura – Ensino – Pesquisa. Na qual foram publicados diversos temas ligados à juventude, tais como: educação, conceito de juventude, sexualidade, suicídio, alcoolismo, escolha profissional, expressão política, proteção legal. O meu artigo

especificamente versou sobre socialização. Sob o título “A sociabilidade de jovens operários”, mostrou experiências de convivência coletiva de jovens da região metropolitana de São Paulo. Sua ênfase metodológica sinaliza para a necessidade de não se dissociar da análise do jovem seus vínculos com as várias instâncias sociais. Por isso, para apresentar as configurações de sociabilidade juvenil operária, foram situados alguns de seus meios sociais: origem familiar, espaços de lazer, experiências escolares e relação com o sagrado e com o trabalho. Em termos gerais, o artigo mostrou que, além das esferas extra-trabalho (tais como: escola e religião), o ambiente fabril também é prezado pelos jovens e por seus familiares como espaço de sociabilidade, já que permite o cultivo de amizades, amplia espaços de entretenimento e, em certa medida, os afasta das drogas e do mundo do crime. Desse modo, o espaço de socialização no trabalho garante ao jovem uma marca importante, o papel de trabalhador, ou seja, de cidadão, fundamentalmente sua identidade e um lugar na sociedade.

Neste mesmo ano, entre os dias 20 e 22 de outubro, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por iniciativa do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e a Adolescência Contemporâneas (NIPIAC) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, organizou o primeiro Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira (Jubra), cujo sub-título foi “Perspectivas e ações em saúde, educação e cidadania”. O evento contou tanto com mesas redondas, onde participaram pesquisadores do Brasil, França e Canadá, quanto com sessões coordenadas, onde proferi uma exposição, denominada “Trabalho, valor e quimeras: dilema vivido pelo jovem operário”, que consistiu em uma apresentação dos resultados dos meus estudos sobre a juventude operária. Nela questioneei a perda de sentido do trabalho para a categoria juvenil e citei experiências de afirmação do valor do trabalho, uma situação que pode ser destacada é o fato de esse jovem, embora exercendo uma ocupação considerada indesejável e transitória, valorizar o ato de trabalhar e o papel social e subjetivo que ele ocupa em sua vida.

A Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, também publicou um número temático especial sobre “juventude”, em 2005, volume 17, número 2. Com o título “Juventude(s) e transições”, reuniu colaboração de especialistas nacionais e internacionais, entre os quais estão: Maria Helena Oliva Augusto, Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins, Marília Pontes Sposito, José Machado Pais (Portugal), Carmem Leccardi e Salvador la Mendola (Itália). Minha publicação neste número foi a resenha de um dos volumes de uma importante coletânea a respeito da juventude no Brasil. Trata-se

da obra “Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional” (2005), organizada por Abramo e Branco. Disposta em quatorze capítulos, a coletânea apresenta reflexões de estudiosos de várias áreas das Ciências Humanas, abrangendo temas juvenis bastante diversificados: cultura, educação, trabalho, saúde, religião e política. Permite traçar perfis concretos da juventude brasileira, uma vez que estão alicerçados em informações empíricas coletadas em uma pesquisa em âmbito nacional, realizada no final de 2003, pela Fundação Instituto Cidadania. Contando com 3.501 jovens pesquisados em 25 estados brasileiros, as análises desenvolvidas pelos artigos detêm subsídios robustos sobre a realidade concreta dos jovens. Resenhar obras dessa dimensão é sempre muito gratificante por divulgar a produção existente na área, tornando o conhecimento acessível.

Com o apoio da Prefeitura de Santo André, a Universidade Federal do ABC (UFABC) publicou o primeiro volume do livro “Diálogo e saberes para a ação cidadã - educação, cultura e trabalho”, organizado por Cláudio Luis de Camargo Penteado e Sidney Jard da Silva. Figurei entre as convidadas a publicar um dos capítulos dessa coletânea, publicada em 2007. O volume foi produzido para divulgar a produção dos docentes da UFABC, dedicados em ministrar aulas em um curso de especialização *lato-sensu*. Essa publicação tornou acessível aos alunos as pesquisas realizadas pelos professores, favorecendo, portanto, maior interlocução entre ambos, sobretudo na relação de orientação nas monografias de conclusão do curso. Entre os capítulos que integram esse livro, encontra-se um de minha autoria, baseado na pesquisa de mestrado, haja vista a solicitação de publicação sobre a temática juvenil. Nesse capítulo, retomo os principais pontos da pesquisa sobre juventude e trabalho, colocando em relevo o valor simbólico e cultural do trabalho, inicialmente, cultivado pelas relações primárias e, posteriormente, reafirmados na subjetividade dos jovens. Outro elemento merecedor de destaque no capítulo refere-se às maneiras de os jovens gerarem auto-defesas na “personalização” de sua função, tornando-a, ainda que ligeiramente, menos rotineiras e, muitas vezes, evitando doenças do trabalho.

Em 2008, dispunha de duas intenções de publicações. A primeira, consistia em um artigo enviado à Revista Saúde e Sociedade, mantida pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo e pela Associação Paulista de Saúde Pública. Especializada em artigos que estabelecem interface entre a saúde e a área de humanas, a revista dedicou um número para publicação de artigos sobre “trabalho”. No caso do meu artigo, tratava-se da apresentação das principais reflexões desenvolvidas na

pesquisa de doutorado. O ponto primordial do artigo, seguindo a linha de pensamento de Schwartz, visou mostrar que a gestão econômica não está apartada dos modos de gestão de si mesmos pelos indivíduos, uma fábrica é gerida tanto pelas normas objetivas quanto subjetivas. Essas racionalidades subjetivas têm sentidos voltados para as vivências dos trabalhadores, em oposição à racionalidade instrumental (técnico-organizacional). Seja porque a cadência dos movimentos pode provocar afecções ósteo-musculares seja em função da própria monotonia da tarefa, a reapropriação pelo indivíduo do jeito de fazer sua tarefa colocou-se como uma estratégia para evitar a vivência do sofrimento e experimentar certo prazer no ato de trabalhar. Por conseguinte, as técnicas do corpo, desenvolvidas pelos operários, almejam ir além da conquista do bem-estar físico; sendo também uma forma utilizada por eles para coibir o adoecimento e o enlouquecimento. Dessa feita, o trabalho é apresentado não somente como relação de dominação, na qual apenas a alienação é gerada, mas é também relação de “transgressão”, que pode ser percebida na criação de novas normas pelos trabalhadores, para fazer suas tarefas de maneira menos agressiva ao seu corpo, aos seus valores e à sua subjetividade.

Minha última produção prevista para 2008 referia-se à participação em um livro organizado por Yves Schwartz, com previsão de publicação pela editora francesa Octarès. O título preliminar da obra era “Les Dialogues Ergologiques”², assumindo a forma de coletânea, entre os cinco capítulos, um provisoriamente nomeado de “Dialogues brésiliens avec l’Ergologie”, com composição de textos de alguns brasileiros que realizaram suas pesquisas no Departamento de Ergologia da Université de Provence, na França. Tais textos visam tecer considerações sobre as experiências de brasileiros e suas pesquisas desenvolvidas naquele departamento, a exemplo do encontro com a abordagem ergológica, a relação desta com suas próprias produções e as perspectivas da abordagem em território brasileiro. Portanto, foi norteadas por essas questões que escrevi as minhas contribuições. Um campo fértil e promissor em suscitar reflexões nos pesquisadores de ambos os países por instigar diálogos fundamentais no intercâmbio de saberes, da crítica e de estratégias políticas de convênios de pesquisas.

² O título definitivo da obra foi “L’Activité en dialogues: entretiens sur l’activité humaine” (2009), onde não houve espaço para todos os brasileiros que estudaram na Université de Provence, assim o meu texto foi publicado na revista Ergologia, v. 2, em 2009 <https://teste.ergologia.org/wp-content/uploads/2022/08/2-2_da_silva.pdf>.

4 Iniciando experiência na docência – UFABC (2007-2008)

Encerrado no início de 2007 o meu contrato com a CAPES e o CNPq, que exigiam dedicação exclusiva à pesquisa de doutorado já concluída, envolvi-me em uma nova e importante experiência na Universidade Federal do ABC (UFABC). À convite do professor Sidney Jard da Silva, atuei em 2008 como professora convidada em um curso de Pós-Graduação dessa universidade.

O curso era resultado de uma demanda da Prefeitura de Santo André, que visando conceder aperfeiçoamento aos gestores (professores, diretores, supervisores, dirigentes educacionais) do Ensino Fundamental do município, firmou convênio com a UFABC. Essa parceria consistiu na concessão de recursos financeiros pela prefeitura e de espaço físico e disponibilização do corpo docente pela UFABC.

Com o objetivo de compor um curso pluridisciplinar, foi formada uma equipe com professores advindos de áreas tanto das Ciências Humanas quanto das Exatas, assim profissionais como sociólogos e engenheiros integraram-se para formar um Projeto Pedagógico conjunto. Esse caráter heterogêneo do curso pode ser facilmente percebido em seu próprio nome: “Diálogo de saberes para a ação cidadã - educação, cultura e trabalho”.

À pedido da própria prefeitura, na grade curricular do curso deveria constar um componente curricular específico sobre a temática “juventude”. Tendo em vista que a UFABC não dispunha de um profissional cujo perfil de formação acadêmica contemplasse tal solicitação, recebi o convite para fazer parte da equipe, o que aceitei de muito bom grado.

Durante vários meses, participamos de reuniões pedagógicas para deliberar a respeito dos procedimentos para a criação do curso, que seria fornecido pela primeira vez pela UFABC no Programa de Extensão. Nesse ínterim, cada professor deveria elaborar o programa de seu próprio componente curricular, para fazer constar da grade curricular do curso.

Baseando-me na bibliografia contida em minhas pesquisas sobre jovens trabalhadores e acrescentando obras atualizadas, criei o componente intitulado “Trabalho

e Juventude”³, em cujo conteúdo programático consta os principais tópicos sobre o assunto. Entre estes figuram: noções de trabalho e juventude; dificuldades de transição juvenil; sociabilidade juvenil; configuração socioeconômica dos jovens; políticas públicas para a juventude; qualificação e identidade profissional; jovem e mercado de trabalho e significado cultural do trabalho.

Tratando-se de um curso *lato sensu*, cada componente curricular teve duração média de dois meses, o que ministrei contou com uma carga de 42 horas. A maior parte das aulas foram presenciais, porém duas ocorreram em modo semi-presencial, onde usufruímos das ferramentas virtuais do COL (Curso on Line), que favorece ensino à distância por intermédio do LARC (Laboratório de Arquitetura e Redes de Computadores do Departamento de Computação e Sistemas Digitais da Escola Politécnica) da USP.

As trocas de experiências realizadas junto ao corpo discente na UFABC foram bastante gratificantes, dada a demonstração do interesse dos alunos, notadamente, suas inquietações e habilidades em, permanentemente, revelarem experiências cotidianas, atribuindo vida e concretude às noções teóricas que discutíamos.

Outro aspecto notável foi o envolvimento desses profissionais-alunos em estimularem o ambiente acadêmico para assumir ares "menos tradicionais", questionando até mesmo a postura física, segundo eles monótona, do docente sentado diante de sua mesa na frente da sala de aula, bem como seus métodos de ensino. Dada à exaltação desses alunos, frequentemente, foi necessário que eu empregasse diferentes práticas de ensino (como circular pela sala de aula) para tentar reconfortar suas demandas, não bastando, portanto, o uso do *data-show* e de reflexões teóricas.

Ao término do componente, na entrega dos trabalhos de conclusão de curso, os alunos surpreenderam-me com o rendimento apresentado. Salvo certas dificuldades ortográficas e metodológicas, a maioria demonstrou em seus textos que os autores estudados foram importantes para tecerem reflexões sobre a sua própria experiência com a educação de crianças, jovens e adultos. Esse resultado sinaliza a importância de se prosseguir com cursos desse teor, suscitando espaço de debate constante entre as esferas teórica e empírica, fornecendo, assim, subsídios para a elaboração e melhoria de políticas públicas, principalmente destinadas à juventude.

³ O conteúdo desse mesmo componente curricular foi reformulado por mim e incluído no PPC do curso de graduação de Ciências Sociais da UFU em 2018.

Embora o componente que ministrei tenha se encerrado nesse curso, cuja continuidade dependeria da renovação do convênio entre a Prefeitura de Santo André e a UFABC⁴, continuei em 2008 o meu compromisso pedagógico com a universidade. No final do primeiro semestre daquele ano, os pós-graduandos deveriam elaborar e defender suas monografias de conclusão de curso. Por isso, prossegui com o meu vínculo de docente convidada na UFABC, assumindo especificamente a função de orientadora de algumas alunas.

A escolha dos temas de pesquisa pelas pós-graduandas foi realizada por suas próprias iniciativas. Para conduzir esse trabalho, atribui-lhes algumas atividades iniciais, como leituras (a maior parte indicadas por mim), resenhas e entrevistas. As minhas primeiras apreciações acerca dessa nova atividade de orientação deu mostras de consistir em mais uma experiência bastante recompensadora, sobretudo, por promover o desenvolvimento de pesquisa por pessoas comprometidas com os temas escolhidos conforme os seus próprios interesses e produzindo sentidos para a sua realidade profissional.

5 Projeto de Pós-Doutorado – O corpo e as tecnologias

Ao longo de toda a minha trajetória acadêmica, especialmente depois da Iniciação Científica, sempre ficou nítido o meu interesse pela produção de pesquisa. Por isso, para suprir essa necessidade pessoal e intelectual, elaborei um novo projeto, com vistas a envolver-me com atividades de pós-doutoramento.

Nesse percurso algo sempre se repetia sistematicamente: a cada término de uma pesquisa, outra nascia, uma era gestada a partir do fim da anterior, remetendo à ideia de que uma pesquisa nunca morre, ela sempre aduba outra. Tomo de empréstimo essas metáforas de Adélia Prado que, inspiradoramente, escreve a seguinte frase:

Eu sempre sonho que uma coisa gera,
Nunca nada está morto.
O que não parece vivo, aduba.
O que parece estático, espera.

⁴ Considerando que em 2009 me mudei para Uberlândia, Minas Gerais, para trabalhar na UFU com dedicação exclusiva, não tive mais informação sobre a continuidade desse curso na UFABC.

Dessarte, se minha pesquisa de Iniciação Científica gerou a de mestrado, que gerou a de doutorado, com este novo projeto esse processo continuou. As pesquisas de campo foram circunstâncias cruciais para o encadeamento desse acontecimento, pois ao mesmo tempo em que trazia respostas para uma pesquisa, levantava indagações que exigiam a elaboração de outra investigação.

Chamado provisoriamente “Técnicas do corpo e tecnologia informacional: sociabilidade e produtividade em sala de controle fabril”, este projeto teve, como o próprio título deixa entrever, seu escopo voltado para investigar as interações sociais e técnicas corporais desenvolvidas por operadores que trabalham em salas de controle de metalúrgicas, onde uma das principais características consiste em decodificar os sinais desenvolvidos pela tecnologia da informação.

Considerando que por mais automatizado e informatizado que seja um ambiente de trabalho, mesmo naqueles onde a tecnologia informacional seja decisiva, o processo de trabalho não funciona com pleno êxito sem contar com a vigilância humana em tempo real. Porém, para garantir tal vigilância e, simultaneamente, combater a monotonia, os operadores recorrem a estratégias, coletivas e individuais, por meio de técnicas corporais e interativas.

A importância da presença do ser humano em ambientes altamente automatizados é mencionada pelos ergônomos Danillou, Durrafourg e Guérin (1982), ao chamarem a atenção para a existência constante das variabilidades do meio, seja material, organizacional, tecnológica. Tais flutuações só são devidamente controladas pela atividade da inteligência humana, realizadas justamente por intermédio das gestões do meio, dos outros e de si mesmos por parte dos trabalhadores.

Como se vê, esse projeto de pós-doutorado prossegue na mesma linha de interesse do doutorado: vincula-se aos modos individuais e coletivos de os trabalhadores elaborarem estratégias tanto para garantir a meta produtiva quanto, sobretudo, produzirem auto-defesas de si mesmos.

O intuito reside em manter o mesmo veio teórico de interpretação sobre os usos feitos pelos indivíduos no ambiente fabril, ou seja, trabalhar com as reflexões de Schwartz (1996, 2003), Certeau (1994, 2004) e Dejours (1992). Autores que revelam em suas análises grande respeito pelas singularidades dos indivíduos; um aspecto que

sempre prezei desde os tempos de encantamento pelas histórias de Monteiro Lobato. No que tange às referências bibliográficas sobre o mundo informacional, destacam-se Castells (2002); Daniellou, Duraffourg, Guérin (1982); Lévy (1993) e Reynaud (1989).

Na metodologia dessa pesquisa, o trabalho de campo ocupa lugar central em meus procedimentos. Por isso é imprescindível a realização de entrevistas com operadores de salas de controle, produção de diário de campo e a observação direta no ambiente fabril pesquisado.

Vale realçar que neste projeto há uma mudança de categoria analisada, se comparada com minhas pesquisas de mestrado e doutorado. Ao invés de dirigir o olhar para vários setores e ocupações de chão de fábrica, foca-se em um único espaço e uma única ocupação: a sala de controle e seus operadores. A razão dessa escolha reside justamente na complexidade tecnológica e humana vigente nessas salas, que dificultam a interpretação das técnicas corporais e de interações entre os operadores, requerendo, por conseguinte, maior concentração da análise para melhor percepção desse ambiente.

— — — — —

Finalmente, para encerrar (a primeira parte) (d)esse Memorial – escrito com grande satisfação por permitir-me retomar experiências que compuseram os pilares da minha trajetória acadêmica –, gostaria de sublinhar o meu grande interesse (e por que não dizer paixão) em prosseguir produzindo pesquisas e atuando, de forma sistemática, na docência e na orientação.

SEGUNDA PARTE

PERCURSO ACADÊMICO-PROFISSIONAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA: PESQUISA, DOCÊNCIA E GESTÃO (2009-2024)

1 Pesquisa e compartilhamento de saberes

O meu ingresso na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) ocorreu no dia 04 de março de 2009, por meio de concurso público prestado no final de 2008. Naquele momento, eu ainda estava comprometida com orientações de estudantes do curso de especialização na Universidade Federal do ABC, assim essa tarefa foi continuada até as defesas de monografias serem concluídas.

Uma das atividades do docente em universidades públicas é a realização de pesquisas, por isso, prossegui com o projeto sobre sociabilidade e produtividade fabril, apresentado no final da parte I deste Memorial. Inicialmente, esse projeto de pesquisa fora elaborado para realizar pós-doutorado na UFABC sob orientação de Sidney Jard da Silva ou na Unicamp com Thomas Patrick Dwyer, onde fui aprovada em processo seletivo. Todavia, o meu ingresso na UFU levou-me a desistir do pós-doutorado naquele momento uma vez que para cumprir o período probatório, eu não poderia usufruir de licença, o que somado à considerável distância de Uberlândia, inviabilizaria o cumprimento das tarefas de pós-doutorado, especialmente no caso da Unicamp que requeria dos pós-doutorandos ministrarem aulas, assim, empenhei-me nesse projeto de pesquisa enquanto docente da UFU entre 2009 e 2013.

A matriz dessa pesquisa, como já aludido alhures, assentou-se em estudos concernentes à relação entre operários e as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), por sua vez, fortemente presentes no espaço fabril de montadoras automotivas. O eixo temático que o norteou foi constituído pela tríade: gestão humana do trabalho, processo cognitivo do trabalhador e o seu controle sobre a tecnologia da informação.

Enquanto eu desenvolvia o trabalho de campo e a análise dessa pesquisa sobre as cabines automatizadas de pintura, converti os capítulos da tese de doutorado em capítulos de livros e artigos em revistas e congressos entre 2009 e 2013. Em 2009, publiquei um capítulo de livro intitulado "Sentidos Simbólicos do trabalho", na obra "Diálogo de saberes para a ação cidadã - práticas, teorias e novas tecnologias", volume II, organizada por Ana Keila Mosca Pinezi, Cláudio Luis de Camargo Penteado e Sidney Jard da Silva, publicada pela UFABC e Prefeitura de Santo André. No mesmo ano, publiquei o artigo "La gestion de soi dans la réinvention des normes: pratiques et subjectivité au travail", escrito e traduzido por mim, na Revue Ergologia, n. 2, da Université de Provence, França. Ainda em 2009, participei do congresso da Sociedade

Brasileira de Sociologia (SBS), realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com a publicação em Anais do artigo "Usos e valores no chão de fábrica".

Em 2010, em período probatório, apesar da licença-maternidade, publiquei o artigo "O saber operário e sua inventividade na fábrica", na revista Trabalho & Educação da UFMG, volume 19, e no congresso Internacional do Núcleo de Estudo das Américas (Nucleas), no Rio de Janeiro, o artigo "Sociabilidade e produtividade fabril: tecnologia da informação nas cabines automatizadas de pintura", com a apresentação de resultados preliminares do segundo projeto de pesquisa.

Publiquei em 2011, nos Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, do Instituto de Psicologia da USP de São Paulo, volume 14, n. 2, o artigo "Táticas operárias de defesa de si: controle da produção fabril, do corpo e dos valores". Nesse mesmo ano, em julho e setembro, participei de dois congressos com publicações: SBS, na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba, com o artigo "Tecnologia informacional e habilidades de operadores: usos e gestão das TIC's em metalúrgicas" e ALAS (Associação Latino-americana de Sociologia), no Recife, com o artigo "Usos agregados da tecnologia informacional no ambiente fabril".

Em decorrência de parceria em projeto de extensão com o professor Pierre Trinquet, da Université de Provence, e Fabiane Santana Previtali, da UFU, esta organizou em 2012 a obra "Trabalho, educação e reestruturação produtiva", publicada pela editora Xamã de Campinas, na qual escrevi o capítulo nomeado "Dimensões subjetivas do trabalho: racionalidades alternativas de normas e valores". Também em 2012, publiquei o artigo "Astúcia do trabalhador em técnicas corporais e culturais" no CISO (Encontro Norte e Nordeste de Ciências Sociais) e Pré-ALAS Brasil, realizados conjuntamente em Teresina, na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

No final de 2013, tive duas publicações em Anais de congressos, um nacional e outro internacional, a saber: SBS ocorrido na Universidade Federal da Bahia (UFBA), com o artigo "Vivências e sentidos do trabalho juvenil: da ocupação fabril à profissão almejada", e ALAS, Crisis y emergências sociales en América Latina, sediado em Santiago do Chile, com o trabalho "Relações simbólicas no chão de fábrica: da subjugação à apropriação operária do espaço e da sua subjetividade". O primeiro apresentou resultados da minha pesquisa de mestrado, enquanto o segundo condensou análises da minha tese de doutorado.

Diante da necessidade de elaborar outro projeto de pesquisa com novas análises, disponibilizei-me para essa tarefa. Considerando a não existência de montadoras de veículos em Uberlândia, a principal dificuldade da investigação sobre cabines

automatizadas de pintura de montadoras de veículos do ABC, foi a realização do trabalho de campo na região metropolitana de São Paulo, distante mais de 600 km de Uberlândia, o que me levou a realizar as observações diretas e entrevistas com os operários apenas em período de férias da UFU. Essa foi a principal razão para essa pesquisa ter sido encerrada em 2013, apesar de sua relevância e de ter apresentado resultados profícuos, como pode ser notado nas publicações dela derivadas.

Com vistas a tentar sobrepor essa dificuldade geográfica de trabalho de campo, elaborei outra pesquisa com a intenção de ser integralmente desenvolvida em solo mineiro, precisamente em Uberlândia⁵. Esse novo projeto mesclou as temáticas trabalho e arte, o primeiro tema foi uma forma de continuar as pesquisas que desenvolvi desde a Iniciação Científica até o doutorado, já o segundo tema derivou de experiências de ensino que vivi na UFU. Em 2013, entre os componentes curriculares que assumi em sala de aula estava a Sociologia da Arte, ministrado para o curso de Artes Visuais, cujo conteúdo abordava os aspectos sociopolíticos e culturais do universo artístico, notadamente autores como Néstor Garcia Canclini (1984), Ernst Fischer (1967), Ernst Gombrich (1991), Norbert Elias (1995), seduzida pelas análises desses autores assumi o desafio de desenvolver um projeto de pesquisa que vinculasse trabalho e arte. Em 2014 registrei junto à PROEXC (Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFU) uma nova pesquisa intitulada “*Patchwork* na sociedade contemporânea - artesanato, cultura e modos de vida”, sobre a qual continuo dedicando-me, embora com algumas modificações temáticas e de contexto. O eixo analítico inicial dessa pesquisa girou entorno do trabalho e da cultura, tendo o artesanato e a arte como recorte de estudo, detendo-se mais especificamente no *patchwork*. Seus temas adjacentes são: cultura brasileira, indústria cultural, criatividade, rotina de trabalho, valores simbólicos e subjetividade no trabalho artesanal artístico.

Ainda em julho de 2013 publiquei nos Anais do VII ALAST (Associação Latino-Americana de Estudos do Trabalho), O Trabalho no Século XXI: mudanças, impactos e perspectivas, sediado na cidade universitária da USP, análise teórica do segundo projeto de pesquisa sobre artesanato artístico, cujo artigo, escrito em parceria com Basílio Senko Neto, intitulou-se “Artesanato artístico no *patchwork*: produzir subjetividades unindo retalhos”. Fazendo jus ao tema do congresso, essa publicação tratou, em certa medida, do aspecto laboral da produção artística, com foco em seu caráter simbólico ao afirmar

⁵ Todavia, tão logo recortei o *patchwork* artístico como objeto de estudo ficou claro que a pesquisa de campo seria realizada sobremaneira no eixo Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, onde ocorrem as principais exposições e festivais da área.

que o artesanato artístico não se coloca apenas como fonte de renda, mas porta significados mais amplos, como: realização pessoal, resgate da memória, sentimento de ser útil, ocupação do tempo, suspensão do tempo, o que remete à condição de sujeito de sua micro-história por parte da artista-artesã - vale destacar que na arte têxtil as mulheres são majoritárias.

Dando sequência nessa pesquisa, em agosto de 2014, publiquei o artigo "Arte e cultura entretidas em tela de *patchwork*" no IV Nucleas (Núcleo de Estudos das Américas), ocorrido na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). A partir das discussões em Grupos de Trabalho nesse congresso, notadamente entorno daquelas que mostravam a importância de autores como Renato Ortiz (1998) sobre noções acerca das culturas brasileiras, a minha pesquisa sobre arte têxtil passou a se desprender, em certa medida, do debate acerca do trabalho e alçou voos junto à Sociologia da Cultura.

Com a pesquisa sobre arte têxtil mais desenvolvida e dispondo de registros de exposições de telas de *patchwork*, cujas imagens foram fotografadas notadamente em pesquisa de campo na cidade de São Paulo, no final de novembro e início de dezembro de 2015, publiquei um artigo, em parceria com Basilio Senko Neto, no XXX ALAS, Pueblos en movimiento: un nuevo diálogo en las Ciencias Sociales, realizado na Costa Rica, sob o título "Expressões socioculturais do artesanato artístico". Nesse mesmo ano, fui co-autora do artigo de Régia Cristina Oliveira, publicado na revista Saúde e Sociedade da Faculdade de Saúde Pública da USP, volume 24, n. 3, intitulado "O adolescente em consulta: percepções biomédicas". O tema da saúde, mormente aquele vinculada à esfera emocional e (inter)subjetiva, sempre esteve presente em minhas pesquisas, seja do mestrado, do doutorado e das posteriores, pois a discussão sobre o sentido do trabalho e do fazer artesanal-artístico perpassam pelas noções de "cuidado de si" e "usos de si" dos sujeitos, tão caras nas perspectivas foucaultiana e ergológicas, que incorporarei em minhas análises.

Em 2016, como resultado do ALAST de 2013, Liliana R. P. Segnini, da Unicamp, e María Noel Bulloni, do Conicet-Unaj (Universidade Nacional Arturo Jauretche), Argentina, organizaram o livro "Trabalho artístico e técnico na indústria cultural", publicado pela editora Itaú Cultural, no qual Basilio Senko Neto e eu figuramos como autores no capítulo "*Patchwork* artesanal na sociedade contemporânea: sentidos artísticos, mercadológico e simbólicos", onde foram tratados sobre os múltiplos aspectos dessa arte têxtil: utilidade, rentabilidade, estética, terapia e sociabilidade, chamando a atenção para o fato de, a despeito de esse suporte têxtil ser manipulado pela cultura de consumo, também faculta às artistas-artesãs o uso de suas representações simbólicas.

A revista *Ergologia*, da França, convocou nova chamada para publicação de seu 18º número em 2017, no qual integrei ao lado da co-autoria de Luiz Celoni com o artigo "Trabalho de *patchwork* e sua dimensão triádica: sentidos geométricos conceitual, artístico e simbólico". Diferentemente das análises anteriores e posteriores que focaram a arte têxtil figurativa para abordar os aspectos sociopolíticos e culturais, esse artigo mirou na representação geométrico-abstrata, o que tornou convidativa a análise conjunta com um especialista do ramo da matemática, certamente um desafio que conjugou abordagens sociológica, filosófica e geométrica. Esse aspecto multidisciplinar é bastante marcante na vertente ergológica, cujo mentor Yves Schwartz (2003) associa em suas análises sobre o ambiente do trabalho aspectos simultaneamente técnicos, humanos e culturais. Em 2017 também ocorreu o XXXI ALAS em Montevideu, Uruguay, com o chamado Pueblos en movimiento: un nuevo diálogo en las Ciencias Sociales, onde publiquei, em parceria com Mônica Chaves Abdala e Basilio Senko Neto, o artigo "Diversidade cultural brasileira em imagens da arte têxtil". O recorte temático deste texto incidiu sobre a cultura e o alimento, para tanto tomou-se como referencial empírico a exposição de *patchwork* "Brasil, cheiros, temperos e sabores", da 10ª *Brazil Patchwork Show*, realizada em 2016, na cidade de São Paulo, sob curadoria do Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo (CBPQSP), basicamente foi demonstrado a partir de análise iconológica das telas, juntamente com leituras de Michel de Certeau (1994) e Renato Ortiz (1998) a diversidade brasileira de sabores, saberes e práticas culturais.

Novamente em co-autoria com Mônica Chaves Abdala, acrescida de Claude Guy Papavero, ambas especialistas em Sociologia e Antropologia da alimentação, revisamos e ampliamos o artigo do ALAS de 2017 para publicar, em 2018, o artigo intitulado "Artes tradicionais do fazer: alimentos e *patchwork* em tramas", na *ArtCultura Revista de História, Cultura e Arte*, v. 20, n. 37, do Instituto de História da UFU. Pela primeira vez, pudemos publicar com fácil acesso e gratuito ao público um artigo acompanhado de belíssimas imagens das telas de *patchwork*, o que por certo ajudou a difundir a importância artística da produção da arte têxtil em *patchwork* e questionar o senso comum que a estereotipa como artesanal e desprovida de criatividade e sentido estético. O núcleo desse artigo incidiu no cuidado da vida por meio de representação em telas artísticas acerca de alimentação preparada essencialmente por mulheres em diferentes regiões, como o Pará e o Nordeste, cujas leituras delineiam suas memórias sobre aromas, temperos e sabores do Brasil. No Apêndice deste Memorial constam algumas imagens de telas de *patchwork*, vale notar que obtive do CBPQSP autorização para divulgá-las em produção acadêmica.

Ao lado de alguns docentes interessados em abrir o curso do Mestrado Profissional em rede na UFU, coordenei entre 2017 e 2020 um projeto nomeado "Novos desafios para o ensino de Sociologia: jovens em trânsito", financiado pela Fapemig (APQ-01204-16), no qual integraram os/as docentes Ana Cláudia Cardoso Moreira (UFJF), Claudia Wolff Swatowski (UFU), Luciano Senna Peres Barbosa (UFU) e Marili Peres Junqueira (UFU) e os bolsistas Fernanda Luzia da Cruz (UFU), Bruno de Paula Nery (UFU) e Gustavo Gabaldo Grama de Barros e Silva (UFU). Essa pesquisa conjugou variados temas de interesse dos docentes participantes, porém todos centrados no ensino de Sociologia, assim, seu objetivo consistiu em conhecer o perfil social, econômico e cultural dos alunos das escolas públicas do Ensino Médio de Uberlândia/MG. Foram aplicados pelos pesquisadores mais de 800 questionários preenchidos pelos estudantes em todas as regiões da cidade e realizadas dezessete entrevistas qualitativas aprofundadas. Os resultados da investigação confirmaram a existência da diversidade e desigualdade na categoria juvenil, notadamente quando confrontada entre escolas da “periferia” e centro: enquanto na “periferia” sobressaem estudantes mais velhos, pardos e negros, evangélicos, trabalhadores e com rendas familiares mais baixas; no centro da cidade avultam-se aqueles com faixas etárias menores, caucasianos, católicos e “sem religião”, não trabalhadores e com rendas familiares mais elevadas, perfil análogo ao da escola particular (grupo de controle da pesquisa). Diante disso, a prática de ensino de Sociologia, por ser a guardiã do olhar crítico sobre as dinâmicas sociais, não pode se furtar em considerar essas segmentações econômicas, étnicas e religiosas que incidem sobre as identidades juvenis. Os resultados dessa pesquisa foram publicados em revistas, congressos e divulgados para as escolas com vistas a fornecer dados locais sobre os perfis dos estudantes do Ensino Médio, auxiliar as práticas pedagógicas sobre essa realidade e nortear as diretrizes de políticas públicas educacionais.

Ocorreu em julho de 2018 o V Encontro das Ciências Sociais no Norte de Minas, na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes-MG), em cujos Anais a equipe do projeto mencionado acima publicou resultados preliminares da pesquisa no artigo chamado "Descortinando a diversidade no mundo escolar: um diagnóstico socioeconômico de escolas públicas estaduais de Uberlândia". Dirigentes das escolas pesquisadas também foram ouvidos nesse trabalho de campo, entre as falas registradas, uma chamou a atenção, a do diretor de uma escola da região central de Uberlândia que proferiu a seguinte frase: “esta escola escurece antes do anoitecer, pois antes de chegar a noite chegam os alunos afrodescendentes”. Esse mesmo contraste étnico entre turnos e centro-periferia é replicado nas condições econômicas dos alunos, em seus credos

religiosos e perspectivas de futuro. Tais características indicam peculiaridades vislumbradas dentro de uma mesma categoria estudantil classificada *a priori* como uníssona, porém cujos sentidos acenam para o diverso e o desigual. Em agosto de 2018 participei do 4º Congresso da Sociedade Internacional de Ergologia, em Brasília, na Fiocruz, em cujos Anais foi publicado o meu artigo "Saberes práticos de metalúrgicos em cabines automatizadas de pintura automotiva". O ponto central deste trabalho consistiu em sustentar que por mais desenvolvida que seja a tecnologia informacional, só se conhece com profundidade a produção de objetos tecnológicos quando também se propõe a apreender os seus sentidos agregados pelos humanos enquanto os manipulam, pois, a funcionalidade desses objetos depende, em grande medida, da gestão cotidiana do trabalhador, que incorpora certas adaptações, uma perspectiva amplamente sustentada pela abordagem ergológica.

Em 2019 produzi uma resenha da tese de doutorado de Melissa de Mattos Pimenta e tradução para o francês, com revisão de Claude G. Papavero, para a revista romena Psihologia Socială, n. 43 (I), p. 143-147, intitulada "Être jeune et être adulte: identités, représentations et trajectoires". Tratou-se de uma produção conjunta entre a Universitatea Alexandru Ioan Cuza, Iași, Romania, e a Escola de Artes e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (EACH/USP) com editorial de Graziela Perosa e Mihai Dino Gheorghiu.

Fruto da pesquisa sobre o Ensino Médio foram publicados no segundo semestre de 2019 três artigos em congressos, um regional e dois nacionais: nos Anais do XIX SBS, sediada na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o artigo "Diversidade juvenil: um terreno fértil para repensar o Ensino de Sociologia", com autoria de toda a equipe do projeto; nos Anais do VI Congresso Nacional de Educação (Conedu), em Fortaleza/Ceará, o artigo "Juventude digital e educação", com autorias de Ana Cláudia Moreira Cardoso, Marili Peres Junqueira, Gustavo Gabaldo Grama de Barros da Silva e minha e nos Anais do XII Encontro Internacional de Formação de Professores e Estágio Curricular Supervisionado (EIFORPECS), promovido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, com o artigo "Discentes do Ensino Médio da rede estadual de Uberlândia-MG: estudo sociológico quantitativo", com autorias de Gustavo Gabaldo Grama de Barros da Silva, Marili Peres Junqueira e minha.

Já com resultados concluídos, a partir dessa mesma pesquisa sobre Ensino Médio, a equipe publicou no final de 2020, na Revista Educação e Políticas em Debate, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, no dossiê Políticas educacionais de igualdade racial: concepções, reflexões e pluralidades,

volume 9, número 3, o artigo "Diversidade social na escola: estudantes de escolas públicas em Uberlândia".

A pesquisa coletiva sobre o Ensino Médio e a minha individual sobre o *patchwork* foram desenvolvidas paralelamente, de modo que tive publicações de ambas em congressos e revistas. Assim, ainda em dezembro de 2020 publiquei novamente em conjunto com Mônica Chaves Abdala e Claude Guy Papavero o artigo "Arte e alimento: expressões históricas e culturais em telas de *patchwork*", na revista Dimensões, da Universidade Federal do Espírito Santo, no dossiê Mulheres e criações artísticas na história: tramas e poderes, n. 45. Outras duas publicações sobre essa pesquisa ocorreram em 2020, uma nos Anais do I Congresso de Artes-Manuais na Academia, em São Paulo, com o artigo nomeado "Arte têxtil em telas de *patchwork*: um catalizador de sentidos e valores sociais" e outra no IV Encontro Nacional GTs de Gênero da ANPUH (Associação Nacional de História), em Marília, com o artigo "A mulher na arte têxtil: *patchwork* e suas marcas sociais nos contextos norte-americano e brasileiro".

A partir de agosto de 2019 até julho de 2021 realizei pós-doutorado no Museu Paulista da USP, com projeto sob título "Sentidos sociais em imagens têxteis: o *patchwork* brasileiro à luz do cenário euro-americano", com supervisão de Vânia Carneiro de Carvalho, em continuidade à pesquisa de *patchwork*, porém com grande aprofundamento teórico e empírico, quando tive a oportunidade de desenvolver trabalho de campo no CBPQSP, com curadoria de Benigna Rodrigues da Silva e Wagner Vivan. A despeito da pandemia de Covid-19 ter interrompido a minha pesquisa de campo presencial no início de 2020, prossegui utilizando plataformas digitais, o que possibilitou resultados instigantes, sobretudo porque essa via colocou-se mundialmente como única forma segura de interação social. O relatório do meu pós-doutorado (Processo SEI n. 23117.040577/2019-61), escrito em 07 de julho de 2021, foi apresentado ao Conselho do Instituto de Ciências Sociais da UFU, onde circunstanciei os dois anos de pesquisas, sendo a primeira parte (p. 10-67) composta pelo projeto de pesquisa, descrição das atividades realizadas em reuniões, congressos, exposições, festivais e feiras de arte e balanço preliminar, já a segunda parte (p. 68-225) apresenta análise dos dados da pesquisa, tanto teórico quanto empírico, a última parte (p. 226-361) contém, basicamente, artigos publicados em revistas e em congressos. Nas conclusões desse relatório destaco a relação entre mulher, casa e *patchwork* artístico por meio de três aspectos: identifico as múltiplas funções dessas telas (decoração, comunicação, nostalgia, gratidão em doar), comparo diferentes gerações de mulheres envolvidas nas artes com agulhas (opressão/obrigação/matrimônio *versus* libertação/criação/"cuidado

de si” pela agulha e tecidos) e, por fim, os ruídos entre a noção de feminilidade e a expressão artística (transferir para o tecido suas escolhas socioestéticas produzindo *patch* natureza, *patch* família, *patch* cultural, *patch* ecológico).

Por sugestão de Sidney Jard da Silva, apresentei em abril de 2021, na revista *Perspectivas da Contemporaneidade*, uma parceria entre Brasil e Portugal, análise de telas expostas no Festival de *Quilts* de 2020 da Inglaterra, o artigo "Arte têxtil e a Covid-19: representações em telas de *patchwork*". Nele destaquei apelos das artistas têxteis que retrataram em seus motivos pictóricos o contexto pandêmico, tais como: o papel da ciência diante do vírus SARS Cov2, orientações diante da crise sanitária, meio ambiente, terapia, emoções frente à ameaças de morte e solidariedade. Da pesquisa sobre Ensino Médio fui coautora, ainda em 2021, juntamente com Marili Peres Junqueira, do artigo de Gustavo Gabaldo Grama de Barros e Silva, na Revista *Teoria e Cultura*, da Universidade Federal de Juiz de Fora, volume 16, número 2, nomeado "Juventude e Sociologia no Ensino Médio". Este artigo trouxe aspectos sobre a identidade biocultural dos jovens estudantes (idade, sexo e etnia), pertencimentos familiares nas esferas socioeconômicas (moradia, trabalho, renda, escolaridade e religiosidade dos responsáveis) e representações estudantis sobre o ensino e dificuldades emocionais na esfera escolar. Em 2021 também publiquei dois artigos em *Anais de congressos*: "Mulheres e flores: representações culturais na arte têxtil de *patchwork*", no II Congresso Artes-Manuais na Academia, São Paulo, e "Natureza e sociedade na arte têxtil: expressões socioambientais pelo *patchwork*", na XX SBS, em Belém. No primeiro artigo desconstrói-se a noção vigente até início do século XX de mulher subserviente nas artes decorativas para simplesmente assegurar o conforto da casa e da família, observa-se pelas expressões iconográficas e testemunhos das artistas que mesmo quando representam flores, muitas vezes elas são metáforas expressivas de múltiplos sentidos que variam da memória nostálgica de familiares, denúncia sobre o desmatamento e mesmo protestos sobre o período de ditadura militar. Seguindo nessa mesma trilha de sentido, o segundo artigo, por seu turno, analisa as representações da arte têxtil de *patchwork* que comportam iconografias sobre sentidos ecopolíticos, ou ainda, imagens sobre a natureza, seja a fauna ou a flora, e que *pari passu* expressam a situação dos biomas brasileiros e as posições políticas das artistas acerca dos usos e gestões (des)humanos do ecossistema.

Os resultados finais da minha pesquisa de pós-doutorado foram publicados em 2022, nos *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, volume 30, com o título "Sentidos sociais da arte têxtil em *patchwork*: as mulheres, a natureza e a casa". Nele pude tecer uma

longa discussão conceitual com ênfase nos autores Jean-Yves Durand (2006), Elaine Hedges (1977), Michel Foucault (2006), Allison Fraiberg (1995), Teri Klassen (2009), Linda Nochlin (2016), Rozsika Parker (1986) e Beverly Seaton (1995) sobre artes com agulhas, "cuidado de si", cultura material, domesticidade, feminilidade, hierarquia, identidades, memória, maternidade, subserviência e autonomia. A partir de pesquisa de campo de cunho qualitativo junto às artistas têxteis e suas obras com curadoria do CBPQSP, foram apresentadas suas expressões pictóricas que permitiram apreender elementos instigantes sobre o lugar e os sentidos da arte têxtil e da mulher artista no cenário contemporâneo brasileiro. Dois aspectos relevantes de se notar é que tanto as mulheres são majoritárias na produção da arte têxtil quanto as autoras analistas desse suporte artístico, e que mesmo nas exposições estão presentes ao lado das telas frases escritas pelas artistas que sintetizam suas escolhas e sentidos transmutados em suas obras. Portanto, tratam-se de mulheres que, distintamente daquelas das gerações anteriores, cujos espaços de expressão eram diminutos, hoje costuram e bordam, mas também escrevem em redes sociais, em entrevistas e em outros meios suas percepções sobre o mundo; o que corrobora com o trabalho epistemológico do cientista social, ao dispor da oportunidade de acessar a produção de saberes dessas artistas que contam sobre suas próprias histórias por meio de linhas e tecidos.

O III Congresso Artes-Manuais na Academia ocorreu em 2022, em Juiz de Fora, promovido como de costume por Nina Veiga, uma educadora apaixonada pela produção artesanal e pelos sentidos humanos provocados por ela. Nos Anais desse congresso foi publicado em 2023 o meu artigo chamado "Traços culturais e apelos sociais na arte têxtil em *patchwork*", que analisou telas com representação de música (samba), dança (frevo), sertão brasileiro (Maria Bonita) e o trabalho feminino (lavadeira), demonstrando-se que essas produções têxteis carregam, para além de sentidos técnicos, estéticos e de *design*, outros múltiplos significados inerentes à práticas culturais brasileiras, donde se permite perceber tanto a diversidade quanto a desigualdade dos contextos sociais representados.

Sociologias para pensar o contemporâneo foi o chamado do congresso da XXI SBS, sediado na UFPA (Universidade Federal do Pará), em Belém, em julho de 2023, em cujos Anais tive publicado o artigo "Arte têxtil e a casa: representações do *patchwork* durante a crise sanitária", que partiu de análise da exposição "Brasil – os significados da casa em 2020-2021" com curadoria do CBPQSP durante o Festival Internacional de *Quilt* e *Patchwork* de Gramado, em setembro de 2021. Dentre os principais resultados alcançados por ocasião dessa exposição sobre os significados da casa durante a

pandemia de Covid-19, destacam-se as narrativas sobre: proteção, memória, nostalgia, família, culinária, aprendizagem, idioma, comunicação, solidariedade, vida no campo e desigualdade social (sem-teto). O intuito dessa publicação reside, sobretudo, em desconstruir essencialismos que automatizam o vínculo entre mulheres, fragilidade, tecido e mera imitação da natureza em suas produções artísticas.

Minha publicação mais recente ocorreu em 2024 em parceria com Régia Cristina Oliveira, na Proa: Revista de Antropologia e Arte, da Unicamp, v. 14, com o título "Sentidos culturais em imagens de telas de *patchwork*". Este artigo demonstra o importante papel do *patchwork* artístico de colocar-se como calatisador de valores socioculturais, como: labor, relação com a natureza, desigualdades sociais, festejos, religião, identidade e etnicidade, a partir de análise de telas contidas em publicações de revistas especializadas nessa arte que divulgou diversas obras tanto nacionais quanto internacionais. Um dos autores seminais dessa publicação é Roger Bastide (1971), que menciona a relação de simbiose entre arte e sociedade, havendo certa "plástica social" entre ambas, de tal modo que a arte permite vislumbrar o social, a economia, a religião e a política conforme as expressões dos diversos grupos sociais.

Para todos os congressos arrolados acima foram enviados resumos simples e/ou estendidos, bem como apresentadas comunicações orais, a única exceção foi o ALAS de novembro de 2024, sediado na República Dominicana com o chamado La Sociología en tiempos de crisis e incertidumbre, para onde enviei resumo e apresentei comunicação oral, todavia a publicação dos Anais ainda não ocorreu, embora o meu artigo esteja escrito desde então sob o título "*Patchwork* e a metáfora da flora: olhares de mulheres na arte têxtil no pós-pandemia", que focou na exposição "Brasil: A alegria do retorno", apresentada em 2023 no *Brazil Patchwork Show*. O protagonismo da flora presente nas telas dessa exposição analisadas nesse trabalho revela aspectos candentes do momento histórico no pós-pandemia, não se colocando como meros objetos ornamentais que exibem beleza com sentidos pacíficos e apolíticos, tratam-se, antes, de uma metáfora da resistência, da superação e da esperança diante de ameaças e perdas trazidas pela pandemia por meio de representações pictóricas sobre o universo, o movimento e a memória, erigindo, assim, sentidos que atestaram a sensibilidade, a criatividade, a transformação e o "cuidar de si". Em sua abordagem teórica destacam-se as autoras Rozsika Parker (1986), Linda Nochlin (2014) e Ana Paula Cavalcanti Siminoni (2007), cuja tônica consiste em desconstruir a visão hegemônica de que mulheres na arte têxtil são donas-de-casa ocupando o seu tempo ocioso e reafirmando a dominação patriarcal. A narrativa poético-analítica dessas telas têxteis são representações de mulheres que,

mesmo inconscientemente, rompem os cânones artísticos das belas-artes que aprisionaram as artes aplicadas na redoma dos cuidados do lar, pois, suas narrativas, ao recorrem à flora para tematizar o fim de um contexto ameaçador da saúde pública, corroem os arquétipos da opressão patriarcal vigente há séculos que restringiram as mulheres às chamadas artes menores, domésticas e do espaço privado. Por fim, no que tange à subjetividade dessas artistas têxteis produzindo *patchwork* e que as diferenciam das gerações submissas de outrora, é representativa na seguinte frase no Facebook de uma delas: "A messy house is a sign of a happy quilter." (Uma casa bagunçada é sinal de uma quilteira feliz").

2 Docência e formação de pesquisadores

Ao longo dos dezesseis anos de docência na UFU, deixando à parte as dezenas de complementações de estudos e as substituições esporádicas em componentes curriculares de docentes em licença, ensinei 1921 alunos, ministrei cinquenta e nove componentes curriculares, tanto na modalidade de Licenciatura quanto do Bacharelado, sendo quinze componentes diferentes e em seis cursos além das Ciências Sociais, a saber: Administração, Artes Visuais, Biomedicina, Educação, Educação Física e Enfermagem.

No curso de Ciências Sociais, os diferentes componentes curriculares que ministrei foram os seguintes: Estágio Supervisionado III, Metodologia de Ensino em Ciências Sociais I (MECS I), Métodos e Técnicas de Pesquisa II (MTP II), Métodos e Técnicas de Pesquisa III (MTP III), Projeto Integrado em Sociologia (PROINTER), Projeto Integrado de Prática Educativa I (PIPE I) e Sociologia I. Fora do curso onde estou lotada, os componentes ministrados por mim foram: Folclore Brasileiro, Fundamentos Sociológicos da Educação Física/Sociologia do Esporte, Sociologia da Arte, Sociologia da Educação, Sociologia (para Enfermagem), Sociologia Aplicada à Administração, Sociologia Aplicada à Biomedicina.

Percebe-se que no curso de Ciências Sociais, os componentes foram concentrados em metodologia qualitativa e quantitativa, tanto na Licenciatura quanto no Bacharelado, já nos cursos externos os temas tratados pelos componentes voltaram-se para as artes, as organizações, a saúde e o esporte; todos, salvo este último, são trabalhados em meus projetos de investigação, o que, em grande medida, foi de grande valia por estabelecer certo diálogo entre ensino e pesquisa. Assim, a despeito de os docentes do Instituto de

Ciências Sociais da UFU não disporem de cátedra, esse exercício de ter de assumir distintos componentes curriculares repercute em aprendizado interessante, variando o repertório de temas a serem abordados em sala de aula, levando desafios, mas também versatilidade e disposição para o novo.

Embora todos os componentes acima tenham sido importantes para a formação dos discentes, destaco MTPs II e III, um com teor quantitativo e o outro qualitativo, MECS I e PROINTER em Sociologia, todos dispondo de conteúdo teórico e empírico, onde orientei com grande dedicação todos os alunos para produzirem pesquisas com participação direta em campo, tanto em ambiente escolar quanto extra-escolar, sistematizarem e analisarem os dados e, por fim, apresentarem os resultados de modo escrito e oral, alguns deles inclusive foram aprofundados em pesquisas posteriores em monografias, outros foram apresentados em congressos e alguns resultaram em publicações de artigo e capítulo de livro.

Um ponto que merece ser evocado nesse processo de ensino-aprendizagem é que ainda guardo textos e anotações dos meus cursos de graduação na UFSCar e na USP e eles são revisitados sempre que um novo componente curricular me é incumbido, faço questão de manter leituras de autores clássicos em todos esses componentes, acrescidos de contemporâneos notadamente para leitura complementar.

A minha postura em sala de aula é de uma docente exigente, todavia sempre faço autocrítica entendendo que a cada ano temos uma nova geração de discentes com mudanças pungentes de perfil e de visão sobre a importância da educação, assim o meu desafio tem sido encontrar um meio de caminho: exigência permeada por atitude empática. Em termos práticos, escolho textos não muito longos, mas não poupo os alunos de leituras complexas de autores clássicos mesmo em cursos fora das Ciências Sociais, por exemplo: Na Sociologia da Saúde não pode faltar "O nascimento da medicina social" e "O nascimento do hospital" (2004) de Michel Foucault. Na Sociologia da Arte tem de ter "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica" (1985) de Walter Benjamin; na Sociologia do Esporte tem de constar "Como é possível ser esportivo" (1983) de Pierre Bourdieu; na Sociologia das Organizações é fundamental a obra "O indivíduo na organização: dimensões esquecidas" (1992) de Jean-François Chanlat e na Sociologia da Educação vejo como imprescindível a obra "A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino" (1992), de Pierre Bourdieu. Já nas Ciências Sociais, nos componentes: Métodos e Técnicas de Pesquisa são obrigatórias em minhas aulas as obras: "A imaginação Sociológica" (1988) de Wright Mills, "Crítica metodológica, investigação social e enquete operária" (1987), de Michel Thiollent, e

"Métodos de Sociologia" (1973), de Raymond Boudon; já em Prointer em Sociologia tem de constar das leituras "Educação e Emancipação" (2003), de Theodor W. Adorno.

Nos procedimentos avaliativos dos discentes, observo estritamente as Normas da Graduação (Resolução Congrad n. 46/2022, artigo 2o, inciso VIII), que estabelece os seguintes critérios para a avaliação: "processo contínuo, gradativo e sistemático de acompanhamento de aprendizagem realizado, progressivamente, durante o período letivo por meio de atividades acadêmicas previstas no Plano de Ensino". Meus Planos de Ensino contêm, em geral, quatro tipos de atividades avaliativas: atividades realizadas em sala de aula, atividades desenvolvidas em campo, exposição oral de trabalhos e avaliação presencial (com consulta prévia, mas sem manter anotações), havendo, assim, dispersão da pontuação em diferentes atividades avaliativas tanto individuais quanto coletivas, o que, certamente, corrobora para melhor êxito dos discentes diante de suas distintas habilidades.

Além da sala de aula, um espaço de destacável relevância para a formação de alunos são as orientações dos docentes de diversos gêneros: Monografias, TCCs (Trabalhos de Conclusão de Curso), Monitorias em componentes curriculares, Iniciação Científica, pesquisa do PET (Programa de Educação Tutorial) e outros Programas de bolsas. Em todos eles empenhei-me na orientação zelosa de vários discentes, cujas pesquisas tratarei brevemente aqui.

Como referido no início do tópico anterior, quando ingressei na UFU, trouxe o compromisso de finalizar orientações de trabalhos de conclusão do curso de especialização que ministrei na UFABC, assim presidi as seguintes bancas de defesas: Adriana Cristina Reis de Assis, "Trabalho infantil e a metodologia de avaliação escolar" (2008); Margarete Cazzolato Sula. "As jovens mães das creches municipais: as vivências da maternidade na adolescência e as expectativas de ampliação de escolaridade e profissionalização" (2009); Renata Cherubim, "Registro da prática pedagógica: o professor em contato com os seus próprios saberes, possibilidades e fragilidades" (2009) e Liliam Cristina Curuchi com o título "Adolescente usuário de drogas: envolvimento e participação no Centro Educacional Vila Palmares" (2009).

Na UFU, entre 2010 e 2024, os alunos a quem orientei em Monografias I, II, III e IV e TCCs I e II foram os seguintes: Kelly Araújo de Oliveira (2010), Gustavo Adolfo de Queiroz Pappa (2010), Débora Resende (2013-2014 e 2016-2018), Hallana Gabriela de Lima (2013-2015), Larissa Damiana S. Rodrigues (2017), Amanda Ramos da Cunha (2018), Gabriel Cunha de Faria (2018-2019), Luciana Martins e Silva (2019), Pedro Igor Moura Lopes (2022), Giselle Medeiros Alves (2022), Gustavo Henrique de Lima (2022), Giovanna

Costa Silva (2022), Marina Esteves Andriotti (2022), Marcela Ferreira da Silva (2022), Iasmin Batista Fernandes (2023-2024), Sofia Xavier Pereira (2023-2024) e Mariana Arantes de Lima (2024). Durante a minha formação na USP, as minhas queridas orientadoras de Iniciação Científica, Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins, e de mestrado e doutorado, Maria Helena Oliva Augusto, não me impuseram um tema de pesquisa, e sobretudo, deixaram-me livre para escolher a abordagem das minhas pesquisas, o que me levou durante as minhas atividades de orientação na UFU a também permitir liberdade temática aos meus orientados.

Em decorrência dessa liberdade de pesquisa que recebi e que também concedo aos meus orientados, suas Monografias e TCCs versam sobre uma considerável miríade temática: ensino de Sociologia, reforma do Ensino Médio, sociabilidade, religião, feminismo, mídias digitais, redes sociais, publicidade, séries televisivas, moda, beleza, skate, capoeira, pornografia. Penso que o papel do orientador consiste em estimular os discentes a produzirem pesquisa, e esta deve tratar de assunto que lhes seduza de alguma maneira, cabendo ao orientador manter o rigor acadêmico nessa produção, embora no meu caso exija que eu esteja constantemente estudando para conhecer melhor sobre as referências em questão, o que, devo confessar, representa certo fascínio para mim.

Entre os componentes curriculares que ofereci no curso de graduação de Ciências Sociais, o único que requisitei monitores foi o de Sociologia I (cujo conteúdo trata essencialmente de Émile Durkheim), por ser oferecido para alunos de primeiro período, composto por salas com pelo menos quarenta alunos, o que requisita maior atenção diária, sendo muitas de suas demandas sanadas, inicialmente, com a ajuda de um monitor veterano que já concluiu esse componente. Os discentes monitores foram: Gabriela Souza Araújo, Jhonatan Soares Andrade, Nayara dos Santos Abreu, Ana Gabriela Machado e Aline Mariane Cozetto, que prestaram atendimento aos alunos com necessidade de auxílio para questões básicas sobre o conteúdo programático, sempre mantendo contato comigo para nos alinharmos sobre os procedimentos.

Quando coordenava o projeto de pesquisa sobre o ensino de Sociologia, já relatado no tópico anterior, dentre as funções que assumi, estava a de orientar bolsistas de Iniciação Científica (Pibic) e de Apoio Técnico (BAT) financiados pela Fapemig. O bolsista Pibic Gustavo Gabaldo Grama de Barros Silva (ID Fapemig n. 46829) ficou sob a minha orientação entre 13/09/2017 e 02/02/2019, ao longo desses dezessete meses suas atividades desenvolvidas foram: participação em reuniões com a equipe; planejamento das atividades de pesquisa; levantamento de dados empíricos e de fontes documentais;

leituras bibliográficas e fichamentos; participação na elaboração dos questionários e dos roteiros de entrevistas; aplicação de questionários; tabulação de dados; análise do banco de dados; realização de entrevistas; colaboração na confecção de resumos e artigos para congressos e periódicos científicos e produção de relatório final de suas atividades. O vínculo de bolsista do Gustavo Gabaldo foi interrompido em função de sua entrada no mestrado (fevereiro de 2019) e sua consequente perda de perfil em prosseguir na Iniciação Científica, porém dado o seu brilhantismo na produção de pesquisa ele continuou no projeto na condição de pesquisador. O segundo bolsista configurou-se na modalidade de Bolsa de Apoio Técnico III (ID Fapemig n. 53226), Bruno de Paula Nery, formado em Sistemas de Informação pela UFU, atuou no projeto de 05/07/2018 a 05/05/2019, no decurso desses dez meses, o bolsista desenvolveu com muito empenho as atividades de alimentação do banco de dados do programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), um programa especializado em estatística na área das Ciências Sociais. Foram mais de 800 questionários, cada um com 31 questões de múltipla escolha, todos foram primorosamente organizados, codificados por Bruno e transferidos sob a forma de *labels* para o *software*, cuja complexidade exigiu contínua dedicação desse bolsista em aprender a usar novas ferramentas. Bruno também produziu diversos cruzamentos de múltiplas variáveis por meio de tabelas e gráficos que permitiram à equipe uma visão mais refinada dos dados e, finalmente, elaborou o seu relatório final de atividades. A última bolsista Pibic (ID Fapemig n. 57594) dessa pesquisa foi Fernanda Luzia da Cruz, cujo período de vínculo estendeu-se de 05/09/2019 a 05/06/2020, durante esses nove meses, ela participou de reuniões com a equipe, realizou tarefas de processamento das informações coletadas nas escolas, armazenamento final de informações no banco de dados já criado, limpeza e organização desse banco, produção adicional de tabelas e gráficos, auxílio na confecção de documentos com os resultados da investigação entregues às escolas pesquisadas, transcrição das entrevistas qualitativas e elaboração do seu relatório final de atividades. Seguramente, foi, em grande medida, em virtude do sério trabalho realizado por esses três bolsistas que a equipe dos pesquisadores pode produzir os artigos elencados no primeiro tópico, essa é, sem dúvida, mais uma ocasião de agradecer-los.

No PET (Programa de Educação Tutorial), além dos projetos de pesquisa orientados pelo tutor, há também discentes bolsistas que buscam orientações com outros docentes, trata-se de uma estrutura de pesquisa similar à de Iniciação Científica, seguindo o seu mesmo rigor acadêmico. Orientei Iasmin Batista Fernandes vinculada a esse Programa do PET entre 2022 e 2023. Sua pesquisa analisou a moda em rede social na sociedade

contemporânea, marcada pelo imediatismo, e buscou compreender sua relação com a produção de sentidos para os indivíduos e sua inserção nos grupos sociais. O referencial teórico dessa pesquisa pautou-se, sobremaneira, em Georg Simmel (2006), Pierre Bourdieu (1974, 1975) e Gilles Lipovetsky (1989). A discente apresentou resultados preliminares desse trabalho no II Congresso de Ciências Sociais da Unesp/FCLar em agosto de 2022 e, atualmente, segue com essa pesquisa, sob minha orientação, em seu TCC II.

Há na UFU o PBG (Programa de Bolsa de Graduação) que abre edital para docentes apresentarem projetos e selecionar alunos graduandos para as bolsas oferecidas. Em 2022, a Pró-Reitoria de Graduação lançou o edital n. 7/2022, do PBG, no qual concorri no Subprograma Experiência Institucional com o projeto coordenado por mim intitulado "Arquivo, história e memória: catalogar para resistir", que foi aprovado (sob n. 1338). Realizei processo seletivo entre os alunos de graduação do curso de Ciências Sociais e a discente Sofia Xavier Pereira ficou em primeiro lugar. A bolsista assumiu, entre 01/07/2022 e 23/12/2023, dupla atividade: 1) Uma mais técnica de catalogação (de 1.500 obras) e informatização dos acervos do Núcleo de Pesquisa em Ciências Sociais (Nupecs) - no qual eu era coordenadora geral na época - e do Lesoc (Laboratório de Ensino em Ciências Sociais), do Instituto de Ciências Sociais da UFU, que salvaguardam ricos acervos de diversas vertentes clássicas e contemporâneas sobre uma profusão de temas que integram os estudos antropológicos, políticos e sociológicos, frutos de décadas de doações do seu corpo docente. 2) A outra tarefa da bolsista foi elaborar um projeto de pesquisa próprio envolvendo sua experiência nas atividades realizadas nesses Núcleos de pesquisa. O título do projeto de Sofia foi "Memória e política: relato de experiência atrelado à distopia de Orwell e aos argumentos de Arendt contra o totalitarismo", seu foco voltou-se para o antagonismo entre a atividade da própria discente no Nupecs e aquele assumido pelo protagonista da obra "1984" de George Orwell (1975), com análise política entorno da memória e da informação contidas no contexto da obra "Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo", de Hannah Arendt (2013). Os resultados desse projeto foram apresentados pela bolsista no II Congresso de Ciências Sociais "Antropoceno e Lutas Insurgentes: meio ambiente, bem viver e diversidade", realizado pela Unesp/FCLar em agosto de 2022.

3 Extensão universitária

Uma das formas de compartilhar conhecimentos promovidos pela universidade pública ocorre por meio da extensão, na qual a comunidade externa é convidada a participar, cada curso dispõe de suas peculiaridades na promoção desse serviço, no caso das Ciências Humanas a incidência recai sobremaneira em palestras, minicursos e consultorias. Tratarei aqui dos dois primeiros, onde dirigi minhas ações extensionistas na UFU.

Como resultado da minha participação no Programa de doutorado na Université de Provence - Aix-Marseille I, França, entre agosto de 2005 e julho de 2006, coordenei na UFU projetos de extensão universitária com palestras proferidas bienalmente pelo professor Pierre Trinquet entre 2009 e 2015, visando divulgar as análises sobre a esfera do trabalho realizada pela perspectiva ergológica. Em 2009, coordenei o projeto de extensão intitulado “Educação e Trabalho – abordagem ergológica”, foi o primeiro contato do professor Pierre com a UFU, estimulante por um lado, mas, por outro, certo óbice anunciou-se em função do seu idioma francês nos ter demandado tradução para o português durante as palestras, não dispondo de recursos para adquirir serviços de tradutor eu mesma assumi essa tarefa, o que confesso ter sido extenuante, notadamente porque a minha tradução objetiva demais ofuscava o brilho e a vivacidade originais da pessoa cativante do palestrante; por certo que esse foi o meu ângulo de percepção, embora o público, visivelmente, tenha tido perfeita clareza sobre as ideias transmitidas por Pierre.

Por ocasião do componente curricular Estágio Supervisionado III que ministrei em 2010, coordenei o projeto de extensão chamado “Sociologia: Minicurso Pré-Vestibular”, com registro junto ao Sistema de Informação de Extensão da UFU - Siex, da PROEXC (Pró-Reitoria de Extensão e Cultura), sob n. 8452. Esse minicurso objetivou oferecer para a comunidade de Uberlândia, mais especificamente aos alunos do terceiro ano do Ensino Médio das escolas públicas, formação e complementação nos temas clássicos e contemporâneos das Ciências Sociais, preparando-os para prestarem o concurso de vestibular no Ensino Superior. Ele continha cinco eixos básicos: 1) fortalecer a relevância do conhecimento de Sociologia no Ensino Médio, por meio da abertura de espaço de formação alternativa nessa área; 2) complementar a modesta duração do curso de Sociologia concedido aos alunos do Ensino Médio; 3) possibilitar ao público-alvo ocasião de rememorar as temáticas pertencentes às Ciências Sociais, apreendendo-as de forma acadêmica e crítica, porém intercaladas ao seu cotidiano; 4) apresentar um formato e um

espaço diferenciado de prática docente a fim de conhecê-lo e transformá-lo e 5) propiciar aos ministrantes uma importante oportunidade de interação entre a academia e a comunidade externa. O conteúdo programático das aulas foram: 1. Homem e natureza. 2. Industrialização, urbanização e mudanças nos grupos sociais. 3. Sociologia como ciência. 4. Émile Durkheim. 5. Max Weber. 6. Individualidade versus coletividade. 7. Política, poder e participação. 8. Desenvolvimento capitalista e consequências socioambientais. 9. Karl Marx. 10. Organização social e modos de produção. 11. Sociologia do trabalho. 12. Movimentos sociais. 13. Novas tecnologias: exclusão ou inclusão. 14. Identidade e diversidade cultural. 15. Políticas educacionais para afrodescendentes. 16. Sociologia da juventude. 17. Ideologia e meios de comunicação de massa. Tendo em vista o seu caráter de preparação para o vestibular, lecionado por alunos-estagiários de Ciências Sociais, esse minicurso teve, basicamente, duas metas principais: A primeira, abrir oportunidades alternativas para que alunos carentes, que não dispunham de recursos financeiros para arcar com um cursinho pré-vestibular, pudessem ter acesso aos conhecimentos das Ciências Sociais ou complementá-los. Já a segunda meta incidiu sobre a criação de um espaço no qual esses estagiários pudessem, efetivamente, exercer as suas habilidades em docência, requisitadas pelo componente curricular Estágio Supervisionado III, no qual eu era docente na época. Assim, representou um espaço duplamente relevante: cumprimento de estágio aliado à prestação de um importante serviço à comunidade local.

Prosseguindo as relações de pesquisa com a Université de Provence - Aix-Marseille I, França, em 2011 conduzi a coordenação do projeto de extensão nomeado “O bem-estar e a eficiência no trabalho: isso é compatível?” (registro Siex n. 9403), onde palestrou Pierre Trinquet. O foco central deste evento foi a reflexão contemporânea diante do desafio estabelecido entre os três seguintes pilares: competência, eficiência laboral e bem-estar dos trabalhadores assalariados. Tendo esse cenário como palco de debate, o principal objetivo consistiu em fomentar um ambiente favorável à difusão e troca de saberes entre o sociólogo-ergólogo Pierre Trinquet e o público entorno da existência ou não de compatibilidade entre o bem-estar do trabalhador e a exigência por eficiência em seu trabalho, salientando que essa conjunção ultrapassa procedimentos científicos, requerendo, por sua feita, considerações voltadas para cada situação de trabalho e de trabalhador, o que demanda a escuta ativa diante das percepções dos próprios trabalhadores.

Novo projeto de extensão com o professor Pierre Trinquet foi coordenado por mim em 2013 com o título "Visão ergológica sobre trabalho, educação e prevenção de

acidentes” (registro no Siex n. 10626). Esse projeto contou com interface entre o Instituto de Ciências Sociais e a Faculdade de Educação da UFU. Seus dois grandes eixos temáticos foram trabalho e educação, contemplando interesses das duas áreas mencionadas, todavia dentro de uma perspectiva pluridisciplinar e com acento no saber prático do trabalhador. Embora apresente conceitos teóricos sustentados pela abordagem ergológica, também teve o intuito de facultar o intercâmbio de experiências franco-brasileiras por meio do debate. O seu formato configurou-se em dois seminários proferidos pelo professor Pierre Trinquet, nos dias, 26 e 27 de fevereiro de 2013, cujos títulos foram: “Ergologia: uma visão pluridisciplinar do trabalho” e “Da Ergonomia à Ergologia: a ergoprevenção dos riscos profissionais e do trabalho”. Envolveu um público misto de docentes e discentes provindos das Ciências Sociais, Educação, História e demais interessados. O evento propiciou ao público (extra)acadêmico o acesso à análise da díade trabalho-educação conforme os referenciais teórico-metodológicos e pluridisciplinares da perspectiva ergológica da Université de Provence, cuja tônica é a valorização e centralização do saber prático do trabalhador. Mais especificamente, funcionou com a seguinte estrutura: 1. Apresentação do histórico (origem, formação e fundadores) da abordagem ergológica na França e a sua repercussão entre os pesquisadores brasileiros; 2. Exposição das principais noções teórico-metodológicas que alicerçam a Ergologia, com ênfase para a educação e a prevenção de acidentes de trabalho, servindo de aportes analíticos ao tema trabalho em distintas áreas do conhecimento, desde a Sociologia até a Engenharia de Produção; 3. Cotejamento das noções ergológicas com a realidade concreta do trabalho, conferindo acento ao papel fundamental desempenhado pelo trabalhador por dispor de um conhecimento *in situ*, que, frequentemente, reformula o saber dos especialistas. 4. Exposição das experiências das pesquisas ergológicas diante do contexto estatal, empresarial e sindical francês para se pensar o caso brasileiro, tanto no que tange às relações de trabalho quanto às práticas educacionais, notadamente aquelas atinentes à formação do trabalhador.

O último projeto de extensão que promovi junto ao professor Pierre Trinquet, já idoso, foi em 2015, com a palestra nomeada “A saúde no trabalho: o ponto de vista das Ciências Humanas atuais” (Registro Siex n. 13119). Este evento visou mostrar que para compreender a saúde no trabalho, não se deve restringir à prevenção de acidentes de trabalho e à doenças profissionais, que embora relevantes, representam apenas uma faceta do problema; sendo preciso também indagar acerca dos significados da saúde e do trabalho. A definição de saúde pela Organização Mundial da Saúde coloca-se como ponto de partida, seguida do conceito de trabalho enquanto produção de riquezas

materiais e intelectuais, desembocando nos sentidos de bem-estar e eficiência no trabalho; porém, perpassando por importantes noções com vistas a distinguir trabalho de atividade, trabalho prescrito de trabalho exercido, portanto, abordando os planos ontológico e antropológico. O objetivo consistiu em mostrar que o problema não recai sobre o trabalho em si, mas as condições e situações nas quais ele está inserido no sistema econômico da atualidade. Em tese, as Ciências Humanas contemporâneas, que estudam o tema trabalho, mostram que é tanto possível quanto necessário buscar métodos de gestão que favoreçam, simultaneamente, o bem-estar no trabalho e a sua eficiência. Todavia, os métodos de gestão atuais são degradantes e motivados apenas por melhores resultados econômicos, sustentados por razões ideológicas para se manter o poder de exploração dos empregadores e o sofrimento dos assalariados. Para abordar as condições de trabalho, Trinquet tomou as situações práticas da França, da Bélgica, da Alemanha, dos EUA e da Índia como referências para reflexão sobre as possibilidades de bem-estar atreladas, concomitantemente, aos resultados econômicos, sociais e humanos.

O curso de Ciências Sociais da UFU organiza anualmente Semanas Científicas, cuja coordenação geral é alternada a cada edição, em 2022 ela ficou sob meu encargo, quando ocorreu o VII Seminário Internacional do Programa de Pós-Graduação conjuntamente à XXI Semana de Ciências Sociais do Incis/UFU. O projeto desse evento foi intitulado "Desafios teóricos e políticos das Ciências Sociais na atualidade" e obteve registro no Siex sob n. 27778. O seminário promoveu debates e reflexões durante três dias sobre temas sensíveis à sociedade e as relações sociais com vistas a cultivar a informação, o conhecimento e indivíduos conscientes sobre o seu ambiente social, a saber: educação, política, poder, etnia, gênero, folclore, cinema, violência, religião, saúde, mundo virtual, etc. Contemplou quatro Grupos de Trabalho (GTs): 1. Antropologia: Compreender questões teórico-etnográficas constituídas no âmbito antropológico e seus diálogos com outras áreas. 2. Ciências Políticas: Apreender abordagens sobre instituições políticas e relações de poder nas esferas nacional e internacional. 3. Licenciatura: Debater aspectos da formação e da prática docente nas Ciências Sociais, incluindo a relação ensino-aprendizagem em suas múltiplas dimensões. 4. Sociologia: Analisar temas sociológicos clássicos e contemporâneos, abrangendo ramos interdisciplinares de áreas afins. A apresentação oral dos trabalhos foi estruturada em duas modalidades: presencial e remota para cada um dos quatro GTs, nos quais continham pelo menos dois coordenadores docentes e debatedores discentes da pós-graduação, além dos monitores alunos da graduação. Dois tipos de produção foram

organizadas no evento: resumos e trabalhos completos para os Anais. Esse gênero de evento é muito salutar para a formação dos estudantes, principalmente, por proporcionar a troca de conhecimentos a respeito de suas pesquisas com membros da comunidade interna e externa da universidade.

4 Produção técnica

Muito embora na universidade pública seja recorrente a ideia de que o docente deve atuar de modo indissociável no tripé ensino-pesquisa-extensão, sabe-se que suas funções vão além dessa tríade, incorporando participação em tarefas técnicas e burocráticas, em bancas e na gestão da universidade, motivo para serem acrescidos esses dois últimos tópicos neste Memorial.

Em minhas produções técnicas, entre 2009 e 2024, desempenhei atividades em quatro instâncias: 1) pareceres para: revistas especializadas, Conselho do Instituto de Ciências Sociais (Coincis) e Conselho de Graduação da UFU (Congrad), 2) participação em comissões internas e externas, 3) organização de eventos e 4) participação em bancas de defesa.

Entre as revistas para as quais emiti pareceres *ad hoc* estão: Revista Educação Profissional: Ciência e Tecnologia (ISSN-1981-0482), editada pela Faculdade de Tecnologia Senac-DF; Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, da Faculdade de Psicologia da USP (ISSN 1981-0490); Verinotio, Revista on-line de Educação e Ciências Humanas (ISSN 1981-061X); Revista Eletrônica de Ciências Sociais (ISSN 2175-7283), editada pelos discentes da FAFCS-UFU e Incis/UFU; Revista Crítica e Sociedade (ISSN 2237-0579), editada pelos docentes do INCIS-UFU; Revista Enfoques (ISSN 1678-1813), editada pelos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia PPGSA/IFCS/UFRJ, etc.

Ao Conselho do Instituto de Ciências Sociais da UFU, entre os pareceres que exarei estão: Fichas dos componente curriculares Sociologia aplicada às Ciências da Saúde, Sociologia do Esporte, Sociologia Rural (para o curso de Medicina Veterinária), Sociologia (para o curso de Psicologia); Projeto Pedagógico do Curso de Ciências da Religião; Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas, etc. Já para o Conselho Superior da Graduação da UFU, emiti uma dezena de pareceres, notadamente sobre dilação de prazo para integralização curricular de estudantes, perda de vaga por jubramento, fechamento de curso e Minuta de Resolução para o Programa de Bolsa de Ensino

(Despachos Seger n.s 510/2022, 544/2022, 777/2022, 120/2023, 416/2023, 759/2023, 1026/2023, 4/2024).

Outro gênero de participação técnica de que fiz parte foram nas Comissões Internas no Incis, sendo elas: por volta de duas dezenas de comissões para progressão/promoção de carreira; seleção de tutor do PET - Programa de Educação Tutorial (24/11/2013, Prograd n. 81,10/11/2021, Portaria 006/2015/Prograd/Diren/DIFDI/SPROJ); estudos para instituir o mestrado profissional em rede do Incis (11/12/2014); exames de suficiências nos componentes curriculares Sociologia da Arte e MTPs II e III (07/03/2013, Portarias Dirincis n. 42 e 44, 06/08/2021); presidência de banca de concurso público para seleção de docente em Sociologia para o Incis; Comissão Permanente de Qualificação do Incis (Portaria Incis/UFU n. 002/2013, 15/02/2013 à 30/07/2019); Processos Seletivos de alunos para pós-graduação *stricto sensu* (Portaria PPGCS n. 01/2016); redistribuição de professor (Portaria SEI-Dirincis n. 1, 22/09/2017 e Portaria de Pessoal UFU n. 5621, 09/10/2024); Eleição da Coordenação do PPGCS/Incis/UFU (Portaria Dirincis, n. 60, 24/09/2021); Comissão Permanente da UFU - subárea de Sociologia (Portaria n. 5005, desde 04/10/2022); Planejamento do Incis (Portarias de Pessoal UFU n. 315, 20 /01/2023 e n. 54, 05/01/2024); dois processos seletivos de discentes/cursistas do ProfSocio ou PPGRSOCIO - Programa de Pós-graduação em Sociologia em Rede Nacional - Mestrado Profissional em Sociologia do Incis/UFU em 2023 e 2024 (Editais 03/2023 e 04/2024) e seleção de discentes para o Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, no edital COPOA n. 6/2024 (Portaria de Pessoal UFU n. 6838, 11/11/2024).

Fora do Incis, fui integrante do Programa de Bolsas Institucionais de Iniciação Científica (Portarias PROPP n. 11/09/2015 e n. 2, 21/03/2017) durante quatro anos e meio, de 2015 até 2019. Neste Programa havia reuniões frequentes para deliberar sobre editais e processos seletivos de concessão de bolsas para estudantes da graduação, uma tarefa deveras relevante para a permanência dos discentes na universidade.

Organização de eventos também compõe a gama de atividades técnicas exercidas no ambiente universitário. Compus a equipe de membros dos Seminários Internacionais do PPGCS/UFU (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFU) e Semana de Ciências Sociais da UFU em suas edições de 2013, 2022 e 2023. Em 2022 acumulei várias funções desse evento: Comissão Científica, Coordenadora de GT e Coordenadora geral.

A última esfera, classificada pela Resolução Condir 3/2017 como produção técnica, consiste nas participações de bancas de defesas de monografias e dissertações. Na UFABC, fui membro titular de três bancas de defesa de monografias de especialização,

como já aludido anteriormente. Na UFU, também participei como membro titular de bancas de monografias e dissertações, entre as quais cito: Gustavo Adolfo de Queiroz Pappa: "O Ensino de Sociologia e a Novas Mídias Digitais: a experiência na Escola Estadual do Parque São Jorge" (19/04/2010); Lorenzo Gonzaga Alves. "Estudo das transformações do saber social pela inteligência artificial em tecnologias computacionais e dispositivos móveis" (23/09/2013); Kamilla Alves dos Santos. "O rejuvenecimento da terceira idade nos dias atuais: uma experiência na Unibiótica – Uberlândia/MG" (07/11/2013); Iane Uhoa Faria. "Corpo, gênero e poder: um olhar sociológico para a dança de salão de Uberlândia-MG" (29/04/2014); Sônia Alice Séjour Araújo Mansaud. "Práticas alimentares e sociabilidade no almoço de estudantes da Universidade Federal de Uberlândia – um estudo comparativo" (12/02/2015); Debora Resende. "No campo da moda: uma roupagem hierárquica" (13/09/2018); Hélio Pereira Cunha. "Uma reflexão sobre o manifesto dos pioneiros de 1932" (05/12/2018); Gustavo Gabaldo Grama de Barros Silva. "O ensino de Ciências Sociais na Educação Básica de Uberlândia-MG (2018-2020): trajetórias históricas, práticas didáticas e condições de trabalho docente" (PPGCS/UFU - qualificação de mestrado em 2021); Fabiana Lopes Corrêa. "Velhos problemas sob nova roupagem: dicotomias entre os processos educacionais e o uso das TIC's por estudantes do Ensino Médio durante a pandemia da Covid-19 em Itacarambi-MG" (PPGCS/UFU - dissertação de mestrado com qualificação em 2022 e defesa em 25/09/2023) e Sofia Xavier Pereira. "Mídias digitais, pornografia e neoliberalismo" (11/11/2024).

5 Gestão institucional e participação colegiada

Participei do Colegiado do curso de graduação de Ciências Sociais (Colcocis) durante quase metade do meu tempo de UFU, de 2012 à 2015, uma gestão mais uma recondução, e depois de final de 2021 até meados de 2024 (Portaria Dirincis n. 77, 15/11/2021), sendo que nos dois últimos anos deste período presidi as reuniões em função do meu cargo de coordenadora de curso. Ao longo dos quase sete anos de Colegiado, pude conhecer muitos aspectos sobre o cotidiano e demandas acadêmicas dos discentes, foram diversas reuniões e pareceres, cujos registros não disponho em função de não terem sido emitidos Despachos na maior parte desse período, todavia sempre me ficou muito clara a relevância dessas tarefas, notadamente por conceder lastro de legalidade junto às Normas universitárias diante dos

requerimentos dos discentes e, ao mesmo tempo, ponderar as idiossincrasias de cada história de vida dos alunos.

No que concerne ao Conselho do Instituto de Ciências Sociais da UFU (Coincis), participei da esmagadora maioria de suas reuniões durante os meus dezesseis anos de UFU, tendo tido raríssimas ausências justificadas. O Regimento Interno do Incis funcionou com participação universal até 2024, o que levou, em tese, a obrigatoriedade de participação de todos os docentes nas reuniões. Considerando que as reuniões do Coincis são mensais e que a despeito de durante as férias elas serem suspensas, há com certa frequência reuniões extraordinárias, desse modo, transcorreram cerca de duzentas reuniões. Essas, em geral, são produtoras de altos níveis de adrenalina nos conselheiros mais atentos, todavia, necessárias para se deliberar, de forma democrática, sobre pontos polêmicos que atingem a vida acadêmica no Instituto.

Atuei como integrante do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Graduação de Ciências Sociais (Portarias Incis n. 019, 02/09/2016; Dirincis n. 5, 14/11/2017 e Portaria de Pessoal UFU n. 5518, 04/11/2022) por volta de cinco anos. No primeiro período, de 2016 a 2019, fizemos a reformulação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC), que resultou de muita dedicação da equipe para produzir uma proposta de Projeto para atender as novas exigências normativas do MEC, as demandas do mercado de trabalho, o rigor metodológico e científico e conferir caráter mais maleável ao curso para torná-lo atraente e prazeroso para os discentes. Pontualmente, as principais mudanças foram: reformulação das fichas de componentes curriculares, compressão das Monografias, ampliação nos formatos de Monografias, diversificação em atividades acadêmicas complementares, diminuição de componentes obrigatórios, inclusão de componentes eletivos e maior variedade nos optativos. Fazendo um balanço, as gerações de estudantes que passaram a frequentar essa nova versão de curso, vigente a partir de 2020, evidenciaram em suas trajetórias acadêmicas mais fluidez em sua formação, tanto em menor tempo de formatura quanto mais leveza e, ao mesmo tempo, solidez no conteúdo de sua formação. No segundo período do NDE (2022-2024), basicamente os temas tratados resultaram de demandas da Coordenação do curso de graduação, onde eu coordenava, sendo, essencialmente, derivadas das adaptações feitas para a transição entre antigos e novos PPCs, mas disso tratarei mais adiante quando apresentar minhas tarefas de coordenadora de curso.

Tive uma breve experiência como diretora substituta no Incis para cobrir as férias da diretora efetiva, Debora Regina Pastana, por volta de 2016. Embora tenha sido uma experiência passageira e em um momento de aparente apaziguamento universitário,

lembro-me de dois fatos marcantes: assinar a aposentadoria de uma querida colega, Mônica Chaves Abdala, que nos deixaria saudades, e assinar a remoção de um servidor técnico do PPGCS, alvo de improbidade administrativa; o que deixou muito nítido o alto grau de equilíbrio profissional demandado nesse cargo de gestão que envolve assuntos para muito além daqueles de ordem meramente técnica.

No Núcleo de Pesquisa e Extensão em Ciências Sociais (Nupecs) da UFU fui coordenadora em dois momentos, o primeiro entre 2009 e 2010, quando assumi a coordenação de pesquisa, e entre 2022 e 2023 (Portarias de Pessoal UFU n. 240, 14/01/2022 e n. 5465, de 09/10/2022 a 10/04/2023) na função de coordenadora geral.

Na primeira gestão do Nupecs, ao lado da professora Debora Regina Pastana, recuperamos o espaço do Nupecs que naquele momento havia se tornado um depósito com dezenas de caixas de livros, textos, revistas, DVDs, CDs doados de docentes aposentados ou falecidos. O recinto, dividido em dois ambientes, foi totalmente reorganizado com armários, mesas e computadores, a partir de árdua tarefa de seleção de material útil para a área das Ciências Sociais e muitos outros para descarte. O ambiente, finalmente, pode ser utilizado com atividades de pesquisa, extensão e reuniões acadêmicas, inclusive com a disponibilização pela direção do Instituto de uma secretária zelando pelo espaço e acervo.

Já em minha segunda gestão do Nupecs, junto com o professor Márcio Ferreira de Souza, coordenamos o Núcleo, em dois períodos consecutivos, no primeiro, de janeiro ao início de outubro de 2022, finalizamos a gestão da coordenadora geral anterior, Rafaela Cyrino Peralva Dias, que fora transferida da UFU e *pari passu* desenvolvemos as ações para a execução do projeto de pesquisa "Arquivo, história e memória: catalogar para resistir" (conforme já aludido no tópico dois sobre Docência e Formação de Pesquisadores no parágrafo sobre o PBG - Programa de Bolsa de Graduação), finalizado em abril de 2023. Nessa segunda gestão, além de auxiliar o professor Márcio na promoção de ciclo de palestras, centrei esforços na efetivação do projeto do PBG de informatização das obras do Núcleo, cujo objetivo geral consistiu em socializar os acervos tanto do Nupecs quanto do Laboratório de Ensino em Ciências Sociais (Lesoc), pertencentes ao Instituto de Ciências Sociais, para que os seus discentes os usufríssem com uma formação mais sólida, haja vista se tratar de um acervo especializado em diversas vertentes de pensamento dessa área. Os objetivos específicos do projeto foram:

- Preservar as memórias dos diversos grupos sociais registradas nas obras dos acervos do Nupecs e do Lesoc, mantendo viva a pluralidade de vozes contra o monopólio da informação de grupos privilegiados.

- Contribuir na formação do(a) bolsista do Projeto, discente das Ciências Sociais, no manejo técnico, profissional e crítico das ferramentas de catalogação de um acervo especializado em sua área de formação.
- Manter esses acervos devidamente organizados conforme os protocolos da Biblioteconomia, com identificação de obras conforme áreas e subáreas de estudo e seus respectivos autores.
- Informatizar a catalogação dos acervos, mantendo o acesso às obras por meio de pesquisa por autor, título e palavras-chave, bem como sua localização nas estantes físicas do Núcleo e do Laboratório do projeto.
- Preparar os acervos do Nupecs e do Lesoc para a recepção de leitores, contribuindo para a difusão do conhecimento e a socialização de informações para a comunidade do Instituto de Ciências Sociais da UFU.

O *software* utilizado para esse processo de informatização foi o BibLivre, ancorado em diretrizes da Biblioteconomia que permite, por meio das informações catalogadas das obras (ISBN, título, palavras-chave, CDD, CDU, etc.), sua fácil localização nas prateleiras. Dado o exíguo período de vigência desse projeto e da regra da Prograd em não renovar esse gênero de projeto, faltou uma última fase: a etiquetagem das obras; tarefa que, espero, ainda poder retomar em uma futura coordenação do Nupecs, o que será favorecido em função dos *back-ups* que guardamos dessa fase de informatização que foi finalizada.

O Instituto de Ciências Sociais dispõe de uma Coordenação de Extensão - Coextincis, na qual exerci a função de coordenadora entre 2017 e meados de 2019 (Portaria Incis-UFU n. 011, de 07/07/2017 a 07/2019). Durante esses dois anos de gestão participei de reuniões mensais no Conselho Superior de Extensão (Consex), debatendo e deliberando sobre Normas e atividades extensionistas de toda a universidade; conduzi discussões coletivas com representantes do Incis para a elaboração da Minuta de Resolução do Coextincis e emiti pareceres para trinta e seis projetos, eventos, oficinas, minicursos apresentados pelos/as docentes do Incis sobre diversos temas: greve, trabalho, educação, música, afrodescendentes, religião, medicamento, tempo, feminismo, indústria pornográfica, democracia, Venezuela, cotas, cinema, (Pré)Enem, Antropologia e educação, infância, PNAES, gênero, poder, violência, Ângela Davis, guerra Síria-Palestina, métodos e técnicas de Arqueologia, ensino de Ciências Sociais, práticas educativas, situação de rua, saúde, mucamas, fascismo, antiopressão, Arqueologia, Etnologia e História Indígena, além da XVII Semana de Ciências Sociais (Registros no Siex n.s: 15520, 15834, 15937, 16029, 16241, 16242, 16243, 16430, 16519, 16524,

16552, 16576, 16616, 16679, 16681, 18067, 17017, 17050, 17097, 17177, 17533, 17666, 17743, 17859, 18010, 18217, 18580, 19039, 19126, 18293, 19313, 19590, 19636, 19701, 19739 e 19747). Trabalhei de modo solo na emissão desses pareceres, pois ainda não havia sido constituído o Colegiado de Extensão, este passou a vigir na gestão seguinte após a aprovação da Resolução do Coextincis.

Entre os cargos de gestão que assumi na UFU, aquele mais marcante, que certamente representou um divisor de águas em minha trajetória acadêmico-administrativa, foi ser coordenadora do curso de graduação em Ciências Sociais (Cocis) (Portarias de Pessoal UFU n. 3526, de 20/07/2022 a 18/07/2024 e n. 3760 de 19/07/2024 a 09/08/2024), entre 2022 e 2024, com uma gestão integral de dois anos e uma pequena recondução de vinte dias até que eu pudesse finalizar uma importante etapa de inscrição dos alunos na primeira fase do Enade e a coordenadora Pró-Tempore seguinte assumir o cargo. Foi uma experiência intensa e bem recente em minha memória, embora disponha de um relatório circunstanciado das tarefas exercidas durante esse período, tentarei ser o mais objetiva aqui sintetizando-as.

Na condição de coordenadora de curso, presidi cerca de duas dezenas de reuniões de Colegiado do curso, sobre pontos de pautas essencialmente advindos de demandas de discentes (regime especial de aprendizagem, retificação de notas, exame de suficiência, dilação de prazo, permanência de vínculo, opção e reopção de curso), planos de ensino, atas, mas também questões estruturais como elaboração e aprovação de Resoluções sobre Normas para TCC, critérios de nota de recuperação de aprendizagem, Tutoria veterano-calouro, Estágios do curso de Licenciatura, exame de suficiência; criações e inclusões de dois componentes curriculares; inclusões de quinze componentes curriculares externos; remanejamento de vagas ociosas; normas para deveres dos integrantes do Colegiado; avaliação de desempenho docente; processos de denúncias; etc. Os assuntos mais técnicos, especialmente aqueles advindos de demandas discentes sem polêmica sobre a sua deliberação já chegavam no Colegiado sob a forma *ad referendum* por parte da Coordenação para agilizar a vida estudantil, os demais passavam pelo crivo do debate com vistas a garantir decisões democráticas junto aos integrantes do Colegiado.

Analisei pareceres de mais de uma dezena de pedidos de equivalência entre diversos componentes curriculares solicitados pelos discentes, seja em função de já portarem diploma de graduação anterior ou terem cursado componentes externos, e emiti pareceres que figuraram tanto individualmente em seus históricos quanto, quando era o caso, compuseram o próprio PPC com vistas a tornar tal equivalência automática

para futuras demandas de discentes. No Congrad, também exarei vários pareceres, como já descrito no tópico quatro sobre Produção Técnica.

Outras tarefas atinentes à função de coordenadora foram: ajustes de matrículas a cada início de semestre letivo, atendendo à demandas tanto de alunos das Ciências Sociais quanto externos interessados em cursar os nossos componentes curriculares; atendimentos especiais a discentes PCDs (neurodivergentes, autistas, TDAH, etc.) e com dificuldades psicológicas, por vezes graves, em cumprirem a rotina acadêmica; recepção de calouros a cada início de ano letivo com promoção de eventos e esclarecimentos sobre a estrutura do Instituto, o PPC e as Normas da graduação; divulgação de informações de interesse discente (editais, bolsas, eventos, datas importantes, etc.); organização, junto aos discentes e alguns docentes (tutor do PET e coordenadores do Pibid e da Residência Pedagógica) e gestão superior da universidade, do evento "Vem pra UFU" para divulgar o nosso curso aos estudantes do Ensino Médio; participação em três cerimônias de colação de grau dos formandos das Ciências Sociais; elaboração de dois relatórios de avaliação do curso para o Guia da Faculdade do Estadão, no qual alcançamos quatro e cinco estrelas (pontuação máxima) nos anos de 2023 e de 2024, respectivamente⁶; participação em processos seletivos do Pibid, de intercâmbio (inter)nacional, vagas ociosas e remanescentes e transferência *ex-officio*.

Adicionalmente, treinei secretária terceirizada em função de indisponibilidade de técnicos efetivos em greve, diga-se de passagem, a secretária em questão, Andressa Mendes Carrijo, apesar dos breves quatro meses que esteve conosco na secretaria, promoveu mudanças memoráveis na Coordenação, como organização, atualização e melhoria no *layout* do sítio eletrônico da Cocis, notadamente no que concerne às abas do PPC, das atividades acadêmicas complementares e das fichas dos componentes curriculares (dispostos em uma espécie de fichário eletrônico sanfonado e separados por períodos do curso), assim como do aplicativo *Teams* da equipe da Cocis com abas para lembrete, agenda, Normas, organogramas e documentos diversos.

Durante esse período de gestão da Cocis, com o auxílio diário dos secretários/as (efetivos: Thiago Marques e Lourival de Freitas; terceirizadas: Elenice Luiza Alves Ribeiro e Andressa Mendes Carrijo; acrescidas das secretárias do Instituto: Jacqueline de Andrade e Camila de Mattos Faleiros - que revezaram para cobrir o período de três meses de licença-capacitação do primeiro secretário efetivo logo que assumi a Cocis),

⁶ O acesso às estrelas, publicadas pelo Estadão, para o curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia estão disponíveis nos links <<https://avaliacao-de-cursos.quero.com/faculdades/resultado/334769/preview>> e <<https://avaliacao-de-cursos.quero.com/faculdades/resultado/334770/preview>>.

geramos no Sistema de Informação Eletrônica (SEI), nos ambientes da Coordenação e do Colegiado, aproximadamente 4.000 documentos.

Entre todas as tarefas que exerci na Coordenação duas destacaram-se em termos estruturais. A primeira que me ocupou intensamente centenas de horas, foi a efetivação das equivalências entre os PPCs no Sistema de Gestão (SG), muito embora tais equivalências já tivessem sido aprovadas pelo NDE, Colegiado do curso e Incis em 2020 (quando o atual PPC entrou em vigência), em julho de 2022 elas ainda não figuravam no sistema para serem geradas automaticamente nos históricos escolares dos discentes. É fato que nesse período, no início de 2020, fomos assolados pela pandemia de Covid-19, quando tivemos nossas atividades de ensino suspensas por um semestre e depois ministradas remotamente no semestre seguinte, todavia, a partir de 2021 já havíamos retomado a nossa rotina de trabalho presencial em sala de aula e nas secretarias. Não obstante, a tarefa de equivalência entre os PPCs só foi efetivada na minha gestão, quando tão logo assumi a Cocis em julho 2022 já recebia relatos de discentes com componentes curriculares cursados do novo PPC não constando em seus históricos, portanto, sem possibilidade de integralizarem o curso. Os ajustes entre os PPCs no SG que providenciei junto às secretarias na Cocis não se restringiram à adequação da antiga versão para a nova (alteração de códigos, carga-horárias e conteúdo dos componentes), mas também ajustes internos entre os antigos PPCs (de 2006, 2011 e 2016) nas habilitações da Licenciatura e do Bacharelado, cujas carga-horárias das Monografias eram díspares, impedindo a integralização curricular quando da reopção de curso para dupla habilitação. Há outras minúcias de ajustes técnicos a esse respeito, que entendo não ser o caso de tratar aqui, mas que foram abordadas em meu relatório de gestão da Cocis <Processo SEI n. 23117.073151/2024-51>.

A segunda tarefa mestra conduzida em minha gestão na Cocis, a partir de proposta elaborada meticulosamente por Marili Peres Junqueira, incidiu sobre a reestruturação de critérios para oferta dos componentes curriculares, que passaram a observar os fluxogramas do curso de graduação em Ciências Sociais, em suas habilitações de Licenciatura e Bacharelado, de modo a possibilitar, de fato, que os discentes, ao cursarem os componentes ofertados em seus respectivos períodos, conseguissem colar grau no tempo mínimo estabelecido pelo PPC. A logística dessa distribuição ao longo dos dias da semana teve certa complexidade por articular conjunta e simultaneamente componentes das duas habilitações, o que implicou o estabelecimento de certo rigor na fixação de componentes em determinados dias semana, não mais flexíveis para as conveniências exclusivas da disponibilidade docente, logo, não foi sem ruído que essa

modificação estrutural foi recebida pelos docentes do Incis, contudo, apesar de alguns protestos isolados acabou sendo aceita; mas vale ressaltar, que foi deixada a possibilidade de mudança de horário de componentes obrigatórios comuns entre as duas habilitações (salvo os Observatórios) desde que fosse motivada por choque de horário dos docentes com componentes externos; já os componentes optativos ficaram com horários e dias da semana mais livres. Quanto aos benefícios ao corpo discente, essa nova reestruturação de oferta dos componentes curriculares repercutiu de modo muito positivo, sendo atestado pela integralização curricular mais breve de muitos deles que puderam inclusive ter maior previsibilidade sobre os horários das ofertas; por certo que há um conjunto de fatores que corroborou com isso, a exemplo da diminuição quantitativa de Monografias e da maleabilidade do novo PPC com inclusão de componentes eletivos e ampliação dos optativos, além daqueles cursados fora do Incis.

Diante da amplitude dos desafios elencados, tanto de ordem burocrática quanto pedagógica, aprendi que o exercício da escuta é primordial para desenvolver o trabalho de coordenadora de curso, com isso, em um primeiro momento coloquei-me como mais uma secretária na recepção da Secretaria na Cocis para observar o cotidiano dos alunos e dos técnicos; simultaneamente, valorizei muito cada erro cometido nos documentos dos processos em tramitações junto aos vários setores da UFU e absorvi as trocas de ideias e conselhos junto à colegas preciosas/os do Incis, destaco: Marili Peres Junqueira [supervisora da DLIFO (Divisão de Licenciaturas e Formação Docente), da DEPAE (Divisão de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial), do Fórum de Licenciatura, etc.], Debora Regina Pestana (diretora do Incis), Márcio Ferreira de Souza (substituto legal da Cocis) e Jacqueline de Andrade (secretária executiva), além das constantes assistências da Juliana Santesso Bonnas (Dirac) e da Luz Divina (Diaed), sem suas contribuições os êxitos em minha gestão na Coordenação do curso da graduação teriam sido muito abrandados.

Perspectivas futuras

Por estar imiscuída em uma trajetória acadêmico-profissional ainda em curso na universidade, não vejo como pontuar conclusões e colocar um ponto final neste texto. Provocada por alunos, pela sociedade e por minha curiosidade, novos desafios anunciam-se em meu percurso, por isso, são deles que parece fazer sentido abordar no final deste Memorial.

Em princípio, nutro planos em seguir nas atividades de pesquisa, ensino, orientação, extensão e gestão na UFU por vários anos, durante os quais ainda há muito para ser desenvolvido em minha carreira profissional:

1. Continuar a aventura de lecionar para essa geração digital e com a firme missão de mostrar a relevância da área das Ciências Sociais com o seu olhar crítico e propositivo diante da (ad)diversidade e desigualdades socioeconômicas;
2. Reassumir a Coordenação do Nupecs, retomando o projeto "Arquivo, história e memória: catalogar para resistir", de preferência com o apoio de bolsa estudantil para investir em formação de novo(s) discente(s) na produção de pesquisa e ações técnicas na etiquetagem das obras do Nupecs e Lesoc que ficaram pendentes na minha gestão anterior por falta de incentivo orçamentário em bolsas;
3. Reinserir-me no NDE para ajudar a reformular o PPC das Ciências Sociais com vistas, notadamente, à elaboração e implantação da curricularização da extensão demandada pelo MEC;
4. Contribuir com a consolidação do ProfSocio: ministrando componentes curriculares (Metodologia de Pesquisa está previsto para eu assumir em 2025/1), orientando cursistas e reescrever novo projeto de pesquisa ou retomar aquele sobre o Ensino Médio, de preferência com apoio de bolsistas discentes da graduação e/ou da pós-graduação;
5. Expandir o meu projeto sobre arte têxtil com pesquisa comparativa fora do Brasil, provavelmente em um Programa de Pós-Doutorado, *a priori* previsto para 2026/2.
6. Mergulhar em um projeto de pesquisa e extensão sobre arte-terapia com os suportes têxteis, algo que tenho observado dispor de grande potência entre as artistas têxteis de terceira idade, e por que não em outras faixas etárias?

Ao fitar a minha disposição diante desse anúncio de perspectivas vindouras, que por certo serão moduladas conforme as condições objetivas, subjetivas e intersubjetivas

com as quais me depararei no futuro, vem à tona o poema de Cecília Meireles intitulado *Desenho*, no qual ela critica a nossa tendência à explicações cartesianas.

Desenho (1963) - Cecília Meireles

Traça a reta e a curva, a quebrada e a sinuosa
Tudo é preciso.
De tudo viverás.

Cuida com exatidão da perpendicular e das paralelas perfeitas.
Com apurado rigor.
Sem esquadro, sem nível, sem fio de prumo, traçarás perspectivas, projetarás estruturas.
Número, ritmo, distância, dimensão.
Tens os teus olhos, o teu pulso, a tua memória.

Construirás os labirintos impermanentes que sucessivamente habitarás.

Todos os dias estarás refazendo o teu desenho.
Não te fatigues logo. Tens trabalho para toda a vida.
E nem para o teu sepulcro terás a medida certa.

Somos sempre um pouco menos do que pensávamos.
Raramente, um pouco mais.

Rubem Alves, em sua crônica “Ostra feliz não faz pérola” (2021), delineia com primor as condições desse esforço de projetar e fazer cumprir as nossas ações, inclusive aquelas erigidas no mundo acadêmico:

A ostra, para fazer uma pérola, precisa ter dentro de si um grão de areia que a faça sofrer. Sofrendo, a ostra diz para si mesma:

"Preciso envolver essa areia pontuda que me machuca com uma esfera lisa que lhe tire as pontas..."

Ostras felizes não fazem pérolas... Pessoas felizes não sentem a necessidade de criar. O ato criador, seja na ciência ou na arte, surge sempre de uma dor.
Não é preciso que seja uma dor doída... Por vezes a dor aparece como aquela coceira que tem o nome de curiosidade. Esse livro está cheio de areias pontudas que me machucaram. Para me livrar da dor, escrevi.

Assim tentarei seguir feito uma ostra impregnada de curiosidade criadora, transformando dificuldades em pérolas pelo caminho, não obstante a dor, sem perder o riso e a alegria, pois o milagre da vida merece ser celebrado a cada dia.

Referências bibliográficas citadas

- ABDALA, Mônica Chaves; SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes; PAPAVERO, Claude G. Artes tradicionais do fazer: alimentos e *patchwork* em tramas. **Artcultura** (UFU), Uberlândia, v. 20, n. 37, p. 95-111, jul.-dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/47243/25569>. Acesso em: 27 abr. 2025.
- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.s). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.
- ABRAMO, Helena W. **Cenas juvenis: punks e darks** no espetáculo urbano. São Paulo: Seritta/Anpocs, 1994.
- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- AGIER, Michel; GUIMARÃES, Antônio S. A. **Imagens e identidades do trabalho**. São Paulo: Hucitec/Orston, 1995.
- AGIER, Michel; CASTRO, Nadya A. Projeto operário, projetos de operários. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 36, p. 138-176, 1993.
- ANDRADE, Mário Coelho Pinto de. O valioso tempo dos maduros. 1990. **Recanto das letras**. 2014. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/poesias-de-reflexao/4978518>>. Acesso em: 23 jan. 2025.
- ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Paidós, 2021.
- AQUINO, Julio R. Groppa. **Indisciplina na escola**. São Paulo: Summus, 1996.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BAJOIT, Guy; FRANSSEN, Abraham. O trabalho, busca de sentido. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5-6, p. 76-95, maio/dez. 1997.
- BARROS, Neimar de. **Deus negro**. Campinas: Editora Salesiana, 1973.
- BASTIDE, Roger. **Arte e sociedade**. Tradução de Gilda de Mello e Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1971.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. v. 1, São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 165-196.
- BETTO, Frei. **OSP** - Introdução à Política Brasileira. São Paulo: Ática, 1990.

BOTH, Elizabeth. **Família e rede social**: papéis, normas e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns. Trad. Mário Guerreiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BOUDON, Raymond. **Métodos de Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1973.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. Alta costura e alta cultura. **Noroit**, 192, nov. 1974, dez. 1975.

CANCLINI, Néstor Garcia. **A socialização da Arte** - teoria e prática na América Latina. São Paulo: Cultrix, 1980.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CEM FLORES - **Que cem flores desabrochem! Que cem escolhas rivalizem!** Lutas, Teoria. CheGuevara: discurso aos estudantes de medicina e trabalhadores da saúde. 1960. Traduzido de Che Guevara Presente. Disponível em: <https://cemflores.org/2022/03/18/che-guevara-discurso-aos-estudantes-de-medicina-e-trabalhadores-da-saude/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

CERTEAU, Michel de. **Invenção do cotidiano**: Artes de fazer. vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1994, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. São Paulo: Papyrus, 1995.

CHANLAT, Jean-François (coord.). **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1992.

CHIESI, Antonio; MARTINELLI, Alberto. O trabalho como escolha e oportunidade. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5-6, p. 110-125, maio/dez. 1997.

DANIELLOU, François; DURAFFOURG, Jacques; GUÉRIN, François. **Automatiser**: quelle place pour le travail humain? Le nouvelle Automatisme. s/l, s/e, 1982, p. 47-53.

DAUSTER, Tania. Uma infância de curta duração: trabalho e escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 82, p. 31-36, ago. 1992.

DEJOURS, Christophe. **A loucura no trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1992.

DURAND, Jean-Yves. Bordar: masculino, feminino. In: _____. **Reactivar saberes, reforçar equilíbrios locais**. Vila Verde/Portugal: Aliança Artesanal, 2006.

DURKHEIM, Émile. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, vol. XXXIII, 1973.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global, 1986.

- ELIAS, Norbert. **Mozart** - Sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- FERRETTI, Celso J. Trajetória ocupacional de trabalhadores das classes subalternas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 66, p. 25-40, ago., 1988a.
- FERRETTI, Celso J. **Opção trabalho**: trajetória ocupacional de trabalhadores das classes subalternas. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1988b.
- FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2004,
- FRAIBERG, Allison. **Quilts. Soaps. Shopping, and the South**: The Risk of Recuperation Projects in Contemporary Women Studies. *College Literature*, Baltimore, 22(3), p. 142-151, 1995.
- FREIRE, Roberto; BRITO, Fausto. **Utopia e paixão** - a política do cotidiano. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1991.
- FRIEDMANN, Georges. **O trabalho em migalhas**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- GOMBRICH, Ernst. **La imagen y el ojo**. Madrid: Alianza Editorial, 1991.
- GORZ, André. **Crítica da divisão do trabalho**. Trad. Estela dos S. Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- GORZ, André. **Adeus ao proletariado**: para além do socialismo. Trad. Angela R. Vianna e Sérgio G. de Paula. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter, São Paulo: Vértice, 1990.
- HEDGES, Elaine. Quilts and women's culture. **The Radical Teacher**, Pittsburgh, n. 4, p. 7-10, mar. 1977. Disponível em: <https://bit.ly/3AtcQxR>. Acesso em: 07 jan. 2025.
- HELLER, Agnes. Carecimentos e valores. In: ____ **Para mudar a vida**: felicidade, liberdade e democracia. Trad. de Carlos N. Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. Rio de Janeiro: Labor, 1976.
- KLASSEN, Teri. Representations of African American Quilting: From Omission to High Art. **Journal of American Folklore**, Bloomington, 122(485), p. 297-334, 2009.
- LAUTIER, Bruno; PEREIRA, Jaime M. Representações sociais e construção do mercado de trabalho: empregadas domésticas e operários da construção civil na América Latina. **Cadernos CRH**, Salvador, n. 21, p. 125-151, jul./dez. 1994.
- LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. Juventude(s) e transições.

- Departamento de Sociologia, Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 17(2), p. 36-57, nov., 2005.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides J. de Barros. São Paulo: Ática, 1991.
- LEFEBVRE, Henri. **Sociologia de Marx**. Rio de Janeiro: Forense, 1966.
- LEFEBVRE, Henri. Travail et loisir das via quotidienne In: _____. **Critique de la vie cotidienne**. Paris: L'Arche Editeur, 1958.
- LEITE, Márcia de P. **O futuro do trabalho** - novas tecnologias e subjetividade operária. São Paulo: Página Aberta/FAPESP, 1994.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência** – o futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- LIMA, Branca Alves. **Caminho Suave** - alfabetização por imagem. s/l, 72 edição, 1970.
- LINHART, Robert. **Greve na fábrica**. Trad. Miguel Arraes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MACEDO, Carmen. **A reprodução da desigualdade**: o projeto de vida familiar de um grupo de operário. São Paulo: Hucite, 1979.
- MARTINS, Heloísa H. T. de S. O jovem no mercado de trabalho. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5-6, p. 76-95, maio/dez. 1997.
- MARX, Karl; FRIEDRICH, Engels. **O manifesto do partido comunista**. Editora Global, Coleção Universidade popular, 1984.
- MARX, Karl. **O capital**. Crítica da Economia Política. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. vol. I, livro I, tomo I. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã** (Feuerbach). Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Grijalmo, 1977.
- MEIRELES, Cecília. Desenho. 1963. In: _____. **O estudante empírico** (1959-1964). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- MILLS, Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- MORAIS, Fernando. **Olga** - A vida de Olga Benário Prestes judia comunista entregue a Hitler pelo governo Vargas. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1986.
- NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** São Paulo: Edições Aurora, n. 6, p. 1-28, mai. 2016.

- OFFE, Claus. Trabalho: categoria chave da Sociologia? Trad. Lucia Hippolito. **RBCS**, 4(10), p. 5-10, jun. 1989.
- OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. **Modo capitalista de produção**. São Paulo: Ática, 1990.
- PARKER, Rozsika. **The subversive stitch**: embroidery and the making of the feminine. London: The Women's Press, 1986.
- OLIVEIRA, Régia C.; SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da. O adolescente em consulta: percepções biomédicas. **Saúde e Sociedade** (USP), São Paulo, v. 24, n. 3, p. 964-976, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/8FXM7CybZYB8vCqb9R6TyYn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 abr. 2025.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.
- ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Nacional, 1975.
- REBOUL, Olivier. **Filosofia da educação**. São Paulo: Nacional, 1994.
- REYNAUD, Jean-Daniel. **Les règles du jeu**. L'action collective et la régulation sociale. Paris: A. Colin, 1989.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. São Paulo: Cia das Letras, 2019.
- ROSA, Maria Inês. Trabalho - nova modalidade de uso de si e educação: debates/confrontos de valores. **Pro-posições**. Campinas, vol. 11, 2(30), p. 51-60, jul., 2000.
- ROSENBERG, Lia. **Educação e desigualdade social**. São Paulo: Loyola, 1985.
- ROUSSELET, Jean. **Alergia ao trabalho**. Trad. M. José Marinho. Lisboa: Ed. 70, 1974.
- SATO, Leny. **Astúcia e ambigüidade**: as condições simbólicas para o replanejamento negociado do trabalho no chão de fábrica. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (org.). **L'Activité en dialogues**: entretiens sur l'activité humaine. Toulouse, France: Octarès, 2009.
- SCHWARTZ, Yves. **Travail et Ergologie** – entretiens sur l'activité humaine. Toulouse: Octarès, 2003.
- SCHWARTZ, Yves. Trabalho e valor. Trad. Maria das Graças de S. do Nascimento. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, 8(2), p. 147-158, out, 1996.
- SEATON, Beverly. **The language of flowers**: a History. Charlottesville: University of Virginia Press, 1995.
- SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da; OLIVEIRA, Régia C. Sentidos culturais em imagens de telas de *patchwork*. **Proa**: Revista de Antropologia e Arte, Campinas, v. 14,

p.1-33, 2024. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/17598/13413>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da. Sentidos sociais da arte têxtil em *patchwork*: as mulheres, a natureza e a casa. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 30, p.1-49, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/197014>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da. Arte têxtil e a Covid-19: representações em telas de *patchwork*. **Perspectivas da Contemporaneidade**. v. 1, n. 1, p. 97-122. Portugal/Brasil, 2021. Disponível em: <http://www.perspectivas.periodikos.com.br/article/600719c60e88251f7f52383d>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da; JUNQUEIRA, Marili P.; SILVA, Gustavo G. G. B. e. Juventude e Sociologia no Ensino Médio: origens sociais, representações estudantis e possibilidades de ensino. **Teoria e Cultura** - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p.147-161, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/31152>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da; PAPAVERO, Claude G.; ABDALA, Mônica Chaves. Arte e alimento: expressões históricas e culturais em telas de *patchwork*. Dimensões - **Revista de História da UFES**, Vitória, v. 45, p.140-169, jul.-dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/32455/22871>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da; SILVA, Gustavo G. G. B. e; JUNQUEIRA, Marili P.; BARBOSA, Luciano S. P.; SWATOWISKI, Cláudia W. Diversidade social na escola: estudantes de escolas públicas em Uberlândia. **Educação e Políticas em Debate**, Uberlândia, v. 9, n. 3, p. 770-787, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/57887/30148>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da. Être jeune et être adulte: identités, représentations et trajectoires. **Psihologia Socială**, Romênia, n. 43 (I), p. 143-147, 2019. Disponível em: https://observatorsocial.ro/wp-content/uploads/2019/07/Psihologia-social-43_2019_final.pdf. Acesso em: 27 abr. 2025.

SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da; CELONI, Luiz. Trabalho de *patchwork* e sua dimensão triádica: sentidos geométrico conceitual, artístico e simbólico. **Ergologia**, Aix-en-Provence, França, n. 18, p. 105-126, dez. 2017. Disponível em: <https://encurtador.com.br/jRCWr>. Acesso em: 27 abr. 2025.

- SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da; SENKO NETO, Basilio. *Patchwork* artesanal na sociedade contemporânea: sentidos artísticas, mercadológicos e simbólicos In: **Trabalho artístico e técnico na indústria cultural**, ed.1a. São Paulo: Itaú Cultural, 2016, p. 246-263. Disponível em: https://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2017/01/Trabalho_Artistico_e_Tecnico_na_Industria_Cultural-Itau_Cultural.pdf. Acesso em: 27 abr. 2025.
- SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da. Dimensões subjetivas do trabalho: racionalidades alternativas de normas e valores In: PREVITALI, Fabiane Santana (org.a). **Trabalho, educação e reestruturação produtiva**, ed. 1ª. São Paulo: Xamã, 2012, p. 39-54.
- SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da. Táticas operárias de defesa de si: controle da produção fabril, do corpo e dos valores. **Cadernos de Psicologia Social do trabalho** (USP), São Paulo, v. 14, n. 2, p. 297-310, 2011. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cpst/article/view/25709/27442>. Acesso em: 27 abr. 2025.
- SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da. O saber operário e sua inventividade na fábrica. **Trabalho & Educação** (UFMG), Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 9-21, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/8671>. Acesso em: 27 abr. 2025.
- SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da. Sentidos Simbólicos do Trabalho In: PINEZI, Ana Keila Mosca; CAMARGO, Cláudio L. de C.; SILVA, Sidney Jard da. **Diálogo de saberes para a ação cidadã**: práticas de pesquisa, mundo do trabalho e novas tecnologias. Santo André: Universidade Federal do ABC; Prefeitura Municipal de Santo André, 2009, v. II, p. 58-70.
- SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da. La gestion de soi dans la réinvention des normes: pratiques et subjectivité au travail. **Ergologia**, Aix-en-Provence, França, v. 2, p. 25-56, set. 2009. Disponível em: https://teste.ergologia.org/wp-content/uploads/2022/08/2-2_da_silva.pdf. Acesso em: 27 abr. 2025.
- SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da. A gestão de si na reinvenção das normas: práticas e subjetividade no trabalho. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 17, n. 4, p. 111-123, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/NmVNVBqzbYCXLngQ5f3Lvcx/?lang=pt>. Acesso em: 27 abr. 2025.
- SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da. Trabalho e quimeras: dilema vivido pelo jovem operário In: PENTEADO, Cláudio L. de C.; SILVA, Sidney Jard da (org.s). **Diálogo de saberes para a ação cidadã**: educação, cultura e trabalho, ed.1a. Santo André:

Universidade Federal do ABC e Prefeitura Municipal de Santo André, 2007, v. I, p. 117-139.

SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da Silva. **A gestão de si na reinvenção das normas**: práticas e subjetividade no trabalho. Tese (Doutorado em Sociologia) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-17122007-111021/pt-br.php>. Acesso em: 28 abr. 2025.

SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da. Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. **Tempo Social** (USP), São Paulo, v. 17, n. 2, p. 396-400, nov. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/M9ZFpBkPXBZrc9MzJjMRS/>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da. Trabalho e quimeras: dilema vivido pelo jovem operário. **Cadernos CERU** (USP), São Paulo, série 2, v. 15, p. 59-76, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/75324>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da. A sociabilidade de jovens operários. **Extensão e Cultura** (UFG), Goiás, v. Ano VI, p. 71-74, 2004.

SILVA, Cristiane Aparecida Fernandes da Silva. **Trabalho e quimeras**: dilema vivido pelo jovem operário. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-06072003-222726/pt-br.php>. Acesso em: 28 abr. 2025.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Regina Gomide Graz: modernismo, arte têxtil e relações de gênero no Brasil. **Revista do IEB**, n. 45, p. 87-106, 2007. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rieb/article/view/34583>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SIMMEL, George. A sociabilidade: exemplo de Sociologia pura ou formal. In: _____. (org.). **Questões fundamentais da Sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SPOSITO, Marília P. Estudos sobre a juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Anped, n. 5, maio/jun./jul./ago., n. 6, set./out./nov., p. 37-52, 1997.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1987.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da Sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora UnB, 1994.

Apêndice

Entre as centenas de telas de *patchwork* produzidas pelo Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo, destaco aqui vinte e uma delas por retratarem os principais eixos temáticos de suas exposições desde 1996. Percebe-se na primeira tela o trabalho conjunto de mulheres emendando pedaços de tecidos e compondo uma colcha de *patchwork*; em seguida três telas sobre alimentos e bebidas regionais (arroz com pequi, chimarrão e caipirinha); na sequência duas telas sobre a flora, um mandacaru representando a resistência da cultura nordestina e um vaso jorrando flores em analogia à música de protesto de Geraldo Vandré “Para não dizer que não falei das flores”; depois duas telas retratam o samba, uma com Adoniran Barbosa e outra com dançarinos sobre a laje de uma casa; as três seguintes exibem a infância com suas brincadeiras; a outra mostra uma figura religiosa e austera; na sequência um retrato da dinâmica dos transeuntes na movimentada Rua 25 de março em São Paulo; as três subsequentes representam praias brasileiras, uma com um nostálgico fusca, outra com lixo sobre a areia e a terceira com crianças afrodescendentes em trabalho ambulante; as duas posteriores também revelam o labor, sendo a primeira o trabalho infantil com reciclagem e a segunda o trabalho de lavadeira na beira de um rio; a penúltima mostra, de forma sinistra, um bioma devastado por queimada e animais desolados; por fim, a última desvela a situação dos sem-teto em contexto pandêmico impossibilitados de se protegerem contra o vírus da Covid-19.



Figura 1 – **Solidariedade** (2005), de Rute Sato. Tela em tecido. Fonte: Mostra dos Mestres. Festival Internacional de *Quilt* e *Patchwork* em Gramado, Rio Grande do Sul. Publicada na Revista *Patch & Têxtil* (2013, p. 55).



Figura 2 – **Pequis, flores, frutos, perfumes... sabores** (2006), de Rita Rocco. Tela em tecido. Fonte: Exposição Mandalas do Pantanal. Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo. Foto: Urbana Garcia Campagner.



Figura 3 – **Chimarrão: gosto amargo, doces encontros!** (2016), de Marion Guimarães Luiz. Tela em tecido. Fonte: Exposição Brasil: Cheiros, temperos e sabores, do Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo. Foto: Cristiane Fernandes.



Figura 4 – **Santa Caipirinha** (2014), de Wagner Vivan e Benigna Rodrigues da Silva. Tela em tecido. Fonte: Exposição Paixões Brasileiras: nossa terra, nossa gente, do Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo. Foto: Cristiane Fernandes.



Figura 5 – **Amanhecer no sertão** (2019), de Estela Mota. Tela em tecido. Fonte: Exposição Brasil: em busca do paraíso perdido, o mundo das flores e das ervas, do Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo. Foto: Cristiane Fernandes.



Figura 6 – **Para não dizer que não falei das flores** (2019), de Urbana Garcia Campagner. Tela em tecido. Fonte: Exposição Brasil: em busca do paraíso perdido, o mundo das flores e das ervas, do Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo. Foto: Cristiane Fernandes.



Figura 7 – **Adoniran... o último trem** (2014), De Rita Rocco. Tela em tecido. Fonte: Exposição *Paixões brasileiras: nossa terra, nossa gente*, do Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo. Foto: Cristiane Fernandes.



Figura 8 – **Samba ao luar** (2014), de Gláucia Maria Campelo. Tela em tecido. Fonte: Exposição *Paixões brasileiras: nossa terra, nossa gente*, do Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo. Foto: Gláucia Maria Campelo.



Figura 9 – **Eu e a amarelinha** (2016), de Rita Rocco. Tela em tecido. Fonte: Exposição Brasil: quintais, sítios e fazendas, do Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo. Foto: Cristiane Fernandes.



Figura 10 – **Momento singelo** (2016), de Rute Sato. Tela em tecido. Fonte: Exposição Brasil: quintais, sítios e fazendas, do Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo. Foto: Rute Sato.



Figura 11 – **A magia da bola** (2015), de Rute Sato. Tela em tecido. Fonte: Exposição Paixões brasileiras: nossa terra, nossa gente, do Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo. Foto: Rute Sato.



Figura 12 – **Anchieta: um visionário** (2003 e 2004), de Benigna Rodrigues da Silva e Wagner Vivan. Desenho e pintura de Hilda Souto. Tela em tecido. Fonte: Exposições “São Paulo 450 anos” & “Isto é Brasil”, do Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo. Foto: Urbana Garcia Campagner.

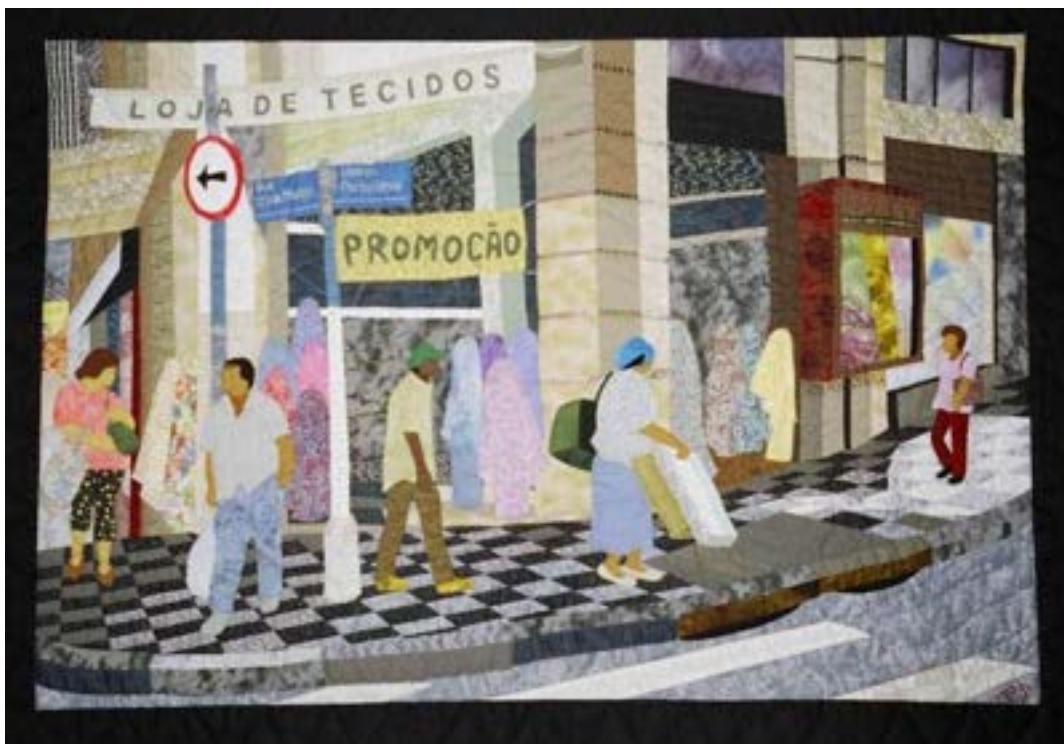


Figura 13 – **Rua 25 de março** (2004), de Rute Sato). Tela em tecido, Fonte: Exposição: São Paulo 450 anos, do Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo. Foto: Rute Sato.



Figura 14 – **Feriadão na 25** (2018), de Rute Sato. Tela em tecido. Fonte: Exposição Brasil: lugares inspiradores, do Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo. Foto: Rute Sato.



Figura 15 – **A minha, a sua... a nossa praia. Quem nunca?** (2018), de Rita Rocco. Tela em tecido. Fonte: Exposição Brasil: Nas ondas da imaginação – litoral brasileiro, do Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo. Foto: Cristiane Fernandes.



Figura 16 – **Retrato do descuido/Portrait of Carelessness** (2017), de Rute Sato. Tela em tecido. Fonte: *International Quilt Festival* – Houston, Texas/EUA. Foto: Rute Sato.



Figura 17 – **Vendedores de praia** (2019), de Rute Sato. Tela em tecido. Fonte: Exposição Brasil: nas ondas da imaginação, do Clube Brasileiro de Patchwork e Quilting de São Paulo. Foto: Rute Sato.

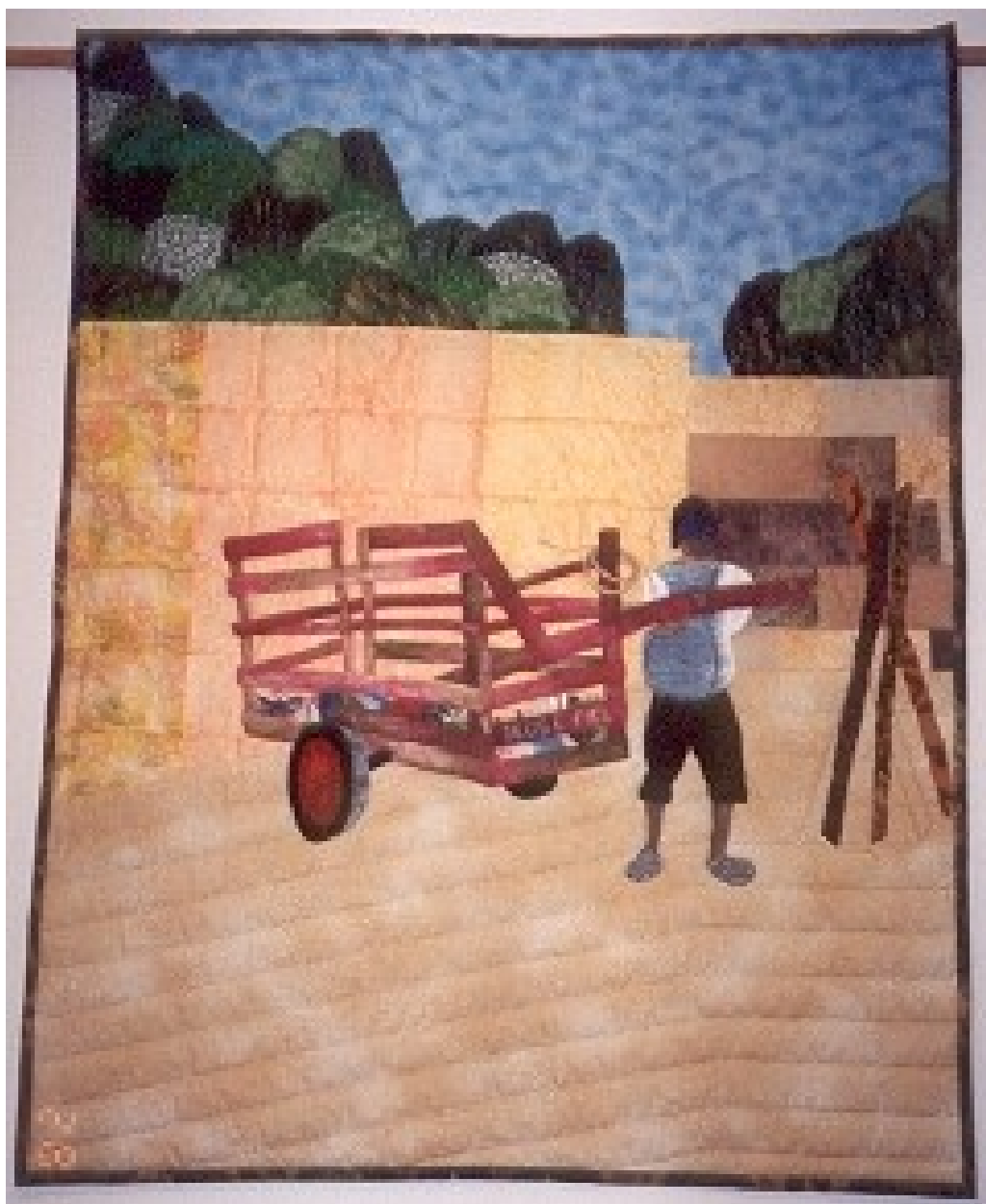


Figura 18 – **Catador de recicláveis** (2003), de Urbana Garcia Campagner. Tela em tecido. Fonte: Exposição Isto é Brasil, do Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo. Foto: Urbana Garcia Campagner.



Figura 19 – **Lavadeira do rio** (2013), de Rute Sato. Tela em tecido. Fonte: Exposição Brasil: O fascinante mundo das águas, do Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo. Foto: Rute Sato.



Figura 20 – **Natureza em prantos** (2020), de Rute Sato. Exposição Brasil: em busca do paraíso perdido – flores e ervas, do Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo. Foto: Rute Sato.

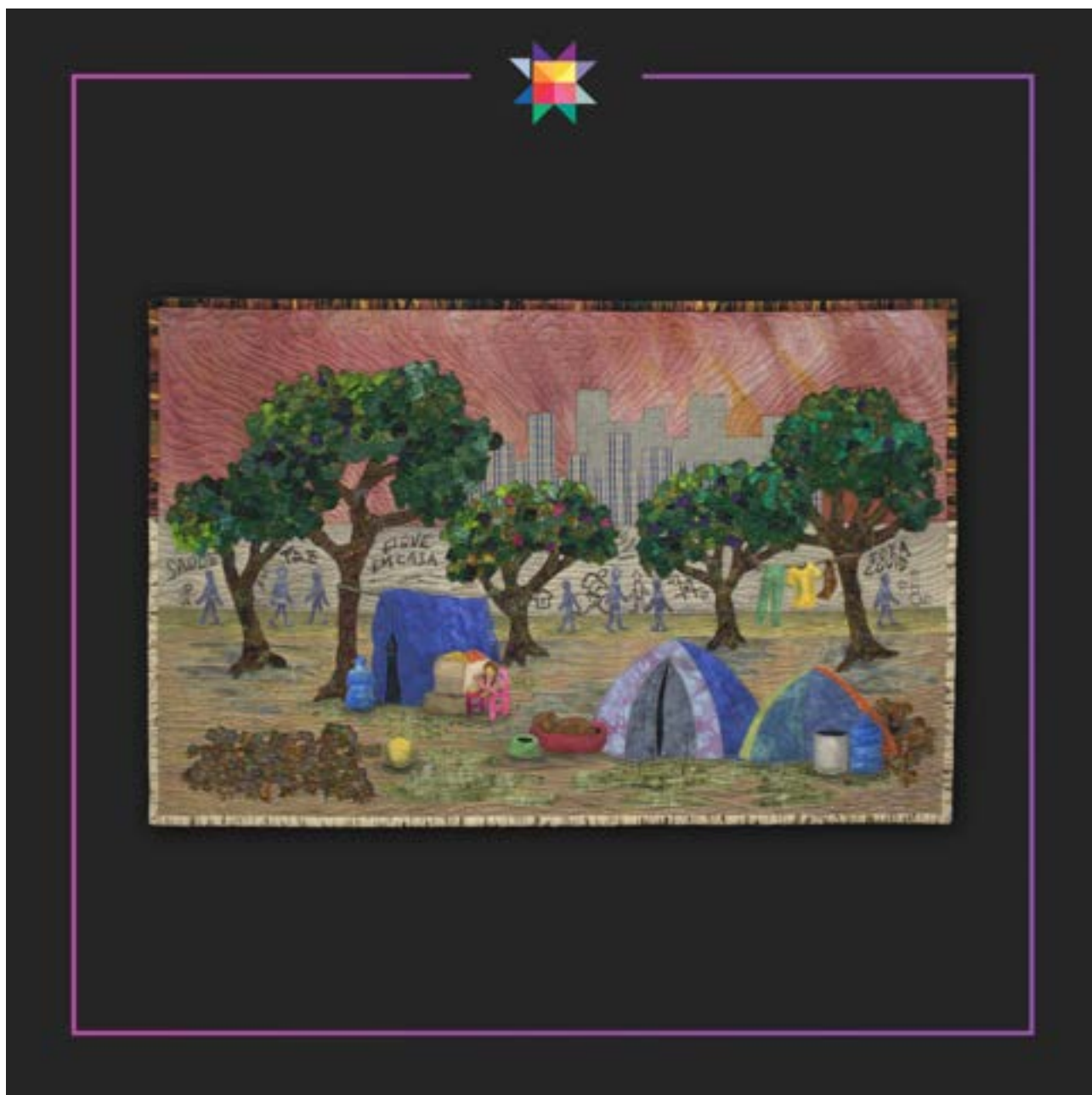


Figura 21 – **Hashtag fique em casa** (2021), de Rute Sato. Tela em tecido. Exposição Brasil – os significados da casa em 2020-2021, do Clube Brasileiro de *Patchwork* e *Quilting* de São Paulo, no Festival *Quilt e Patchwork* 2021, Gramado, Rio Grande do Sul. Reprodução: site do evento.